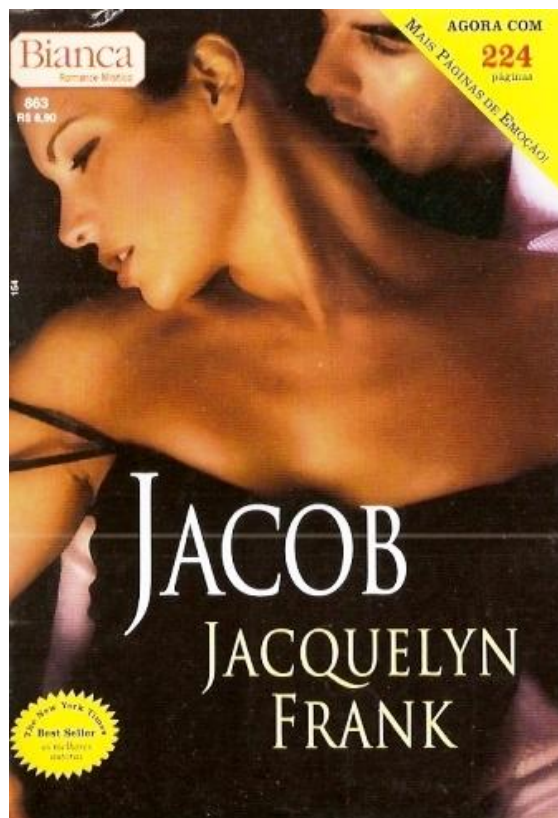


JACOB

Jacquelyn Frank



1º livro da série Nightwalkers

Desde o início dos tempos existem os Nightwalkers - seres noturnos que vivem nas sombras a lua. Amar uma humana é absolutamente proibido, e um homem garante o cumprimento dessa antiga lei: Jacob, o Defensor... Por 700 anos ele resistiu à tentação, imune aos desejos proibidos, ao apetite incontrolável ou à maldição da lua. Seu controle é total, até o momento em que ele vê Isabella numa rua sombria de Nova York. Salvar a vida daquela jovem não faz parte de seus planos... Tampouco Jacob estava preparado para a força dos sentimentos que ela lhe desperta. Mas, no momento em que acolhe nos braços, o delicado e tentador corpo feminino, uma atração poderosa explode entre eles, uma paixão proibida que sobrepuja tudo aquilo em que Jacob sempre acreditou e que sempre defendeu...

Digitalização e Revisão: Irany



Jacquelyn Frank - [Nightwalkers 01] – Jacob
(*Bianca Místico 863*)

Copyright © 2006 by Jacquelyn Frank
Originalmente publicado em 2006 pela Kensington Publishing Corp.
PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.
NY, NY-USA

Todos os direitos reservados.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com
pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.
Proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação, seja qual for o meio,
eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa da Editora Nova Cultural
Ltda.

EDITORA
Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS
Patricia Chaves
Silvia Moreira

EDIÇÃO DE TEXTO
Tradução: Debora Guimaraes
Revisão: Giacomo Leone

ARTE
Monica Maldonado

ILUSTRAÇÃO
Thomas Schluck

MARKETING/COMERCIAL
Andrea Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA
Sonia Sassi

PAGINAÇÃO
Dany Editora Ltda.

© 2008 Editora Nova Cultural Ltda.
Rua Paes Leme, 524 - 10 andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP
www.novacultural.com.br

Capítulo I

Como era ridiculamente simples causar-lhes dano.

De cima, ele os via caminhar pela rua deserta. Seus olhos escuros eram firmes, atentos. O macho humano estava tão distraído com o flerte e com sua fêmea, que não teria chance de protegê-la contra o Mal, caso fossem surpreendi-dos por uma ameaça. E se saltasse do alto sobre eles de onde estava, no alto de um poste de luz?

Entretanto, nesse caso o termo "surpreendido" não seria uma palavra adequada para descrever a situação. E a questão em tomo de poder ou não se defender também era fútil e absurda. Um humano contra um individuo de sua espécie?

Jacob, O "Defensor", sufocou uma risada sardônica.

A mulher ruiva fizera uma escolha pobre, em sua opinião.

Nenhum homem de respeito teria encorajado a parceira a sair numa noite tão proibitiva. Questões místicas à parte, a rua que percorriam era conhecida por sua péssima reputação. Sombras ameaçadoras mudavam de lugar, transportando com elas perigos desconhecidos para os simples sentidos humanos. Nuvens dançavam no céu e brincavam com a luz incerta da lua.

O casal continuava caminhando pela rua, seguindo seu passeio sem perceber a presença camuflada.

E ainda havia a aproximação do outro.

Jacob inclinou a cabeça, acompanhando com atenção e cautela os movimentos do outro ser, ainda distante da cena. As características de aço e concreto plantado pela mão humana na cidade representavam um obstáculo para os aguçados e favorecidos sentidos do Defensor, mas ainda assim, ele podia acompanhar com facilidade o progresso daquele que se aproximava. O Demônio, mais jovem e inexperiente, comportava-se com descuido, focado como estava no objetivo.

A fêmea humana.

Jacob reconhecia a voracidade, a fome do jovem Demônio, sentindo-a como uma sucessão de ondas opressoras e pungentes, como O almíscar que marcava

a luxúria incontrolável. O jovem Demônio, Kane, esse era seu nome, entrava e saía de sua existência sólida enquanto se aproximava da ruína. Sua fixação o tomava singularmente obstinado e obtuso para tudo que o cercava. Ele não tinha idéia de que O Defensor O perseguiria, de que esperava resoluto por seu próximo ato.

Kane surgiu de repente na calçada, em meio a uma explosão de nuvens de fumaça, exalando o cheiro forte e característico do enxofre. Ele se mantinha alguns metros atrás do casal de desconhecidos, e O transporte não fora notado, apesar da exibição incauta e até um pouco vaidosa.

Jacob esperou, sentindo a tensão afetar todo O seu sistema nervoso. Experimentava uma forte urgência que O impelia a interferir, mas era seu dever deixar o outro seguir seu caminho, assumir O compromisso com seu curso. Só então teria a justificativa para impor sobre ele, as leis de seu povo. Durante todo o tempo, ele clamava ao destino para que Kane recuperasse O controle e se afastasse dali.

Enquanto dava ao outro uma última chance para mudar de idéia, Jacob permanecia sentado como uma estatua de pedra, observando Kane seguir pela rua percorrida recentemente pelo casal. Quando ele passou por baixo do Defensor, ainda despercebido e empoleirado sobre o poste de luz, e fez menção de aproximar-se da presa para o ataque final, Jacob se lançou no ar num salto leve e flutuante que O levou diretamente do alto do poste à calçada. Não houve nenhum som quando seus pés tocaram O metal frio, nenhum farfalhar das roupas que o cobriam quando ele aterrissou numa demonstração de equilíbrio perfeito, graça e agilidade. O único sinal revelador de sua presença foi o repentino movimento da luz, como uma vela tremulando. E ainda assim, Jacob levou apenas um momento para compensar a alteração, fazendo os outros lá embaixo perceberem a movimentação como uma ocorrência normal, embora, na realidade, a luz continuasse brilhando e se projetando com progressivos espasmos de protesto.

Ele também mantinha os pensamentos ocultos sob sua camuflagem projetada. Sabia que, mesmo dominado por aqueles instintos mais selvagens e primitivos, Kane o sentiria se não se protegesse. Porém, um sussurro abafado no fundo de sua mente suplicava para que cometesse um erro. Só uma vez. Só desta vez. Um pequeno erro, murmurava a voz, e Kane, tão querido e importante para você,

sentira sua presença e seus pensamentos. Deixe-o ter a chance que negou a tantos outros.

Ninguém jamais saberia o que Jacob sacrificava para calar esse sussurro persistente e envolvente. Por mais forte que fosse a voz e a vontade de segui-la, não podia ignorar seu dever.

Assim, em vez de cometer O erro, ele viu Kane usar seus poderes contra o vulnerável casal. De repente, o macho humano se virou e caminhou para longe da morra, abandonando-a sem nenhuma razão e sem explicar por que O fazia, sem sequer ter consciência do que fazia. A ruiva girou sobre os calcanhares, encarando o Demônio que se aproximava. Ela era linda. Jacob notou sua beleza quando ela se voltou para a luz. Tinha longos e abundantes cabelos ruivos que desciam por suas costas como uma cascata de caracóis. Era fácil entender por que ela havia atraído Kane. E não foi O Defensor em Jacob que permitiu que um breve e tremulo sorriso brincasse com os cantos de sua boca.

Kane aproximou-se da ruiva, completamente confiante em seu poder sobre ela, e estendeu a mão para tocar o rosto de traços delicados. Jacob via o brilho fascinado nos olhos da moça, a manipulação de sua mente tomando-a dócil e submissa, convencendo-a a oferecer o rosto a carícia aparentemente afetuosa.

O afeto era uma mentira. O que começaria com uma gentileza não terminaria da mesma maneira. Era a natureza das criaturas de sua raça, e era inevitável. Por isso não podia dar a Kane mais um aviso além das centenas... Não... Milhares que já havia dado antes dessa noite.

Jacob já havia visto o suficiente.

Ele saltou no ar com incrível leveza, o corpo alongado agia descrevendo um arco para trás e realizando vários saltos até aterrissar atrás da bela mulher ruiva sem produzir nenhum som. Descartou a camuflagem tão rapidamente, que Kane sobressaltou-se e arregalou os olhos. Ele ficou como que paralisado ao ver Jacob, e o mais velho deduziu quais poderiam ser os pensamentos do jovem Demônio.

O Defensor estava ali para puni-lo.

Pensar nisso foi suficiente para fazer Kane engolir em seco numa visível demonstração de medo e apreensão. Ele afastou a mão do rosto da ruiva como se os dedos queimassem, e sua concentração foi interrompida, libertando-a do

encanto. Ela piscou, percebendo subitamente que se encontrava entre dois homens desconhecidos e num lugar onde nem sabia como havia chegado.

- Mantenha o controle sobre sua mente, Kane. Não tome a situação ainda pior apavorando-a.

Kane obedeceu imediatamente, e a jovem relaxou, sorrindo como se estivesse na agradável companhia de velhos amigos, completamente em paz.

- Jacob, o que o fez sair de casa numa noite como essa?

Jacob não se deixou distrair pela conversa aparentemente casual de Kane ou por sua inútil tentativa de salvar as aparências, fingindo uma calma que estava longe de sentir. O Defensor já sabia que o rapaz não tinha maldade em seu coração. Kane ainda era relativamente imaturo e destreinado e, considerando as condições daquela noite em especial, era fácil para ele se deixar desencaminhar por sua natureza mais primitiva.

Mas isso não mudava os fatos com que lidava nesse momento. Kane havia sido pego com a mão na massa. Literalmente. Sua reação sobressaltada e imediata era tentar encontrar uma via de fuga, uma maneira de escapar da punição que sabia ser iminente. Ele começaria com uma tentativa de humor e continuaria utilizando todas e cada uma das ferramentas em seu arsenal.

- Você sabe por que estou aqui - respondeu Jacob, anulando essas ferramentas sem nenhuma dificuldade, empregando um tom frio e disciplinado que prevenia Kane contra o perigo de testar sua paciência.

- Talvez eu saiba, Kane concordou, seus olhos azuis e escuros buscando O chão enquanto as mãos sumiam dentro dos bolsos da calça.

- Eu não ia fazer nada. Estava apenas... Inquieto.

- Entendo. Estava inquieto, e então pensou em seduzir essa mulher para passar O tempo e acalmar sua agitação? - Jacob perguntou sem rodeios, cruzando os braços sobre O peito, numa atitude que radiava uma aparente severidade, Como se ele censurasse uma criança difícil. Era um pensamento divertido, considerando que Kane estava prestes a entrar em seu segundo século de vida. Mas a questão era seria demais para que Jacob pudesse rir.

- Não ia machucar a mulher - protestou Kane. Jacob sabia que Kane acreditava mesmo nisso.

- Não? - ele devolveu. – E o que ia fazer? Perguntar educadamente se poderia despejar sobre ela a selvageria de sua natureza?

Kane guardava um silêncio teimoso. Sabia que Jacob lera suas intenções desde o primeiro momento, quando começara a perseguir a presa. Argumentos e negativas só tomariam a situação ainda pior. Além do mais, a evidência incriminadora de sua transgressão estava bem ali, em pé entre os dois.

Por um momento breve e apaixonado, os pensamentos de Kane foram invadidos por nítidas imagens mentais do que poderia ter sido ainda mais incriminador. Ele conteve um arrepio, uma resposta pecaminosa, e os olhos buscaram discretamente a mulher que, serena, continuava parada diante dele. Se Jacob tivesse sido um pouco menos perfeito em sua irritante mania de cumprir o dever que lhe fora atribuído, se chegasse meia hora mais tarde...

- Kane, esse é um momento difícil para nosso povo. Você é tão suscetível a esses impulsos básicos quanto qualquer outro Demônio - Jacob disse com determinação implacável. - Mesmo assim, faltam apenas dois anos para completar dois séculos de vida e se tornar um adulto. Não acredito que me tenha obrigado a sair atrás de você como se fosse um adolescente sem controle sobre o próprio corpo. Pense no que eu poderia estar fazendo, se não estivesse aqui salvando você de si mesmo.

Os traços angulosos de Kane se tingiram de vermelho em consequência da vergonha que Jacob depositava intencionalmente a seus pés. A reação era prova de que sua consciência voltava a funcionar, que seu senso de moralidade, sempre tão inatacável, encaminhava-se para a plena restauração.

- Sinto muito, Jacob. Realmente - ele disse por fim, dessa vez com sinceridade, não como um truque para tentar desarmar o Defensor.

Jacob podia até testar a sinceridade das palavras, pois, ele havia parado de olhar para a ruiva como se esperasse vê-la servida numa bandeja de prata.

A presença dinâmica do Defensor estabilizava seus princípios, e Kane ia percebendo que colocara Jacob numa posição difícil, insustentável, chegando a ponto de, talvez, prejudicar o relacionamento entre eles. Sua garganta estava oprimida pelo remorso.

Era um sentimento tão poderoso quanto o medo que crescia em seu peito. Raiva por traído à santidade das leis de seu povo, e a punição para essa infração - era

grave. Um castigo que fazia toda uma espécie prender a respiração e recuar sempre que O Defensor se aproximava. De repente, Kane podia sentir nitidamente O peso da posição de Jacob, essa percepção acentuava O pesar a ponto de sentir uma dor física no peito.

- Quero que mande essa mulher de volta para casa em segurança e certifique-se de apagar tudo que aconteceu aqui de suas lembranças. Não quero que ela se lembre de seu péssimo comportamento - Jacob instruiu com tom contido enquanto assistia ao tumulto de emoções no rosto de Kane. - Depois, quero que vá para casa. Sua punição vai ficar para mais tarde.

- Mas eu não fiz nada! - Kane reagiu num impulso apavorado.

- Teria feito, Kane. Não piore as coisas mentindo para você mesmo. Só vai conseguir se convencer de que sou O vilão que todos acreditam que sou. E isso só nos trará sofrimento.

Kane reconheceu a verdade e experimentou uma nova onda de culpa. Suspirando com determinação, fechou os olhos e concentrou-se por um segundo. Momentos mais tarde, O rapaz que acompanhava a ruiva retomava com passos leves e um sorriso radiante no rosto.

- Ei, onde você se meteu? Virei a esquina, e de repente você não estava mais do meu lado!

- Desculpe. Acho que me distrai com alguma coisa e não percebi que nos afastamos, Charlie.

Charlie segurou o braço da acompanhante e, sem notar a presença dos dois Demônios tão próximos deles, afastou-se da cena.

- Muito bom - Jacob aprovou, olhando para Kane com ar aliviado. O jovem Demônio estava se tomando eficaz com o amadurecimento.

Kane suspirou, a voz soando triste como se tivesse sofrido uma terrível perda.

- Ela é tão linda! Viu aquele sorriso? Tudo em que conseguia pensar era como eu queria vê-la sorrindo quando... Corou e olhou para o Defensor. - Jacob, nunca pensei que isso aconteceria comigo - confessou. - Precisa acreditar em mim.

- Eu acredito. - Jacob hesitou por um momento, deixando claro pela primeira vez, que essa havia sido uma terrível missão para ele, por mais que houvesse

projetado segurança e firmeza. - Não se preocupe, Kane. Sei quem você realmente é. Sei como essa maldição é difícil, como temos de nos empenhar para combatê-la. Agora - ele retomou O tom profissional -, por favor, volte para casa. Abram está esperando por você.

Dessa vez Kane não cedeu a trepidação que ameaçava dominá-lo. Controlava-se pelo bem de Jacob, pois sabia como a situação o afetava profundamente, embora ele guardasse seus pensamentos com cuidado, impedindo-o de lê-los.

-Jacob, cumpra seu dever como teria feito com qualquer outro. Eu saberei entender.

Kane se despediu do Defensor com um rápido movimento de cabeça, um gesto que revelava proximidade e, ao mesmo tempo, respeito inabalável. Depois de olhar em volta e certificar-se de que não era observado, ele explodiu numa nuvem de enxofre e fumaça, transportando-se para longe dali.

Jacob ficou parado na calçada por longos momentos, seus sentidos atentos até ter plena confiança de que Kane realmente havia voltado para casa. Não seria novidade um Demônio tentar fugir e esconder-se por medo de ser punido. Mesmo assim, Kane seguia o caminho que lhe fora indicado, demonstrando mais uma vez sua boa intenção.

Jacob olhou para trás, para o fim da rua, onde O casal havia desaparecido. Nunca deixava de espantar-se com a total falta de instintos do ser humano. Apesar de todo o avanço tecnológico e científico de sua civilização, eles haviam perdido algo de grande valor quando abriram mão de suas intuições selvagens. Aquela mulher viveria eternamente ignorante sobre o quanto estivera próxima de um terrível perigo. Encontrar um Demônio desgarrado a sombra de uma lua amaldiçoada, era algo que nenhum mortal deveria desejar.

Jacob libertou-se do domínio da gravidade e ergueu-se no ar, causando apenas uma leve brisa com seu deslocamento. Seu corpo alongado e atlético cortava a noite como uma lâmina afiada e cintilante. Ele passou flutuando por edifícios, causando a oscilação da intensidade de luz produzida por algumas lâmpadas da via pública. Depois de subir alguns metros, sumiu no céu claro da noite.

Ali Jacob hesitou. Parou para estudar a lua brilhante com uma apreensão que não conseguia evitar. Era sempre assim semanas antes e semanas depois da lua cheia de Beltane, na primavera, e da lua de Samhain no outono. Essas datas eram sagradas para os Demônios, mas, ao mesmo tempo, era o centro da

maldição que os afligia. A inquietação entre os de seu povo só se tomaria pior na próxima semana, quando ocorreria a lua cheia. Haveria mais fugas entre os jovens e adultos. Até os anciões teriam seu controle seriamente tentado.

Jacob havia sido escolhido para o papel de Defensor por uma razão. Ele era um exemplo de controle. Até o Demônio monarca era considerado mais suscetível a loucura da lua cheia do que ele, e isso era muito, considerando que em seus quatrocentos anos como Defensor, Jacob nunca fora chamado para conter Noah, o Rei dos Demônios.

Jacob era grato por isso. Os poderes de Noah eram uma força que preferia não ter de enfrentar. O rei não conquistara sua posição por direito de herança ou laços de sangue, como acontecia com os soberanos da história dos humanos, mas por sua capacidade de liderança e pé a superioridade de seu poder.

Jacob iniciou O vôo de volta entretido com pensamentos filosóficos. Como fora que Noah o escolhera? Só um líder corajoso podia fazer a melhor escolha, mesmo sabendo que um dia poderia se arrepender dela.

Noah ergueu os olhos da leitura, sentindo a energia da aproximação de Jacob muito antes de ele entrar por uma janela alta na forma de uma leve chuva de poeira. Observou o recém-chegado, que agora flutuava sobre O piso em sua forma sólida. Jacob retomou sua relação com a força da gravidade lentamente, descendo com a graça fluida que estava sempre presente em seus movimentos naturais.

O rei permanecia sentado, seu corpo de proporções impressionantes preenchendo completamente a moldura de carvalho da cadeira de espaldar alto. Enquanto Jacob se valia do poder da agilidade e da velocidade, Noah prevalecia pela força física e pela imponente musculatura. Era fácil perceber sua estrutura larga e forte sob a calça de montar e a camisa de seda que realçava os ombros imponentes. Noah tinha um estilo próprio de elegância, que era demonstrada na atitude relaxada e na maneira como ele mantinha as pernas cruzadas apoiando um tornozelo sobre O joelho. Ele continuou sentado por mais alguns instantes, observando atentamente O Defensor.

- Presumo que tenha encontrado seu irmão mais novo em tempo de impedi-lo de causar maiores problemas.

- É claro que sim - Jacob respondeu, riscando instantaneamente a perseguição a Kane da lista de assuntos que se dispunha a discutir naquele momento.

Noah entendeu a mensagem silenciosa e aceitou os termos e os limites impostos pelo velho amigo. Viu Jacob se servir de um drinque, parar para cheirar O conteúdo de um copo e encará-lo com uma sobrancelha erguida.

- Leite - disse Noah.

- Sim, eu sei que é leite - Jacob respondeu impaciente.

- Mas... Leite de que?

- De vaca. Mas é importado do Canadá. Não foi pasteurizado nem processado.

- Hum... Esperava coisa melhor em sua casa, Noah.

- As crianças estavam aqui. Qualquer coisa melhor teria sido forte demais para elas. Se já são terríveis sem estimulante... Nem quero pensar em como teria sido perseguir os seis pequenos encenqueiros. Minha irmã não é capaz de contê-los. Lembra-se de como ela era quando pequena, não? - O rei balançou a cabeça. - Imagine os filhos dela. E seis!

Jacob riu do comentário aflito, levando o copo aos lábios e sorvendo um gole da bebida.

- Sua irmã Hannah criou O primeiro problema antes mesmo de respirar - disse, fazendo um intervalo para beber mais um pouco do leite. - A propósito, não pretendo dar as costas para nenhum de seus parentes nos próximos dias. - Ele ergueu O copo num brinde que era pura provocação entre amigos. - É claro que estou excluindo Legna desse lado notório de sua genética - Jacob acrescentou com generosidade.

- É claro - Noah respondeu em tom seco.

- Sim, minhas irmãs são diametralmente opostas.

- Como estão as crianças? Sua irmã deve estar enlouquecendo com o esforço para tentar mantê-los todos sob controle, considerando as circunstâncias atuais.

- Por força do hábito, Jacob ergueu o olhar, indicando a lua que nenhum deles podia ver.

- Por que acha que Hannah os trouxe para cá? Deve ter imaginado que a presença imponente e proibitiva do tio real ajudaria a controlá-los. Noah levantou a mão para massagear um nó de tensão na nuca. - Eu bem que podia ter usado sua ajuda. Acho que sua presença teria sido mais poderosa. Imagine como eles ficariam comportados vendo o Defensor entrar!

Jacob sabia que Noah estava provocando-o com a brincadeira, mas não via muito humor no comentário. O Defensor, no mundo dos Demônios, era a figura que as mães utilizavam para amedrontar os filhos e mantê-los sob controle, submissos. Era um mal necessário, considerando o estrago que os pequenos e jovens Demônios eram capazes de causar, mas nem por isso Jacob se resignava com o lado negativo de seu papel na sociedade. Eram esses aspectos que contribuíam para sua existência solitária. Essas crianças e jovens cresciam, tomando-se adultos e idosos que nunca conseguiam superar completamente O medo do Defensor.

Por outro lado, era também esse sentimento que tomava seu trabalho mais fácil. Tudo ficava mais simples quando sua aparição súbita era suficiente para embrulhar até os estômagos mais resistentes, reduzindo muito as probabilidades de uma batalha ou do uso da força para controlar os desgarrados. Ainda estava surpreso como esse poder funcionara perfeitamente até com seu irmão. Kane era notório por estar sempre repetindo que, tendo sido criado pelo Defensor, não se sentia intimidado por seu poder. Agora ficara evidente que isso não era verdade, e Jacob ainda não sabia ao certo o que sentia com relação a essa descoberta. Estava grato por não ter sido forçado a lutar com seu irmão mais novo. Mas sentia-se feliz por saber que O irmão tinha medo dele, como todos os outros? De jeito nenhum.

- E então? Conseguiu descobrir algo de útil? - Jacob perguntou ao rei, notando O livro aberto sobre a mesa ao lado.

Não. - Noah olhou para o amigo, estreitando os olhos verdes e cinzentos, cujas íris eram excessivamente claras em comparação à pele morena, tanto que pareciam brilhar como brasas na escuridão. Seu olhar penetrante indicava que ele havia percebido a astuta mudança de assunto. - Por mais arcaica que possa parecer nossa cultura e nossos costumes, esses livros provam que nos modernizamos muito. E como ler outro idioma.

- A língua é uma coisa viva. Como estudioso, devia saber que O idioma, mesmo um tão antigo quanto O nosso, evolui com O tempo.

- Sim, eu sei, mas isso não me ajuda muito agora. Estamos no meio de uma crise que se intensifica, e não estou mais próximo da solução do que estava antes.

- Então, vamos ter de manter a situação como está como sempre fizemos, Jacob respondeu em voz baixa, com o único propósito de aquietar a evidente

frustração de Noah. O temperamento do rei era dez vezes mais famoso que o de sua irmã Hannah, embora ele também exibisse um controle dez vezes mais poderoso que o dela. Noah acreditava firmemente que nenhum indivíduo podia governar sobre outros se não fosse capaz de controlar e dominar as próprias emoções. - Noah, já enfrentei tudo que se pode imaginar e perseverei. Enquanto eu respirar, ninguém será prejudicado.

- Mas está ficando mais difícil, não é? - Noah ainda fitava o velho amigo nos olhos.

- A cada ano percebo que você fica mais ocupado e mais desanimado. A cada ano vejo alguns de nossos mais respeitados anciões perderem o controle como se ainda estivessem em seus primeiros cem anos de vida. Estou enganado?

- Infelizmente, não posso dizer que se engana - Jacob reconheceu com pesar, suspirando profundamente e passando os dedos pelos cabelos escuros. - Tive de conter Gideon há pouco menos de uma década. De todos os Demônios que eu imaginava serem imunes a essa loucura, Gideon era o que eu julgava mais resistente.

Gideon! Jacob balançou a cabeça, oprimido por suas emoções atribuladas e pelas horríveis recordações do terrível encontro.

- E ele ainda esta se recuperando. Não sai de sua fortaleza há oito anos.

- E não sairá enquanto a situação continuar piorando.

- Jacob tinha a testa franzida quando se sentou na poltrona diante de Noah. - Sua cadeira a mesa do Conselho continua vazia, deixando-nos... Incompletos.

Noah tinha conhecimento da angustia pessoal de Jacob com relação ao fato que discutiam, mas recusava-se a permitir que ele se afogasse em amargura.

- É melhor assim, Jacob. Por enquanto. Não creio que goste da idéia de ter de contê-lo pela segunda vez.

- Não. Mas também acho que ficar trancafiado e sozinho é a pior escolha. A escolha que vai nos levar a um conflito ainda mais devastador.

A amargura na voz de Jacob não passou despercebida aos ouvidos do rei. Noah jamais havia conhecido outra pessoa com o senso de responsabilidade do velho amigo. A morte era a única coisa que poderia fazê-lo desistir de suas obrigações. Enquanto vivesse, esse Defensor nunca desistiria. Mas alguma coisa não ia bem,

e já havia algum tempo. Ano após ano, Jacob era forçado a conter os anciões que mais respeitava para dominar a loucura que os dominava temporariamente. Isso o deprimia. O pior, Noah supunha, havia sido o confronto com Gideon.

Antes dele, Jacob havia sido o Único Demônio capaz de professar algum tipo de relação de amizade com o grande Ancião. Essa amizade perdurara até o Defensor ser obrigado a escolher entre o afeto e a Lei. Não houvera escolha, na verdade. Não para Jacob. Para ele, a lei era como o sangue. Forte e inevitável para sustentar a vida. Um Defensor com o grau de dedicação de Jacob, e seu senso de obrigação, acabaria por se destruir psicologicamente se desafiasse à lei.

Noah sabia que se ele mesmo perdesse a razão e o controle de suas faculdades durante uma dessas luas sagradas e Jacob fosse forçado a contê-lo como se não passasse de uma criança recalcitrante, seria difícil não se ressentir contra o Defensor por isso. Sim, sabia que a interferência seria para o seu próprio bem, pelo bem de toda a raça dos Demônios, e definitivamente pelo bem dos humanos indefesos com quem coexistiam, mas Demônios idosos eram orgulhosos e quase sempre arrogantes, e Noah não era exceção a essa regra. Cair vítima da fraqueza já era terrível, ter Jacob como testemunha dessa desgraça era ainda pior. Ser brutalmente punido pelo Defensor, como exigia a lei, era intolerável.

Noah não invejava Jacob por sua posição.

Nesse momento, o homem que ocupava o centro dos apreensivos pensamentos do soberano inclinou a cabeça, deixando-a cair para um lado enquanto o corpo ficava imediatamente tenso. Noah sentiu os cabelos da nuca ficarem em pé, uma reação animal e primitiva ao poder sensorial que invadia o ambiente. Cada Demônio tinha suas habilidades específicas nas quais era melhor que os outros, e as perceptíveis do caçador em Jacob estavam entre seus pontos mais fortes.

- O que foi? - quis saber o Rei.

- Myrrh-Ann se aproxima - Jacob respondeu, deixando o copo sobre a mesa ao lado de sua poltrona e pondo-se em pé. - E está muito agitada.

As duas portas da sala se abriram com violência, como se uma forte rajada de vento as empurrasse. Uma espiral de poeira escura e uma intensa ventania invadiram o local, transportando um pequeno tornado que se deslocou até parar diante dos dois homens. Logo depois do último giro, o ciclone tomou a

forma de uma bela mulher com longos cabelos prateados e olhos azuis dominados pelo medo.

- Noah! - ela gritou em pânico, agarrando-se ao rei.-Ele foi levado! Precisa me ajudar. Não posso perdê-lo! Ele é tudo para mim!

- Acalme-se, Myrrh-Ann - Noah respondeu com tom controlado, envolvendo-a num abraço caloroso. - Presumo que esteja falando sobre Saul.

- Foi horrível! – A jovem beldade soluçou, agarrando-se a camisa de Noah. - Ele se desintegrou diante dos meus olhos, entre minhas mãos! Por favor, precisa nos ajudar!

Noah e Jacob trocaram um olhar apreensivo sobre a cabeça de Myrrh-Ann. Não precisavam falar para saber quais eram os pensamentos um do outro, para sentir o rápido sopro de alarme que os invadia.

- O que quer dizer com ele se desintegrou? - Jacob perguntou com cautela, tentando conter o pavor.

- Quero dizer que ele foi intimado! Escravizado! - Myrrh-Ann se virou entre os braços de Noah para olhar para o Defensor com uma expressão que mesclava terror e ultraje. - Num momento estava comigo, tocando meu ventre e fazendo contato com nosso filho que ainda nem nasceu, e no outro... - Ela segurou o ventre num gesto protetor, como se tivesse medo de que a criança também fosse tirada dela. - Seu rosto se contorceu numa dor horrível. Ele começou a desaparecer e sumiu numa espiral de fumaça negra e fétida. Ela se virou novamente para o Rei, agarrando a seda de sua camisa com mãos desesperadas, as unhas amarrotando o tecido. - Ele gritou... Oh, Noah, como ele gritou!

- Myrrh-Ann, sente-se, por favor - pediu o Rei. - Precisa se acalmar, ou vai prejudicar o bebe. Fez bem em vir. Jacob e eu cuidaremos disso.

- Mas ele foi escravizado... - Ela tremia da cabeça aos pés.

- Noah, como é possível? Por que meu Saul? Myrrh-Ann baixou a voz para um sussurro rápido e ofegante, as palavras entrecortadas pelo terror. Os dois homens na sala mal conseguiam seguir O confuso fluxo de seus pensamentos enquanto ela balbuciava.

O que ela dizia era verdade? Não viam uma intimação de um Demônio havia quase um século! Talvez ela estivesse enganada. Os Demônios já haviam sido ameaçados de extinção por esse terrível ato de escravização. Fora um truque de

um nigromante, um feiticeiro do Mal, um indivíduo que integrava um grupo que havia diminuído muito e em proporção direta ao crescimento da ciência e da tecnologia, sendo o maior golpe sofrido por eles, O início do reinado do Cristianismo. Com o enfraquecimento desse tipo de magia, a paz se impusera.

Havia exceções óbvias, como os períodos de loucura incontável que os atormentavam nas luas sagradas, quando alguns saíam em busca de humanos como caçadores, perseguindo presas inocentes, e as ocasionais batalhas com outras raças de Nightwalkers, os seres da noite.

Desde que o mundo existia, havia Nightwalkers; as raças da noite que respiravam melhor O ar noturno, que sentiam o vigor da lua e usavam os períodos de domínio do sol como momentos de descanso, órbitas em que o melhor a fazer era dormir. Demônios, Vampiros, Licantropos e outros dividiam essas características, embora nem sempre tivessem a mesma moralidade e as mesmas crenças.

E desde que existiam os Nightwalkers, havia também. Aqueles que queriam capturá-los, humanos armados de ignorância e convencidos por contos folclóricos, seres cujo maior objetivo era matá-los, destruí-los. Esses humanos, temendo o que não compreendiam, eram fanáticos em sua cruzada para livrar o mundo das chamadas criaturas de puro mal. Os humanos comuns não davam grande importância aos Demônios, mas os feiticeiros conhecidos como nigromantes eram uma história inteiramente distinta. Em seus encantamentos residia um destino muito pior do que a morte para um Demônio capturado.

As acusações de Myrrh-Ann podiam significar um terrível rompimento no equilíbrio de seu mundo. As declarações sugeriam que a maior ameaça imposta pela magia negra de alguma forma renascera. Alguns diriam que isso era inevitável, considerando a recente fascinação dos humanos por cultos de magia negra, mas a especulação era algo muito distante da ocorrência real. Um humano usando magia negra? Depois de todo esse tempo? A história de Myrrh-Ann anunciava uma possibilidade aterrorizante.

- Noah, cuide de Myrrh-Ann. Vou procurar Saul.

- Não! Oh, por favor! - gritou a mulher.

Ela saltou sobre Jacob, que flutuou e escapou com grande facilidade da tentativa de ataque, erguendo-se lentamente no ar, determinado em cumprir seu amargo dever.

- Myrrh-Ann, o tempo é curto - Jacob respondeu com tom firme e severo, a voz reverberando pelo aposento e encontrando eco nas vigas do teto elevado. Sua intervenção firme conteve a histeria no peito arfante da pobre mulher apavorada. - Se puder encontrá-lo em tempo, ainda terei uma chance de tentar salvá-lo. Senão... Bem, você sabe qual é o meu dever. E prefiro trazê-lo de volta para você e o bebe.

Assim que concluiu a frase sombria, o Defensor desapareceu num funil de poeira.

Isabella se virou da janela ao ouvir a irmã girando a chave na fechadura da porta do apartamento.

- Ola, Corr! Teve uma noite divertida? - ela perguntou, olhando novamente para o céu e as estrelas cintilantes.

- Ah, foi... Legal, respondeu a irmã, deixando a chave sobre a mesa do hall do apartamento e tirando a jaqueta.

- Ele é um rapaz agradável. Gentil. Gentil demais, talvez.

Isabella revirou os olhos, buscando a orientação das estrelas.

- Como um homem pode ser "gentil demais" nos dias de hoje?

- Ah, agora vamos ouvir a grande especialista em encontros românticos - Corrine respondeu irritada. Não lembrava quando fora a ultima vez que Isabella tivera um encontro, nem mesmo no colégio. Ela encolheu os ombros, incapaz de entender a atitude anti-social da irmã.

Isabella virou-se, desistindo de contemplar a lua.

- Muito bem, então explique o que significa "gentil demais".

- Bem, vejamos... - Corrine se aproximou de Isabella juntando-se a ela na apreciação da bela noite de outubro. Ele é muito agradável, muito educado, e muito previsível. Acho que é isso que estou tentando dizer. Não é excitante. Devia sair com ele.

Isabella riu, os olhos invadidos pelo humor debochado.

- É impressão minha, ou você acabou de me insultar?

- Não, é claro que não. - Corrine também riu, passando um braço em torno dos ombros da irmã e abraçando-a com força.

- De jeito nenhum. Só queria que conhecesse alguém. Mesmo que seja um rapaz "bom demais". Não sei se esse homem em especial poderia lidar facilmente com as coisas que saem de sua boca em certas ocasiões, e talvez eu deva preveni-lo sobre seu temperamento assustador.

- Ei, não fui eu que atormentei a mamãe com a praga da adolescência rebelde!

Corrine também riu.

- Não, mas não fui eu que infernizei o papai exibindo o mesmo temperamento da nossa mãe.

As duas irmãs riram juntas, sentindo forte compaixão pelos pais. Cada uma delas sabia exatamente de onde haviam herdado a maneira franca de falar e a teimosia, características genéticas que nelas se manifestavam com força quase incontrolável.

- Bem, obrigada pela oferta de transmissão do namorado - Isabella disse sorrindo -, mas acho que vou recusar a delicadeza.

- Como preferir - Corrine encolheu os ombros, deixando a irmã diante da janela para ir até a cozinha. Ela abriu o refrigerador e estudou o interior gelado com interesse quase científico.

Isabella voltou o rosto para a lua. Havia algo nela que a tocava profundamente, provocando estranhas e intensas reações. Nos últimos tempos, sentia-se inquieta, agitada, como se lhe faltasse algo importante... Não sabia o que era. Ficar trancafiada no apartamento a deixava maluca, como se precisasse sair e caminhar para poder respirar melhor. Talvez devesse correr.

Ela balançou a cabeça. Correr numa rua deserta do Bronx depois da meia-noite? Não era de espantar que as pessoas acreditassem que a lua cheia exercia influencia negativa sobre seu equilíbrio mental! Se alguém pudesse ler seus pensamentos nessa hora, jamais reconheceriam nela a Isabella calma e juvenil que todos conheciam e amavam. E, provavelmente, a prenderiam ao chão com pregos, se fosse necessário, para garantir sua segurança.

De fato, Isabella freqüentemente se perguntava se essas pessoas que a amavam realmente a conheciam. Como era possível, se ela mesma começava a pensar que não conhecia a si mesma?

Levava uma vida confortável e tranqüila, um estereótipo quase patético da vida da bibliotecária solteira e solitária. Tinha até os dois gatos que compunham a

imagem lendária! Adorava os livros. Havia uma imensa riqueza de informações a ser conquistada, muito a aprender, inúmeras histórias esperando para serem contadas. Porém, se antes os livros haviam sido a chave para sua satisfação, agora ela se sentia, de alguma maneira... Insatisfeita.

Isabella abriu a janela um pouco mais, debruçando-se sobre o parapeito e buscando a noite fria e brilhante. Tudo parecia diferente quando a lua cintilava com aquela intensidade, como se quisesse competir com o sol. As sombras eram mais longas e misteriosas, e o asfalto preto e sem graça tomava-se uma estrada incandescente, uma faixa de brilho radiante.

- Se cair dessa janela, vai ser bem-feito - Corrine comentou com sarcasmo atrás dela. - Não ia colocar a tela de volta?

- E você não disse que ia para a cama? - Isabella devolveu, sem se dar ao trabalho de olhar para trás.

Ela ouviu a irmã suspirar e resmungar alguma coisa, provavelmente uma censura impaciente, a resposta habitual de Corrine a tudo que a contrariava.

- Tem razão, eu vou para a cama. E não esqueça de trancar a porta antes de ir dormir. Não fique aí até tarde olhando as estrelas. Você tem de ir trabalhar bem cedo amanhã.

- Eu sei. Boa noite - Isabella despediu-se acenando, ainda sem se virar. Debruçou-se um pouco mais na janela, apoiando os braços cruzados sobre os seios e depositando todo o peso do corpo sobre o parapeito, olhando para a calçada na frente do prédio, cinco andares abaixo. Os cabelos dançavam ao vento suave, cintilando como uma crina negra e criando uma moldura quase sobrenatural para o rosto de traços delicados.

Seus olhos varreram toda a extensão da rua, e ela notou um homem alto, bem vestido e altivo caminhando na direção do edifício. Seus passos ecoavam no silêncio da noite. O andar era seguro, relaxado. Ela não sabia como ou por que, mas, mesmo de onde estava, podia sentir que a casualidade dos passos era uma farsa. Havia alguma coisa naquela silhueta máscula e esguia que sugeria um constante estado de alerta, uma espécie de... Implacabilidade.

Ele devia ser muito alto, comparando sua estatura as portas por onde ele passava. O cabelo era excepcionalmente escuro, apesar de a lua brilhar sobre ele. Provavelmente preto, ou castanho-escuro. O homem vestia um longo casaco

cinza, aberto e sem cinto, e mantinha as mãos dentro dos bolsos numa postura casual. O casaco dançava em tomo de suas pernas enquanto ele caminhava, abrindo-se aqui e ali, revelando camisa cinza e calça preta. Roupas caras, sofisticadas e imponentes, mesmo à distância.

A vizinhança onde Isabella morava com a irmã não era das mais requintadas, e homens de aparência aristocrática e roupas como as dele não eram visitantes habituais. Naquela área, eles podiam ser rotulados como provedores da refeição do dia. Em algum lugar entre os galpões desertos e escuros que se alinhavam pelas alamedas e becos, alguém já devia estar fazendo soar a campainha que anunciava um jantar gratuito.

De repente ele parou. Isabella viu um brilho intenso em torno de seu rosto, provavelmente o reflexo da lua cheia, e teve a estranha noção de que ele sorria. Ele olhava em volta, como se procurasse alguma coisa.

Então, ele ergueu o rosto.

Isabella não conteve uma exclamação sufocada ao constatar que o desconhecido olhava diretamente para ela. O coração deu um salto inexplicável dentro do peito. Dessa vez ele sorriu de verdade, um lampejo branco na escuridão. Ele deu mais um passo, olhou para os dois lados da rua, depois se apoiou relaxado em um poste de telefone, voltando a olhar para cima.

- Vai cair daí.

Isabella piscou quando a voz ressonante e clara flutuou em tomo dela. Ele não gritava. Sua voz subira os cinco andares da rua até a janela e chegara sem nenhum esforço aos ouvidos dela.

- Está falando como minha irmã.

Ela também não gritava, sabendo, de alguma forma, que não era necessário. Por que não achava isso tudo esquisito? Bem, na verdade, ela achava estranho, sim. Só não se incomodava com a sensação.

- Nesse caso, ela e eu pensamos que você não devia se debruçar numa janela como está fazendo.

- Vou registrar suas preocupações - Isabella respondeu com tom seco.

Ele riu. O som rico e atraente parecia girar em torno dela, envolvendo-a na sensação de seu divertimento. Isso a fez sorrir e apertar os braços em torno do corpo.

- Além do mais... Veja só quem fala! - ela exclamou. – O que pensa que está fazendo nessa região no meio da noite? Está cansado de viver?

- Eu sei me cuidar. Não se preocupe.

- Tudo bem. Mas ainda não respondeu a minha primeira pergunta.

- Eu vou responder, se me disser o que está fazendo pendurada na janela.

- Não estou pendurada. Estou debruçada.

- Bisbilhotando?

- Não. Se quer mesmo saber, estava olhando a lua.

Ela o viu olhar para cima, para a lua, um gesto tão casual que Isabella teve a impressão de que o desconhecido não se impressionava com a beleza do céu. Não como ela.

- Enquanto estava apreciando os astros, viu alguma coisa incomum por aqui? - Ele deu a questão um tom desinteressado, mas Isabella teve a impressão de que sua resposta tinha mais importância do que ele queria demonstrar.

- Ah, bem, hoje em dia o incomum é comum. Tem alguma coisa específica em mente?

Ela o sentiu hesitar. Era como se debatesse internamente algum assunto grave. Depois ele emitiu um suspiro breve e pesado.

- Não, nada. Esqueça. Desculpe se a incomodei.

- Não, espere!

Isabella estendeu uma das mãos como se quisesse detê-lo. O movimento perturbou seu precário equilíbrio e ela sentiu o corpo se inclinando, ganhando peso. As meias escorregaram no piso de madeira polida, e os pés saíram do chão no mesmo instante em que o peso do corpo ultrapassou a moldura da janela. Um estranho som de surpresa escapou de seus lábios no início do mergulho para a noite de negro e prata. A sensação da queda atingia diretamente o estômago, que parecia virar do avesso, e ela imaginou que poderia vomitar, se não estivesse prestes a morrer.

Mas, em vez de se chocar contra o asfalto, ela encontrou uma superfície sólida, mas acolhedora. A repentina interrupção no movimento fez doer todo o seu corpo, e estrelas brilhantes surgiram em seus olhos, atrás das pálpebras fechadas.

Isabella tentava respirar, mas o ar não passava pela garganta, exigindo um esforço maior. A adrenalina a inundava numa onda gigantesca, e ela tentava se agarrar a tudo que fosse sólido e estivesse ao alcance das mãos.

- Tudo bem. Pode abrir os olhos.

Aquela voz. A voz profunda, máscula, viril.

Isabella abriu um olho e viu as próprias mãos agarrando as lapelas do casaco do desconhecido.

- É... Incrível, ela gemeu, abrindo o outro olho e fitando o rosto do homem que, aparentemente, acabara de salvá-la de abrir a cabeça no asfalto. - Incrível... - Finalmente via os traços do desconhecido, e a imagem só fez aumentar o choque que já prejudicava seus sentidos.

Ele era simplesmente lindo!

Não havia outro adjetivo para descrevê-lo. Era mais do que ser simplesmente bonito. Esse homem era absolutamente lindo. Os traços do rosto eram muito elegantes, levando ao extremo o significado do termo nobre. Cabelos e sobrancelhas escuros, dramáticos, contrastavam com os cílios tão longos que eram quase infantis. Os olhos eram magníficos, iluminados, e a boca estava distendida num sorriso que podia ser chamado de pecaminoso.

- Como... Como conseguiu... isso é... Você não poderia... Nunca! - ela gaguejava confusa, as mãos apertando as lapelas do casaco.

- Eu não. Eu não. E, aparentemente, eu poderia. - Agora ele sorria, um sorriso largo e radiante, e Isabella teve certeza de que era a causa de todo aquele humor. Ela o encarou seria, furiosa, esquecendo completamente que o homem acabara de salvar sua vida.

- É bom saber que alguém aqui está se divertindo! Jacob não conseguia deixar de sorrir. Ela estava tão focada nele, que ainda não havia percebido que flutuavam quase um metro acima do chão. Era melhor assim, ele pensou, descendo devagar até sentir os pés no chão. Teria trabalho demais para explicar

como havia conseguido pegar no ar uma mulher que despencava do quinto andar de um prédio para a morte.

- Não acho a situação engraçada - ele respondeu com honestidade, tomando o cuidado de mantê-la atenta a seu rosto enquanto recuperava o peso normal de um homem para os padrões humanos. - Só estou feliz por constatar que não se machucou.

Isabella piscou algumas vezes, percebendo repentinamente o que o estranho fizera por ela.

Jacob viu a expressão delicada passar de indignação a horror. Não devia ter feito a pobre jovem lembrar o perigo que correra, embora não houvesse possibilidade lógica de evitar tal lembrança. Ele a viu morder o lábio inferior para conter um tremor. A evidente vulnerabilidade causava uma estranha sensação em seu peito. Consciência e emoção o envolviam, e Jacob descobriu-se estudando cada pequeno detalhe da mulher em seus braços.

Ela era compacta, curvilínea, dona de um tipo feminino delicado e de uma suavidade que se fazia notar em todos os lugares nos quais um homem esperava encontrar suavidade. A luz da lua ressaltava sua complexão perfeita. Os cabelos eram negros e ondulados, longos e abundantes, e podia sentir o peso dessa vasta cabeleira em um dos braços, aquele que amparava a parte superior de seu corpo. Os traços eram delicados, a boca era carnuda, os olhos eram grandes e cintilantes como os de uma criança inocente. Uma feiticeira com olhos cor de violeta, olhos que se tomavam cor de lavanda quando eram banhados pelo luar. Era espantoso como a luz da lua intensificava sua beleza. Enquanto a amparava de encontro ao peito, ele sentia seu calor e se deliciava. Já nem lembrava mais como o calor de um ser humano podia ser envolvente, reconfortante.

Um pensamento ilícito quase tomou forma em sua mente, mas ele o sufocou em tempo. A realidade retomou com o choque. Ele quase a derrubou na pressa de encerrar o contato físico. Olhando rapidamente para a lua no céu, pôs as mãos nos bolsos e conteve a estúpida urgência de abraçá-la.

Descobrimo-se novamente sobre os próprios pés, Isabella tomou conhecimento de uma leve tontura. Era espantoso. O homem se afastara repentinamente, como se ela fosse portadora de alguma doença contagiosa. Ainda assim, ele se

mantinha próximo o bastante para toca-la, caso precisasse de seu apoio, mas Isabella respirou fundo e logo recuperou o equilíbrio.

Jacob a estudava com certo resguardo. Ela empurrava os cabelos para trás da orelha, pequena demais para contê-los. A mecha sedosa e ondulada escorregou para a liberdade segundos depois. Era espantosa a necessidade que sentia de toca-la, afagar seus cabelos e descobrir sua textura. Ele engoliu em seco, praguejando mentalmente num idioma próprio e muito antigo, a mandíbula tensa em resultado dos pensamentos perturbadores.

- Não sei como agradecer, senhor... senhor...

- Jacob - ele se apresentou, usando um tom ríspido que a fez recuar assustada .

- Sr. Jacob - Isabella repetiu um pouco assustada.

- Não, não, só Jacob - ele a corrigiu, forçando-se a usar um tom mais suave, odiando a idéia de despertar nela o mesmo temor que causava em todos que o conheciam. Estava diante de uma humana. Ela não tinha razões para temê-lo.

- Bem, Jacob... - ela hesitou, os olhos demonstrando cautela. Porém, no segundo seguinte, ela recuperou a ousadia anterior. - Eu sou Isabella Russ, e quero que saiba que estou muito grata por... Pelo que fez. Não consigo acreditar que não quebrou o pescoço para salvar o meu!

- Sou muito mais forte do que parece - Jacob respondeu sem dar maiores explicações.

Isabella achava difícil de acreditar. Ele já parecia muito forte. E devia ter realmente uma força incomum, ou não a teria segurado no ar em plena queda livre. Seu corpo não era brutal, mas o peito era largo, os ombros eram fortes e, definitivamente, podia adivinhar a excelente forma física que as roupas cobriam. Jacob tinha um tipo atlético, uma estrutura muscular firme e bem definida, a julgar pelo que pudera sentir nos breves momentos em que o tocara e sentira o corpo contra o seu. Mas, além da aparência de rara beleza, do corpo perfeito, Jacob tinha em torno dele uma aura de poder que não podia ser comparada a nada que ela conhecesse antes. Sim, ele era definitivamente mais forte do que parecia, e não só no aspecto físico.

Era o suficiente para fazer uma bibliotecária sem graça tremer. O pacote era completo. Beleza, força, voz, sorriso, maneiras, e um sotaque europeu rico e elegante, como todo o resto dele. Húngaro ou croata, talvez. Ele era quieto,

gentil e controlado, e exalava uma autoconfiança que sugeria perigo. A idéia causou um arrepio que percorreu sua coluna.

O pacote era muito atraente, sem duvida.

E devia ser casado e pai de seis filhos.

Isabella suspirou, retomando a realidade. O ar exalado empurrou para trás uma mecha de cabelos que caia sobre Sua testa.

- Bem, de qualquer maneira, muito obrigado por... Você sabe. - Ela apontou para a janela de onde havia despencado.

As sobrancelhas se uniram compondo uma expressão confusa. Como, exatamente, ele havia conseguido pega-la no ar sem quebrar o pescoço? Parecia impossível!

De repente, Isabella sentiu outro arrepio. Dessa vez era diferente. Seus cabelos pareciam estar em pé.

Jacob a viu virar a cabeça de um lado para o outro, estreitando os olhos como se alguma coisa chamasse sua atenção. O gesto despertou os instintos de Jacob, e ele procurou sentir na noite o que a perturbava. Parecia impossível, mas ela havia captado exatamente o que ele estivera procurando.

Saul. Jacob podia sentir o cheiro do medo. Podia quase tocar a mancha feia da magia negra. Ele estava perto, como havia suspeitado ao seguir a trilha que terminara repentinamente naquela área. O que havia arrancado Saul e o levado aos gritos e chutes para a mesma da escuridão estava mais uma vez invocando, envenenando e atormentando o Demônio aprisionado.

Mas Jacob não conseguia determinar uma direção. Seus instintos de caçador não encontravam o rastro.

Perplexo, olhou para a mulher delicada que ainda tinha a cabeça voltada para um lado, para o desconhecido. Seria possível? Essa mulher havia preservado aqueles instintos que, algumas horas antes, ele acusara a raça humana de ter banido de si mesma? Ela sentia o que nem ele mesmo podia localizar? Nunca ouvira falar de ocorrência semelhante.

Mas Jacob sentia sua inquietação, captava o cheiro da mudança em sua química corporal, uma alteração provocada pela descarga de adrenalina que a impelia numa reação de luta ou fuga. Sim, definitivamente, ela sentia o Mal bem perto.

- É melhor sairmos da rua - Isabella disse de repente, segurando-o pelo braço.

- Por que? - ele quis saber, negando-se a segui-la.

- Porque não é seguro ficar aqui. - Seu tom de voz dava a entender que se explicava para uma criança de dois anos de idade. - Pare de bancar o machão e venha comigo. Vamos sair daqui.

- não estou bancando o machão - ele respondeu, sendo deliberadamente obtuso enquanto via a ansiedade dela crescer e provocar reações agitadas, aflitas. Era fascinante ver a cor tingir seu rosto, a veia pulsar freneticamente em seu delicado pescoço, os seios fartos arfarem com dificuldade para respirar. - Estou só...

- Escute, não me interessa o que esta fazendo! Saia da rua e ponto final!

- Por que? - Jacob persistiu.

Fascinado, a viu soprar novamente a franja com expressão exasperada. Cerrando os punhos, ela os apoiou no quadril e afastou um pouco as pernas, adotando uma postura beligerante e firme.

- Porque há lugares onde não devemos ficar, especialmente no meio da noite. E este é um deles! Se quer mesmo ficar, tudo bem. Eu vou...

Ela parou. A mão segurou a garganta e um som sufocado brotou dela.

Jacob estendeu a mão, instintivamente tentando ajudá-la, inquietando-se com o olhar desesperado e o brilho medroso nos olhos cor de lavanda.

- Isabella? O que é isso? - Jacob segurou-a com mãos fortes, protegendo-a com os braços.

- Alguém... Oh, Deus, não consegue sentir o cheiro? Conseguia. Estava a sua volta, fraco, mas inconfundível.

O cheiro de carne queimada. Enxofre também. Mas ele tinha os sentidos aguçados de todas as espécies predadoras, e não era nenhum desses sentidos que trazia o cheiro até suas narinas. Não havia rastro. Não havia indicação de um caminho a seguir. Tudo era obscuro. Estava perplexo, mas a reação de espanto só perdurou por um momento. Estava diante de uma mulher humana

sem suas habilidades e, no entanto, ela se comportava como se respirasse densas nuvens de fumaça e enxofre. E não havia nada ali. Nada físico.

Mas alguém exalava essa mistura nociva. Alguém em algum lugar.

Saul.

Uma espécie de claridade repentina se acendeu na mente de Jacob, embora estivesse mais confuso que nunca. Não se deteve contemplando os porquês, ou as possibilidades do que estava acontecendo ali. Só queria saber uma coisa.

- Onde? Pode me dizer, Isabella? Onde ele esta?

- Perto! Dentro de mim! - As mãos agarravam o tecido da camiseta como se ela quisesse rasgá-la, libertar o peito da presença aflitiva. Seus olhos lacrimejavam, e as gotas pesadas corriam por seu rosto, como se o organismo quisesse lavar dos olhos a fumaça que nem estava ali.

- Escute. - Ele segurou o rosto de Isabella entre as mãos. - Esta perto, mas não dentro de você. Onde? Tente me dizer onde!

Ela se soltou e começou a correr, tossindo e sufocando com a fumaça invisível, desviando de obstáculos inexistentes e tropeçando em objetos que só ela enxergava. Jacob a seguia. Eles viraram em uma esquina e atravessaram uma rua. Isabella virou outra esquina, correu mais um pouco, e eles se viram diante de um imponente conjunto de portas de metal enferrujado.

Um depósito. Um galpão abandonado. Havia uma luz intensa numa das janelas superiores. Uma luz fria e nada natural, um brilho que Jacob havia imaginado que nunca mais veria na vida. Ele segurou a pequena guia pelos ombros, puxando-a contra seu corpo.

- Escute - ele murmurou com tom confortante -, essa agonia não é sua. Não se apodere dela dessa maneira. Jacob olhou para cima, para a janela iluminada, o coração batendo no peito com a premência do momento, a necessidade urgente de agir. Mas não podia deixá-la ali sozinha, sufocando. Se Isabella acreditava na impressão a ponto de reagir com lágrimas e falta de ar, ela bem podia continuar até a total asfixia. - Olhe em volta. Não há fumaça aqui. Está me ouvindo, Isabella?

Ela estava. Não conseguia falar, mas já começava a respirar melhor.

- Assim é melhor - sussurrou Jacob, seu hálito momo tocando a nuca sensível de Isabella. - Agora fique aqui, escondida, e respire.

Jacob agarrou a solda entre as duas portas e as abriu como se rasgasse uma folha de papel, não densas camadas de metal sólido, camuflando o som como era típico de sua natureza. Qualquer um dentro do galpão pensaria que havia sido apenas o vento.

Instintivamente, Isabella o seguiu para o interior do galpão abandonado, sem considerar as instruções que acabara de receber. Tinha medo do que estava acontecendo, mas sentia ainda mais medo de ficar sozinha. Por isso o seguia, as mãos agarrando o casaco enquanto ele percorria as sombras. Havia lampejos de luz cortando a escuridão, e a combinação a cegava dolorosamente. Jacob caminhava sem hesitação, como se fosse em plena luz do dia, aproximando-se do brilho metálico com um propósito ameaçador que ela sentia vibrar na atmosfera. De repente, Isabella sentiu que ele se erguia a sua frente, aparentemente subindo uma escada. O casaco escapou de sua mão, e ela ficou sozinha tentando localizar o degrau.

E não encontrava nada. Por mais que tateasse, não conseguia localizar o meio utilizado por Jacob para chegar ao andar superior do galpão. Tudo que podia fazer era olhar para a luz que agora contornava sua figura enquanto Jacob devagar ia se aproximando. Isabella tinha a impressão de que a respiração ofegante fazia barulho demais, mas precisava de oxigênio. Jacob ia se aproximando mais e mais.

De repente, ele saltou.

Um salto fabuloso e impressionante.

Isabella podia estar vendo coisas que não existiam naquela confusão de luz e escuridão, mas seria capaz de jurar que o homem havia executado um salto de dez metros e se agarrando a um objeto invisível suspenso sobre sua cabeça.

O caos explodiu no galpão.

Sem aviso prévio, a fumaça que ela havia respirado antes começou a brotar da luz sobrenatural, invadindo a parte superior do galpão como uma catarata esverdeada, formando nuvens negras e densa. Houve uma explosão violenta, entulho e corpos voaram como mísseis, e ela teve de se abaixar para proteger-se, os olhos queimando com a luminosidade intensa.

Era inacreditável, mas estava chovendo homens!

Jacob caiu no chão a uns três metros dela com um estrondo e uma violência que levantou uma nuvem de poeira. Outro corpo aterrissou sobre uma pilha de caixas bem perto dali. Um terceiro baque soou perto das portas abertas, quase aos pés dela. O homem absorveu o impacto da queda como um gato. Então, com um giro magnífico de seu longo manto, ele se virou e correu, passando pelas portas abertas para fora dali. Para longe do galpão.

Ignorando todo o resto, Isabella segurou os ombros do homem caído ao seu lado. Ele estava ofegante, como se fosse difícil respirar.

- Jacob!

- Isabella, saia daqui! - ele rosnou a ordem imperiosa, levantando-se de um salto e agarrando-a pelos braços para arranca-la dali a qualquer preço. O movimento brusco e violento a jogou longe, e ela caiu deitada de costas no chão. Isabella ficou atordoada por um momento, mas logo recuperou a capacidade de ação, praguejando contra a dor e a posição embaraçosa em que se encontrava, absolutamente disposta a mandar Jacob para o inferno.

As palavras ficaram retidas em sua garganta quando o homem que havia aterrissado sobre as caixas se levantou rapidamente sobre eles.

Ele estava pairando. Literalmente pairando! Flutuando no ar.

Boquiaberta, Isabella notou varias coisas extremamente importantes. O homem que pairava sobre ela não era um homem. Bípede, relativamente humanóide, a enorme criatura tinha olhos verdes que brilhavam como lâmpadas em sua cabeça deformada, um brilho malévolo que causava pavor. As orelhas eram enormes e tinham extremidades pontudas e pretas que se abriam numa espécie de leque.

E ele tinha presas. Sim, presas enormes.

Isabella sentiu uma estranha vontade de rir. Sabia que a reação era um prenuncio de histeria.

Tudo bem, ela pensou, quando foi que eu dormi?

Era isso! Ninguém pega no ar alguém que cai de uma janela. Ela nunca teria seguido um estranho pela rua até um galpão abandonado, especialmente no

meio da noite. E não existiam seres de orelhas em forma de leque, presas na boca e cara de morcego. Não no Bronx! Muito menos voando pelo Bronx!

A criatura olhou diretamente para ela.

Tudo bem, hora de acordar, ela pensou ao ser invadida pelo pânico.

A coisa alada mergulhou em sua direção. E exibiu as presas. Como um relâmpago cortando o céu, Jacob deixou o chão em outro salto fenomenal, chocando-se com o monstro ainda no ar.

A colisão provocou um ruído assustador de carne e ossos se encontrando, e Isabella se encolheu. O choque os jogou sobre outra pilha de caixas do outro lado do galpão.

Desesperada, olhou em volta buscando algum tipo de proteção. A primeira coisa que viu foi um bastão pesado e enferrujado. Ao pegá-lo, sentiu os arranhões deixados pelo metal áspero em suas mãos. Ela se levantou, segurando-o como um bastão de beisebol, brandindo-o com ar ameaçador e pronta para agir, caso Jacob não houvesse terminado o trabalho com o ser espantoso. E ele não havia.

De repente, os dois corpos em luta surgiram no ar numa explosão de caixas de papelão. Dessa vez a besta gosmenta estava em posição de vantagem, as asas batendo freneticamente e ganhando altura, as unhas em forma de garras prendendo Jacob e arrastando-o para o alto, até arremessa-lo contra o teto com violência assustadora. O estrondo do corpo encontrando o chão foi aterrorizante e levantou uma nuvem de poeira. Horrorizada, Isabella viu uma substancia escura jorrando da cabeça de Jacob, formando uma poça sob ele.

Apavorada, ela ficou onde estava, paralisada, vendo a criatura voar em círculos que iam chegando cada vez mais perto, como o voo de um abutre que antecipa a morte de uma presa suculenta, até que ele aterrissou com leveza inesperada a sua frente. Podia vê-lo bem agora. Peito saliente, pele emaciada e ventre côncavo. Os lábios eram finos e repuxados, expondo duas fileiras de dentes pontiagudos e as presas. As mãos eram a pior parte. Os dedos magros tinham unhas longas, verdes e finas, e delas jorrava um líquido que era muito parecido com o que já formava uma poça sob a cabeça de Jacob.

- Bonita... - ele sibilou.

- Você podia fazer uma plástica - ela respondeu, levando a mão coberta de ferrugem a boca. - Muito bem, Isabella, Ótima idéia a sua! Desafie a grande e má criatura! Vá em frente!

- Bonita carne, a coisa repugnante continuou.

Ah, agora a situação esta ficando ainda pior, ela pensou.

- Ah, bem... ouvi dizer que ser vegetariano é a moda - ela tentou, recuando um passo ao ver a criatura se aproximar. - Carne quente. Carne gostosa. - A coisa fez uma especulação grosseira e pornográfica sobre a Carne de uma parte específica de sua anatomia feminina.

- Ei, cuidado com a boca, meu chapa! E fique onde esta, ou eu... eu... - Ela levantou o bastão, tentando pensar em uma boa maneira de intimidar um ser sobrenatural e assustador. - Eu vou dar uma boa paulada em outro pedaço de carne, e você não vai gostar nada do que vai sentir!

Bem, se era um ser do sexo masculino, e só podia ser, pelo que acabara de ouvir, ele ficaria impressionado. Algumas coisas são universais.

Por outro lado, ela pensou, vendo-o sorrir e tocar-se entre as pernas, talvez não. O olhar que ele lançava em sua direção era de pura lascívia. Os olhos reviravam nas órbitas, e uma baba espessa e nojenta escorria por seu queixo.

Bem, se isso não era universal, não sabia mais o que era. De repente, a criatura cansou de brincar e saltou para frente. Isabella gritou alarmada, atirando-se instintivamente no chão e rolando para o lado, escapando da área que o monstro determinara como alvo de ataque. Puro instinto, mas o movimento a livrou da primeira tentativa de ataque. Ela se levantou com facilidade muito maior do que esperava para uma bibliotecária sedentária, virou-se com o coração aos saltos e viu a coisa se levantando e investindo contra ela novamente. Dessa vez ela decidiu usar o bastão, rezando para não errar o golpe.

Mas errou.

A inércia a fez girar em tomo de si mesma e cair de costas. Imediatamente, a criatura se atirou sobre ela, rindo e babando de prazer num minuto...

E emitindo um terrível grito de dor no instante seguinte.

O monstro se atirou exatamente sobre o bastão que ela ainda empunhava, enterrando-o no próprio peito. Isabella piscou, estranhando a facilidade com que havia perfurado o peito da criatura. Sem nenhum esforço!

Mãos fortes a tiraram de onde ela estava, bem a tempo de salva-la da explosão que destruiu o monstro numa violenta conflagração de chamas.

Depois de arder por algum tempo, a criatura se desintegrou numa nuvem de fumaça e cinza. O cheiro de enxofre quase sufocou Isabella. Teria sufocado realmente, se seu protetor não a houvesse carregado para fora do galpão usando o casaco como um véu para isolar seu rosto do ar impregnado. O ar puro a fez voltar a realidade. Pela primeira vez ela percebeu que tinha o rosto molhado pelas lágrimas.

- Jacob! Pensei que estivesse morto!

- Não. - Ele tocou-a no rosto para limpar a mistura de ferrugem, fuligem e lágrimas. - Só fiquei um pouco... abalado.

- Esta sangrando!

Ela tentou tocar o ferimento em sua cabeça, mas Jacob segurou-a pelo pulso antes que os dedos pudessem toca-lo.

- Estou bem, já disse. E sou eu quem tem de se preocupar.

Como conseguiu manter... aquilo longe de você?

- Não sei. Agarrei a primeira coisa que vi.

Ela levantou um braço, percebendo que ainda segurava o bastão enferrujado. Estava coberto de uma substância pegajosa. Ela o ofereceu a Jacob, que o recusou como se temesse sofrer algum tipo de agressão. Depois, ele segurou seu pulso e sacudiu seu braço até ela soltar a arma improvisada.

- Ferro - disse ele com tom surpreso, quase divertido.

- Como sabia que devia usar ferro?

- Eu não sabia. Foi a única coisa que encontrei lá dentro. Sorte, acho.

Jacob duvidava disso, mas não disse nada.

- Jacob, o que era aquela coisa? Quero dizer... era real? Espere! Não responda. É claro que era real! Mas como? Foi algum tipo de experiência científica que não deu certo? Nunca vi nada parecido antes!

- Aquilo... - Ele parou e respirou fundo, reunindo forças. - Aquilo já foi um de meus amigos.

Jacob andava pelo salão de sua casa, passando os dedos pelos cabelos que já tinham marcas que mais pareciam valetas, tal a frequência com que repetia o movimento. Não havia apreciado a tarefa de informar Myrrh-Ann da morte do marido, mas, como sempre, cumprira sua tarefa com seriedade e fora até o fim. Ela sabia desde o início das implicações da captura de Saul, e Noah tivera o cuidado de prepará-la para o pior, mas, ainda assim, Myrrh-Ann reagira com uma compreensível mistura de dor e fúria. Ela havia atacado Jacob com a força dos punhos.

Ela não tivera tempo para causar dor física. Noah estendera a mão e a tocara, drenando toda a energia de seu corpo. Myrrh-Ann desmaiou nos braços do Defensor, e Jacob não suportara carregá-la. Quando amparara o peso do corpo, ele havia sentido o movimento de uma nova vida no interior do ventre distendido. Havia sido como uma traição sentir algo tão íntimo sabendo que a mãe da criança jamais teria permitido um contato tão próximo, se pudesse escolher.

Myrrh-Ann não precisava saber que uma humana matara Saul. Era melhor que ela o odiasse, Jacob decidiu. Ele tinha a justificativa para isso. Revelar a identidade da verdadeira responsável pela morte de Saul, nomear a mulher frágil que nem sabia o que havia feito... Não. Noah sentira que ele sonegava informação. O Defensor sentira a percepção aguçada do monarca totalmente focada nele, mas não julgara apropriado dar explicações naquele momento. Antes, precisava ter tempo para pensar. Precisava refletir sobre todas as implicações daquela noite antes de divulgar o que realmente ocorrera no galpão abandonado.

Acima de tudo, o evento era prova incontestável da existência de um verdadeiro nigromante, alguém com poder e conhecimento suficientes para intimidar um Demônio. Isso ele havia visto com os próprios olhos, embora se envergonhasse e enfurecesse diante da necessidade de admitir o que vira, porque, então, era forçado a admitir também, que deixara o ser detestável e ameaçador escapar impune, e agora ele vagava pelo mundo, o nigromante estava solto, o que não era bom para sua raça. Não era bom para nenhum clã de

Nightwalkers. Onde havia um, quase sempre havia outros, e Demônios não eram suas únicas vítimas.

E ainda havia...

Ele parou, olhando para o teto. Isabella dormia no quarto lá em cima. Rompera uma cápsula de ervas sob o nariz dela, uma combinação que a induzira ao sono, e assim conseguira levá-la para sua casa na Inglaterra sem dar explicações ou revelar seu endereço.

A mulher fizera o impossível. Destruíra um Demônio. E antes disso ela o sentira, ligara-se a sua energia e o localizara! Um ser humano não podia fazer tudo isso. A menos que... A menos que fosse um nigromante.

Isabella não era usuária de magia. Jacob teria sentido imediatamente. Havia uma aura natural, um cheiro típico que os identificava. o bastardo que havia capturado Saul impregnara o galpão com seu olor repugnante. A aura de putrefação ainda estava alojada nas narinas de Jacob. o cheiro de Isabella era suave, limpo e deliciosamente puro. Mesmo no meio de toda a podridão e da imundície que dominavam o galpão, Jacob ainda pudera sentir a integridade intrínseca aquele aroma. Nada de perfume ou loções, nada de hábitos dissolutos, nem mesmo o almíscar territorial da presença de um macho da espécie, maculava seu buquê.

Ela também não era um dos seres imortais que perambulavam pela noite. Nightwalkers que andavam entre os homens eram quase indistinguíveis deles. Mesmo assim, as raças se reconheciam, percebiam pequenos sinais que os identificavam. Não. Isabella era humana.

Mas uma humana que podia matar um Demônio? A tarefa era difícil até para os próprios Demônios! Por isso ser Defensor era um trabalho tão letal. Só o mais velho de sua espécie era poderoso o bastante para causar dano mortal, e só Jacob tinha permissão incondicional para tal. Punição capital era terrivelmente rara, e executá-la não era fácil.

Como havia ficado evidente essa noite.

Isabella simplesmente se armara de um bastão de ferro e perfurara o coração de Saul. Jacob não poderia ter feito o mesmo, porque nenhum Demônio podia tocar o ferro. O contato era como ácido sobre a pele. A dor era angustiante. Uma perfuração era pura agonia. E no coração ou no cérebro, a ferida era mortal.

Jacob olhou para os dedos queimados pelo contato com a ferrugem no rosto de Isabella. Só havia percebido o que acontecia ao sentir o ardor e a dor.

De qualquer maneira, o esqueleto de um Demônio era forte como o aço. Como uma criatura pequena e delicada como ela havia conseguido enterrar o bastão no coração de Saul, passando por costelas e caixa torácica? Diferente da vulnerabilidade dos Licantropos a prata, tão conhecida universalmente, a fraqueza de um Demônio diante do ferro era desconhecida pelo ser humano. Isabella conhecia todos esses detalhes, e reconheceu na criatura diabólica que atacara um Demônio intimado? Ou tudo havia sido mesmo uma simples e feliz coincidência?

Jacob lembrou-se de recobrar a consciência no galpão abandonado, no chão, e sacudir a cabeça para remover os cabelos e o sangue que o impediam de enxergar. Bem em tempo, vira o monstruoso Saul debruçado sobre a mulher e reconheceu que não poderia chegar até ela a tempo. Sua cabeça doía tanto, que mal podia se concentrar no poder de que fora dotado. Jamais antes havia experimentado aquele sentimento de impotência e frustração. Cometera enganos imperdoáveis no encontro, e esses erros quase haviam custado duas vidas, a dele e a de Isabella. Não deveria ter sido necessária a interferência providencial na situação. Mesmo depois de tanto tempo, mesmo com mais de um século separando esse encontro do anterior, devia ter lembrado de todas as características de um transformado.

Sabia em que a mente dementada de Saul estivera focada, o que o corpo deformado buscava quando avançara contra a pequena fêmea. Um Demônio no estado em que Saul se encontrava tinha apenas duas necessidades básicas, urgentes. A primeira era a autopreservação. Por isso era tão vantajoso ter um Demônio escravizado. Assim que se removia dele as camadas de civilização por meio de encantamentos que eram como ácido descamando sua natureza, a criatura capturada faria qualquer coisa por seu mestre, desde que ele promettesse a vida ou a eventual liberdade, e para obter essas vantagens o Demônio transformado não hesitaria em seus poderes elementares para servir aquele que o escravizara.

Satisfeita a necessidade de autopreservação, a segunda necessidade dessa criatura era, obviamente, saciar sua luxúria incontrolável, um estado especialmente ampliado durante a lua cheia de Samhain, período que viviam.

Era uma forma similar de reação aquela que o obrigara a perseguir e conter o irmão. Era o que a mulher ruiva teria vivido, se ele não houvesse interferido e obrigado Kane a recuperar o senso e a razão. Mas o tratamento que Kane teria dispensado aquela mulher seria uma sombra pálida do que Saul, transformado e pervertido como havia estado, teria dispensado a Isabella.

Pensar nisso causava repulsa, revolta, sensações que faziam seu coração bater mais depressa. Jacob pôde ver o falo distendido de Saul no momento em que tentava se colocar sobre Isabella. Agora, era preciso fechar os olhos para impedir que as imagens nítidas de sua imaginação o inundassem. Ele cerrava os punhos enquanto as bania da mente.

Era proibido para um Demônio fazer mal a um ser humano inocente. Essa era a regra dourada da espécie. A lei que Jacob havia jurado cumprir acima de tudo. Era tabu tentar se unir fisicamente a um ser humano. O amor entre Demônios era sempre permeado por uma ferocidade elementar que freqüentemente ultrapassava a agressão excessiva. Isabella se partiria como porcelana sob tamanha pressão.

Isso não significava que Kane, Gideon ou todos os outros que Jacob havia sido forçado a conter ao longo dos séculos, fossem transviados da pior espécie. Eles eram apenas vítimas da maldição de sua raça. Os Demônios passavam todo o período de crescente e minguante relacionado as luas sagradas de Samhain e Beltane lutando para manter o controle. Cada minuto desses dois poderosos períodos era um exercício de tormento enquanto corpo e espírito clamavam pela lua que os enlouquecia. Em algum lugar de seu código genético estava escrito que, nesses períodos, o impulso da copula seria mais forte que tudo. Normalmente, os Demônios se satisfaziam uns com os outros, mas como viviam em constante proximidade com os humanos, tomava-se fácil direcionar de maneira errada esse instinto de procriação.

Todos os anos, era forçado a conter anciões por quem tinha grande estima, e causava-lhe grande sofrimento ver a loucura se manifestar naqueles por quem tinha amizade, ou, no caso de Kane, amor.

Ele mesmo nunca fora vítima desse descontrole. Nem mesmo na adolescência, centenas de anos atrás, quando não havia no mundo mais de seis bilhões de seres humanos, como agora. Sempre tivera dificuldade para imaginar como seria essa atração incontrolável. Apesar da aparência física semelhante,

Demônios e humanos eram distintos na química, na mente e no intelecto. Por que um Demônio se sentia atraído por um ser inferior? Era a maldição da lua. E, algum tempo antes, Jacob chegara a pensar que podia haver mais do que isso. Experimentara o poder de um corpo delicado, de um par de olhos cor de lavanda...

Jacob praguejou mentalmente e passou os dedos pelos cabelos mais uma vez, indo se servir de uma bebida. Não era o álcool consumido pelos mortais, mas leite, de preferência na temperatura do corpo. Leite de cabra, ovelha e até de animais mais exóticos tinham sobre os Demônios o mesmo efeito inebriante do álcool sobre os mortais; o leite pasteurizado vendido em lojas era como suco de frutas, o leite de zebra ou girafa, por exemplo, podia ser comparado a um bom conhaque.

Jacob serviu-se de um copo de leite de cabra do Himalaia e sentou-se em uma poltrona confortável. Girando a cabeça de um lado para o outro, tentava amenizar a tensão na nuca, revendo tudo que acontecera mais uma vez, ruminando pensamentos, sabendo que em breve teria de conversar com Noah, mesmo que não chegasse a uma conclusão sobre tudo que vivera nas Últimas horas.

Ele ainda estava ali, refletindo sobre os últimos eventos, quando ouviu uma voz hesitante, doce.

- Olá?

Jacob pôs-se em pé de um salto, virando-se para a criatura que esfregava os olhos e caminhava com passos pesados, lentos.

Impossível!

Ele não era capaz de lançar encantamentos do sono sobre a mente das pessoas como Kane fazia com tanta facilidade, nem podia drenar a energia de um corpo com um simples gesto de mão, como Noah, mas sabia como misturar ervas e criar uma poção forte o bastante para induzir um sono profundo e prolongado. Isabella deveria dormir por horas sob efeito do poderoso coquetel de ervas. Mas estava ali, ao pé da escada e sorrindo sonolenta.

- Ah, aí está você. Jacob, certo?

- Sim - ele confirmou, sem saber o que fazer.

Ele a estudava enquanto tentava pensar numa solução, mas só conseguia reconhecer sua beleza e seus inegáveis encantos. O confronto no galpão a deixara suja e com as roupas molhadas, e ele a despira do jeans, da camiseta e das meias e a cobrira com uma de suas camisas. A imagem era um poderoso estímulo visual. O cabelo longo, negro e sedoso emoldurava o rosto inocente, delicado. O corpo era perfeito. O decote da camisa sob o pescoço, uma abertura causada pelos botões que deixara de fechar ao vesti-la, permitia que uma mecha negra serpenteasse pelo vale entre os seios fartos, eretos e rígidos. A cintura fina prenunciava a curva arredondada do quadril proporcional, e depois...

Jacob sentiu o sangue pulsar em resposta a essa análise e desviou o olhar, deixando o copo vazio sobre a mesa. Sentia que Isabella se aproximava, registrava seu aroma e os sons de seus movimentos, e sua presença despertava-lhe a lembrança de uma sensual noite de verão.

Era uma fragrância pura, quente e tentadora. o cheiro do sexo oposto. Da atração. E ela se aproximava passo a passo.

- Devia estar dormindo - ele disse de repente, sentindo o sobressalto que causara com a brusca interrupção do silêncio opressor.

- Eu acordei.

Ele a imaginou encolhendo os ombros. Era como se tudo ali fizesse perfeito sentido para ela, enquanto que, para ele, a situação era cada vez mais confusa. Isabella deu mais um passo. E outro.

Não! Maldição! Você é mais forte que uma frágil fêmea da raça humana! Não. Não permitiria que a loucura da lua o dominasse. Jamais havia perdido o controle, e essa não seria a primeira vez. Criara um exemplo de solidez e estabilidade por mais de quatrocentos anos, e não macularia uma reputação tão ilibada e superior.

Com o rosto composto numa expressão austera, ele se virou para encará-la.

- O que estou fazendo aqui? Que lugar é esse? Os dedos delicados tocaram um bibelô sobre uma mesa muito antiga, desenhando sua forma, explorando a textura e o trabalho artesanal até fazê-la sorrir numa resposta apreciativa. O prazer causado pela beleza rara do objeto iluminou seus olhos, realçando o tom de violeta. - Presumo que essa seja sua casa...

- Sim, você está em minha casa.

- Não me lembro de ter vindo. Sua casa é linda - ela elogiou, olhando em volta e captando a riqueza da decoração do ambiente. - Vejo que gosta de antiguidades.

Jacob assentiu. As peças que ela chamava de antiguidade eram novas quando ele as comprara, mas isso era algo que não precisava revelar.

- Você não e de falar muito, é? - Isabella perguntou, tocando uma estatueta de madeira que fora esculpida por uma mulher de uma tribo africana extinta havia muitos anos. - Entendo que não se sinta muito animado depois do que aconteceu ontem, mas...

Isabella devolveu a estatueta ao lugar de origem, sobre uma estante, passando ao objeto seguinte, indo de um em um enquanto sua curiosidade sensorial devorava todas as curvas e detalhes de cada peça. Os dedos delicados acariciaram a superfície de uma mesa, aproximando-se da mão dele.

Jacob removeu a mão da madeira, que usava como um artifício para permanecer ligado a razão e ao concreto, e recuou um passo, destruindo sua graça habitual com o movimento desajeitado e a aflição gerada pela necessidade de se afastar da presença perturbadora.

Inferno, ele pensou com veemência, a mulher devia ter mais juízo! Devia saber que não é sensato se aproximar de um homem que nem conhece direito! Especialmente uma mulher humana. Ela não possuía poder, nenhuma força inata com que pudesse proteger-se, mas ali estava, colocando-se to alcance de sua mão e demonstrando uma confiança ingênua, quase tola.

- Não quero parecer grosseiro ou antipático - ele conseguiu dizer com tom polido, apesar do turbilhão de emoções, - mas não estou habituado a ter companhia de outras pessoas.

Isabella inclinou a cabeça para o lado, causando um movimento sedutor dos cabelos sedosos e brilhantes, o olhar se assemelhava a uma carícia física, o delicado brilho violeta transmitia uma curiosidade que a levava a estudar seu rosto sem reservas, um estudo que seguiu pelos ombros e terminou em seu peito largo. E em todos os lugares em que esse olhar pousava, Jacob sentia a pele queimar, os músculos enrijecerem, a roupa se tomar insignificante como medida de proteção, o abdome se contraiu, os tendões das coxas estavam tensos, e a inspeção ainda continuava. Logo ela perceberia a constrangedora ereção.

- Um solitário - ela comentou finalmente. Era uma afirmação, e ela assentiu como se concordasse com a própria declaração e a confirmasse. - Bem, pelo menos sei que não tem seis filhos correndo pela casa. Não com todas essas peças preciosas espalhadas pela sala. A propósito... Ela o encarou diretamente, e Jacob sentiu que não podia respirar direito. - Você me despiu?

Nesse momento Jacob teve certeza de que ela não podia ser humana. Nenhuma mortal ousaria formular essa pergunta de maneira tão direta e serena. Não para um homem que mal conhecia. Um homem evidentemente excitado e a poucos passos dela.

Isabella não percebeu o movimento. Num minuto ele estava parado, no outro as mãos estavam sobre seus braços. Os dedos fortes a tiraram do chão e a puxaram contra o peito musculoso. Ela emitiu um grito abafado e surpreso, e o ar deixou seus pulmões num jato poderoso. Antes que pudesse inspirar, os lábios de Jacob cobriram os seus com ferocidade contida.

As mãos de Isabella se ergueram instintivamente, agarrando o tecido da camisa em busca de equilíbrio e planejando um potencial protesto, o protesto pretendido nem chegou a germinar, porque o corpo másculo e atlético projetava sua força nas curvas dos quadris dela, mais suave e suplicante. Ele era esguio, dono de músculos definidos e perfeitamente desenhados, e podia sentir nele a vibração da vida. Masculinidade e potencia. Podia sentir essas características em todas as partes daquele corpo. As mãos de Jacob eram firmes e seguras em seus movimentos, mantendo-a colada em seu peito.

A boca de Jacob parecia queimar a dela com sensualidade, uma mistura equilibrada de natureza e talento. Era um beijo diferente de todos que havia experimentado no passado, e não havia nada de platônico ou ingênuo nas sensações por ele despertadas. Ele a beijava com agressividade, a boca quente e a ponta da língua to canto seus lábios, provocando e exigindo ao mesmo tempo, como se ele conhecesse um segredo, algo pessoal de que ela mesma jamais tivera conhecimento. Havia vertigens, ondas de calor e alterações de frequência cardíaca. Os seios formigavam e a metade inferior do corpo ardia em chamas. Estava inundada pela adrenalina, tomada por um desejo sensual que jamais imaginara que existisse. Ela relaxou os lábios contra os dele, o coração batendo como as asas de um pássaro pego numa armadilha.

Jacob sentiu o convite instintivo. Estivera esperando por ele. E o aceitou com uma ousadia erótica, a língua invadindo a boca tímida e quente da fêmea humana, buscando despertar a porção animal que ela mantinha adormecida. Esse era o único pensamento em sua mente... Fazer contato, saboreá-la de um jeito específico, sorver seu sabor e ir buscá-lo em dimensões ricas o bastante para enlouquecer um santo. Todas as outras idéias giravam em torno do paraíso de um beijo quente e doce. Não havia mais nada.

Isabella sentiu uma onda de calor brotando da essência de seu corpo, espalhando-se em todas as direções e inundando vasos e veias. O sentimento era extraordinário. Até experimentá-lo ela mesma, mantivera-se ignorante quanto ao efeito que provocava nele. Agora, tomada por aquele fogo incontrolável que fazia arder a pele, deduziu que Jacob sentia o mesmo. A língua buscou a dele. Curiosidade e ousadia se misturavam, calando a voz da precaução.

A boca explorava a dela com desespero, com uma necessidade primitiva que ela nem tinha esperança de compreender em sua ingenuidade. Era como se fosse a última mulher da terra, a única que merecia ser beijada. Sentia o hálito morno e úmido envolvendo seu rosto, misturando-se a sua respiração. Os dedos de Jacob percorriam sua coluna, subindo e descendo.

Jacob gemeu quando a boca sob a dele se abriu um pouco mais, convidando-o a exploração. Isabella era doce, incrivelmente doce, como se tivesse o ingrediente secreto de um néctar proibido e tentador. A temperatura da pele subia rapidamente, diferente da pele fria de uma fêmea de Demônio, e ele podia sentir cada grau como um toque provocante. Até sua pele, normalmente tépida, alcançava uma temperatura incomum para os de sua raça. Uma cacofonia de urgências ecoava em seu interior, tantas que os pensamentos mergulharam no caos. O instinto assumiu o controle enquanto as mãos percorriam as curvas do corpo tentador, sorvendo o calor da pele macia. Tocava-a do ombro até a cintura, descendo um pouco mais para tatear o início da curva de um glúteo arredondado. Era como se ela se encaixasse perfeitamente na forma de sua mão. Os dedos apertaram um glúteo, erguendo-a do chão e puxando-a para um contato ainda mais completo com seu corpo.

De repente ele interrompeu o beijo, respirando com dificuldade. Era como se estivessem enroscados um no outro. Os olhos estudaram o rosto delicado,

analisando-o como se fosse um complexo enigma. Isabella agarrava-se a ele, colada como estava ao corpo poderoso e forte. As narinas de Jacob se dilataram quando ele inspirou profundamente, buscando levar mais ar aos pulmões, talvez capturando uma fragrância. Mas ela não usava perfume. Depois, ele se inclinou e cheirou o pescoço delicado, inalando o aroma da pele quente.

Era um gesto erótico, e Isabella sentiu o corpo responder imediatamente. A língua quente deslizava por sua pele, acompanhando a veia que pulsava na base do pescoço, os dentes pressionando a região sensível. O estímulo causou um arrepio que ela não conseguiu conter.

Jacob sentiu o tremor. Um som rouco brotou de sua garganta e os lábios buscaram os dela mais uma vez, sorvendo o sabor, deixando nela seu cheiro pessoal. Isabella gemeu, um som sensual e rouco que levou a loucura os sentidos já tão estimulados do Defensor.

De repente, ele passou um braço pela superfície da mesa próxima, jogando longe todos os objetos de sua preciosa coleção. As mãos urgentes a tiraram do chão e a colocaram sobre a mesa. Sentada, ela afastou as pernas naturalmente. Os joelhos envolviam o quadril de Jacob, os tornozelos acariciavam a parte posterior de suas pernas, como se ela houvesse repetido a ação centenas de vezes antes.

Isabella nem se deu ao trabalho de pensar na própria inexperiência, no fato de nunca ter feito isso antes. Sentia no próprio peito as batidas furiosas do coração de Jacob, e a vibração percorria seu corpo em ondas sucessivas. As mãos dele seguravam sua cabeça, os dedos tocando seus cabelos com reverência e ansiedade. Era como acariciar a mais pura seda. o perfume floral do xampu o inebriava, o calor da pele o envolvia como um manto. Era uma experiência divina.

Jacob agia impelido pelo impulso, movendo a boca contra a dela e refletindo com cada movimento a necessidade imperiosa de gratificação. As mãos encontraram o quadril arredondado e a puxaram para frente, para a beirada da mesa, enquanto o corpo mergulhava entre suas pernas. Ela não conteve um gemido ao sentir a força com que ele comandava seu corpo ardente, e depois gemeu baixinho quando sentiu a impressionante ereção no centro de sua feminilidade. O corpo de Jacob era quente, duro, e só a barreira das roupas impedia que ele encontrasse o que buscava, que realizasse seu objetivo. O som

que brotou da garganta de Isabella era de abandono e prazer, e os movimentos que ela executava contra o corpo másculo o convidavam a possuí-la. Os dedos delicados passeavam por suas costas, tocando a cintura e acariciando os glúteos, onde ela sentia músculos poderosos.

Jacob gemeu de prazer ao sentir a resposta ardente da fêmea. Ele usava a boca de maneira selvagem, beijando-a até deixá-la marcada, ofegante e tremula, entoando com seus suspiros e gemidos uma canção de estímulo e incentivo que era como álcool sobre o fogo de seu desejo. Sentia-se bombardeado pelo perfume natural, pela excitação e pelo calor de sua pele. o sangue se acumulava em regiões específicas de seu corpo, aquecendo-as além do que considerava suportável. Era uma mistura intoxicante, e já se sentia embriagada por ela.

Isabella afogava-se em paixão e desejo, hipnotizada pela rigidez do corpo másculo e pela boca que parecia querer devorá-la. Ele se movia contra seu corpo como se quisesse acariciá-lo por inteiro. Os dedos buscavam ávidos a pele sob a camisa que ela usava, tocando o ventre e subindo até encontrarem um seio. O toque era habilidoso, uma manipulação experiente que combinava pressão e suavidade. Jacob pegou entre o polegar e o indicador um mamilo túrgido, rolando-o e provocando sensações indescritíveis. Isabella gemia, inclinando as costas e impulsionando o corpo na direção dele. Ela gemeu novamente quando os dedos encontraram o outro seio e o manipularam de maneira semelhante, provocando um calor que descia por seu corpo como um líquido incandescente. O cheiro de Jacob invadia seus sentidos, uma mistura almiscarada e exótica, e ela interrompeu o beijo para aproximar a boca do pescoço dele e encher os pulmões com a fragrância excitante, como ele fizera anteriormente. A língua lambia a pele sobre uma veia pulsante na base do pescoço largo e musculoso, e ele murmurou por entre os dentes uma frase num idioma estranho. Seu corpo todo estremeceu.

- Fale - ela exigiu ofegante. De repente Isabella ergueu o corpo, segurando a camisa e abrindo-a com violência inesperada, sem parar para pensar em como o gesto poderia parecer convidativo. Ela olhou para baixo, para os seios pálidos e expostos, para as mãos que os tocavam e acariciavam. Pousando as mãos sobre as dele, ela o guiava e incentivava a prosseguir com o carinho provocante, aumentando a pressão. - Fale - repetiu com voz rouca, provocante.

Jacob estava em brasas. Todas as terminações nervosas recebiam o calor do corpo de Isabella e o espalhavam por sua pele. Os sentidos entraram em convulsão. Era como se um vulcão explodisse dentro dele, destruindo razão, lógica e senso de dever e lei. o animal contido em seu ser estava tão próximo da superfície, que podia ouvi-lo rugir nos recessos de sua mente.

- Você é minha - ele murmurou com voz rouca e ameaçadora. Era quase um rugido. - Minha... - Sabia que poderia possuí-la ali mesmo, sem encontrar resistência. E o impulso era forte.

- Sim - Isabella respondeu sorrindo, os olhos iluminados pelo desejo. Algo em seu inconsciente dizia que devia estar com medo da intensidade desse desconhecido, mas não o temia. Não temia o encontro nem a força da própria paixão. Pelo contrário, queria vive-la completamente. Queria descobrir como era a experiência de ser possuída por um homem.

Foi nesse momento que a sala explodiu.

Isabella foi jogada no chão pela força da explosão. Uma violenta ventania castigava seu corpo, levantando-a e girando-a no ar como se fosse uma boneca de pano. Ela aterrissou sobre uma cadeira e, tonta, afastou os cabelos do rosto. A visão clareou a tempo de ver Jacob sendo jogado contra uma parede pela mesma ventania. Só então ela notou que havia outro homem na sala.

Percebendo o desconhecido de cabelos claros como uma ameaça e registrando o grunhido ultrajado de Jacob, Isabella levantou-se e se atirou contra o intruso. Era como atacar uma rocha. Ele virou a cabeça, olhou em sua direção e sorriu com... surpresa? Deboche? Um gesto da mão fina e longa, e ela foi novamente arrastada pela ventania que a impedia de respirar.

Um segundo depois ela teve a sensação de que seu peso havia desaparecido. o corpo adquiria a consistência de uma nuvem de poeira, o que fazia o vento passar por ela sem encontrar resistência. Estilhaços e escombros arremessados em sua direção também a atravessavam sem causar dano. o desconhecido praguejou, e ela soube que ele pretendia causar mal a Jacob, em quem estava concentrado agora. Podia sentir o poder que emanava do gigante e via as correntes de ar que atingiam Jacob com a força de emanções nucleares. Quando a lateral da casa foi arrancada pela força de uma nova explosão e Jacob foi arremessado para o lado de fora, Isabella recuperou a solidez. O reencontro dos pés com o chão foi abrupto e desajeitado.

Aquela altura, ela agia guiada puramente pelo instinto.

Jacob salvara sua vida e coma perigo, e precisava fazer alguma coisa. Antes que um segundo transcorresse, ela estava novamente se movendo como se não tivesse solidez. Como se o espírito de Bruce Lee a houvesse possuído, ela chutou a cabeça do agressor com violência espantosa. Girou no ar e chutou novamente, sentindo grande satisfação por ouvir os gemidos de dor do gigante. Um dos pés atingiu o nariz dele.

O intruso foi arremessado para trás pelo impacto e caiu de costas no chão. Antes que pudesse recuperar-se, ele recebeu sobre o peito o impacto do corpo de Isabella, que o ameaçava com um objeto que agarrou aleatoriamente. Era um vaso muito pesado. Não era um bastão de metal, mas sabia que podia causar grande estrago com aquilo. Por isso o direcionou para a cabeça do desconhecido com toda a confiança que emanava de seus poros.

- Não, espere! - Ele levantou as mãos para proteger-se, e o gesto a fez hesitar por um instante. - Eu só queria protegê-la!

- Mentira! - Ela preparou o vaso novamente.

- Eu juro! Escute, por favor! Ele a teria destruído. Não entende o que acontece aqui, mulher tola?

- Ah... Não é muito sensato insultar uma "mulher tola" que tem nas mãos um vaso que pode esmagar sua cabeça ela ameaçou, balançando o vaso até sacudir as folhas da planta. - E eu é que sou a tola?

- Que diabo está acontecendo aqui?

Isabella e o estranho se olharam, percebendo que nenhum dos dois havia falado, embora pensassem na mesma pergunta e a tivessem na ponta da língua. Eles se viraram para outro estranho, um homem de cabelos escuros, avermelhados, cercado por uma aura de poder que lembrava muito a atitude de Jacob.

- Noah! - o primeiro desconhecido exclamou. - Tire esse furacão de cima de mim!

- Mais um passo em minha direção, e esmago a cabeça dele com o vaso - Isabella ameaçou.

Noah não se moveu, mas também não parecia muito preocupado. Pelo contrário, ele dava a impressão de que explodiria em gargalhadas a qualquer

momento. Ele a estudava com uma expressão debochada, curiosa, e foi quando Isabella percebeu que a camisa aberta expunha seus seios.

Chocada, ela soltou o vaso para fechar a camisa e segurá-la contra o peito. O vaso se partiu ao lado da cabeça do invasor, cobrindo seu rosto de terra. Ele praguejava furioso, e ela se levantou apressada, decidindo que seria melhor não estar por perto quando ele recuperasse a mobilidade.

Ficou assustada quando o gigante se levantou de um salto e cuspiu uma sequência de palavras que pareciam ser palavrões em um idioma estrangeiro. Recuou mais alguns passos, tentando se manter fora do alcance daquelas mãos enormes quando ele voltasse a enxergar. o desconhecido loiro removia a terra das roupas e dos cabelos, sacudindo a cabeça para livrar os cabelos de fragmentos de planta. Isabella continuava recuando, os olhos fixos nos dois estranhos, as mãos ainda segurando a camisa.

Noah viu a mulher de cabelos de ébano olhar em volta com a atenção de uma caçadora. O Rei tinha muitas questões, mas não esperava obter todas as respostas. Não dela. Por isso se concentrou no outro homem na sala.

- Elijah, pode me explicar o que está acontecendo aqui? O loiro olhou para o Rei com expressão descontente.

- Eu estava passando por aqui e senti uma forte mudança na atmosfera. Foi uma alteração tão intensa que meus pés literalmente deixaram o chão. Investiguei e comprovei uma alteração na força gravitacional. Um efeito colateral de... Bem, Jacob estava descontrolado. Ele estava... Eu o encontrei... - Elijah baixou a cabeça com evidente desconforto. - Ele se relacionava com essa mulher... ou estava bem perto disso. Eu o detive a tempo.

- Jacob? - Noah o encarou perplexo. o choque era tão óbvio em sua voz e na postura do corpo, que Isabella se sentiu insultada.

- Ninguém pediu que você interferisse - ela disparou irritada, os olhos lançando faíscas para Elijah. - Não é da sua conta se Jacob... se relaciona comigo.

- A explicação é longa - Noah interferiu.

- Tenho tempo de sobra.

- Parece cansada - Noah comentou enquanto se aproximava e movimentava os dedos, mantendo o contato visual.

Isabella piscou, invadida por uma súbita exaustão, e bocejou. Mesmo cambaleando, ela mantinha os olhos abertos e o queixo erguido.

Noah ficou tenso. Elijah estava boquiaberto.

Noah manipulou sua energia pessoal um pouco mais, sugando literalmente toda a força do corpo de Isabella, e com uma determinação que Elijah podia sentir na própria pele como uma corrente elétrica. Isabella recuou como se recebesse um golpe físico. Impotente diante do impressionante poder de Noah, ela caiu sem forças, encolhida numa posição fetal, adormecendo rápido.

Jacob abriu os olhos e foi imediatamente dominado pela dor. A cabeça parecia pulsar sobre os ombros, mas, mesmo assim, ele se sentou devagar, notando as duas presenças na sala, uma escura e nebulosa, outra mais clara, mas igualmente sem foco.

- Noah e... Que diabo estão fazendo aqui? - ele disparou ao reconhecer Elijah, cedendo a hostilidade, embora nem pudesse explicá-la.

- Salvando sua pele - respondeu Elijah, sorrindo de forma a exhibir os dentes brancos e perfeitos. Ele era uma combinação intrigante de jovialidade e força primitiva.

- Não! Está mentindo! - Jacob respondeu ultrajado, ferido em seu orgulho pela simples idéia de precisar de um salvador.

- Sinto muito, amigo, mas o que ele diz é verdade. Jacob olhou para Noah. o rosto do monarca sugeria gravidade e seriedade.

- Olhe, Jacob - Ele apontou para alguém que dormia no sofá da sala de sua casa.

Isabella.

Bela Isabella. Encolhida como uma gata e respirando profundamente, emitindo um som rouco que brotava de sua garganta cada vez que ela exalava o ar. Profundamente adormecida, parecendo um anjo etéreo e...

E machucada.

Ele olhou horrorizado para as marcas deixadas por seus dedos no pescoço e na parte superior das pernas da bela mulher. Tudo voltou numa enxurrada de imagens, as implicações atingindo-o como um soco no estomago, roubando-lhe o ar enquanto o rosto ardia de vergonha e terror.

- Oh, não... - ele gemeu, demonstrando desânimo e devastação com as palavras simples.

- Mantenha a calma, Jacob - Noah disse apressado. -Elijah chegou em tempo de impedir o pior.

Por pouco, Jacob lembrou. Ainda podia sentir os reflexos da luxúria, o desejo por Isabella, um sentimento que o dominara completamente. Lembrava-se de quanto havia estado próximo de possuí-la, de toma-la como sua fêmea, e para o diabo com as conseqüências. De fato, as conseqüências não haviam integrado seus pensamentos nem uma única vez. Mesmo agora, apesar do desespero causado pela falta de controle, não conseguia se livrar da urgência de chegar mais perto dela, de tocar o corpo delicado, abraçá-lo e senti-lo, de absorver seu calor mais uma vez e saborear o gosto daquela boca. Era um sentimento opressor, envolvente, uma necessidade visceral, e estava tomado pela aterrorizante convicção de que nunca seria capaz de remover de sua alma essa necessidade. Nunca.

- Eu... nunca tive a intenção de feri-la - Jacob declarou em voz baixa. A ironia de repetir as mesmas palavras pronunciadas por Kane despertava uma ira profunda. Revoltava-se contra a própria fraqueza, e sentia-se humilhado e ultrajado por constatar que aqueles por quem tinha grande respeito haviam testemunhado suas atitudes condenáveis.

- Sabemos disso - Noah respondeu sereno, controlado, esperando poder confortar o velho amigo. - O que não sabemos é como ela veio parar em sua casa. - Ele se inclinou para frente. - De onde tirou a infeliz idéia de trazer a tentação para o seu território? Você não é infalível, Jacob, mesmo sendo o Defensor. Também pode sucumbir a loucura da lua sagrada.

- Eu sei disso!

- Então por que a trouxe para sua casa? - insistiu Elijah.

- Porque ela... porque precisava entender algo sobre ela. Essa mulher não é uma humana comum.

- Não mesmo! - Elijah concordou tocando o nariz inchado.

- O que o faz pensar que ela é incomum? - quis saber o Rei.

Jacob respirou fundo antes de fazer a revelação. - Ela matou Saul.

Os dois Demônios ficaram em silêncio. Perplexos. Jacob levantou-se e foi se sentar no braço do sofá onde Isabella dormia, um gesto que denotava a evidente intenção de protegê-la.

- Isso é impossível - Noah manifestou-se.

- Eu vi com meus próprios olhos. Saul havia sido completamente transformado. Errei ao calcular seu poder, sua força... Há muito não lutava com um Demônio alterado. Ele me feriu com alguma gravidade, mas ela o deteve.

- A pequenina criatura humana matou um de nós? Elijah indagou incrédulo. - Ele devia estar inconsciente. Incapacitado.

- Essa mesma criatura tão delicada e pequenina quebrou seu nariz, Elijah - o Rei lembrou. - Você estava inconsciente ou incapacitado? - Noah tinha a testa franzida. Nunca ouvi falar em nada parecido - ele confessou balançando a cabeça. - Fez bem em trazê-la, mas devia ter nos contado antes. Pôs em risco sua vida e a dela, Jacob, e não entendo por que agiu dessa maneira. Se a mulher matou Saul, podia atentar contra você também. E o que Elijah contou sobre você e ela...

- Não tenho explicações. Não sei explicar nada do que aconteceu nas últimas horas. Eu... simplesmente sabia que ela não representava perigo para mim. E mesmo sabendo como essa criatura me afeta, ainda não a considero uma ameaça. Também sei que não represento uma ameaça para ela. Não posso explicar, Noah! Sou o Defensor há quatrocentos anos. Nunca, nem uma única vez durante esses quatro séculos, eu hesitei, vacilei ou perdi o controle. Nunca sequer passou pela minha cabeça a idéia de ceder a um impulso tão primitivo e devastador. E, no entanto, com ela, não tenho essa consciência. Meu senso de dever e moral desaparece. É como se não houvesse nada de errado em estar com ela, em... Sim, tudo que aprendi a vida inteira diz que é errado, mas não é o que sinto.

- Essa é a voz da loucura, a expressão do perigo que nos ronda nas luas sagradas - Elijah protestou preocupado. - Você era como um animal quando eu cheguei, Jacob. Teria dilacerado essa criatura.

- Não! - Jacob não conseguia disfarçar a revolta diante da acusação injusta. - o impulso que me dominou não era o de um animal impelido a usar o corpo de uma fêmea qualquer sem discriminação. Era diferente. Eu... - Estava confuso,

por isso desviou o olhar dos outros dois, incapaz de suportar o choque e a dúvida em suas expressões. - Foi primitivo, sim, mas não era só luxúria. Não era só instinto. Era mais profundo, irresistível. É isso mesmo, nem eu pude resistir.

Noah se levantou, como se achasse mais sensato não permanecer muito perto da mulher que havia conseguido uma proeza inimaginável. Se Jacob sucumbira a loucura, devia haver ali mais do que os olhos enxergavam.

Quem era essa mulher capaz de matar um Demônio, surrar Elijah, o capitão das forças de combate de Noah, e encantar Jacob, o implacável Defensor? E a maneira como ela resistira a remoção de sua energia? Sim, havia algo a ser descoberto.

E esperava que não fosse algo assustador como estava imaginando.

Capítulo II

Isabella abriu os olhos, piscando rapidamente para afastar o sono e ganhar foco.

Ela se sentou de repente, a cabeça latejava, e a urgência de se deitar e dormir novamente era quase irresistível.

Então se lembrou. Tudo. Num pânico súbito, olhou em volta procurando por Jacob, apavorada por tê-lo abandonado, por ter permitido que os dois invasores o ferissem ou prejudicassem de alguma forma. Ela o viu do outro lado do espaçoso salão de paredes de pedra, a figura alta e elegante parada ao lado de uma lareira que criava um padrão de luzes douradas e sombras. Isabella suspirou aliviada, feliz por ele parecer tão saudável quanto antes.

O Defensor olhou por cima de um ombro e a viu sentada, olhando em sua direção. Dessa vez, estava menos surpreso por ela despertar prematuramente, por resistir a outra tentativa de sedação pela remoção de sua energia física. Sim, a reação ainda causava espanto, especialmente por saber que, Noah estava por trás do esforço. Jacob pôs as mãos nos bolsos e cerrou os punhos com força. Só então começou a caminhar na direção dela, sabendo que tinha de encará-la, mesmo depois de tudo que fizera, mesmo levando no coração o

arrependimento e uma profunda tristeza. Seus passos eram firmes. Estava envergonhado, mas era forte o bastante para admitir um erro e enfrentar as consequências.

Isabella o viu se aproximar, identificando propósito e determinação nos passos elegantes. Seu coração batia acelerado, resultado das lembranças do contato físico. Ainda podia sentir as mãos em seu corpo, o abraço envolvente, os beijos sensuais e inebriantes. Recordava como havia sido fácil para ele seduzi-la, como os dedos a submeteram sem nenhum esforço ou violência, apenas com um desejo evidente e incontrolável.

Jacob parou. Ainda havia entre eles meta de do comprimento do salão, mas, de maneira inexplicável, sentia-se perturbado por suas recordações dos momentos de intimidade física. As lembranças projetavam imagens que o atingiam diretamente. Tudo era muito real nessas recordações, quase como se ainda as vivesse. Todo o seu corpo ficou tenso em resposta ao que estava ocorrendo. A veia em seu pescoço pulsava freneticamente enquanto, com ar sonhador, Isabella lembrava suas carícias e seus beijos.

Jacob não era telepata. Também não tinha o dom da empatia, a capacidade de sentir as emoções alheias. Então, como podia captar pensamentos e sentimentos dessa humana? E mais, sentia que ela também estava muito próxima de sua mente, tomando o intercambio rico e muito íntimo. Devia se sentir desconcertado com a idéia, mas outra coisa chamou sua atenção.

De repente ele percebeu que não havia medo nas memórias dessa mulher. Nem mesmo quando ela questionava o próprio abandono, quando pensava em como tudo havia sido inusitado e incoerente com sua conduta habitual, não havia arrependimento. De fato, ela agia com uma resignação assustadora. Estava curiosa, intrigada, e até se permitia imaginar como seria ser novamente tocada por ele, beijada por sua boca. Jacob estremeceu, o corpo todo respondendo ao encanto de sereia representado pelo conjunto de pensamento: e estímulo visual.

- Jacob...

Seu nome era usado como um aviso, e o chamado serviu para quebrar o encanto, trazer de volta sua atenção ao ambiente. Dois homens entravam no salão. Isabella também olhou para os recém-chegados, reconhecendo os dois desconhecidos que haviam invadido a casa de Jacob. Ela se levantou, adotando uma postura defensiva ao colocar-se entre eles e Jacob.

Dessa vez eles se faziam acompanhar por uma mulher.

Isabella teve certeza de que jamais vira criatura mais bela em toda a sua vida. Ela era alta, com pernas longas e cabelos cor de café que desciam como uma cascata de caracóis por toda a extensão de seu corpo. O vestido branco lembrava uma toga, exceto pelo detalhe de uma faixa grossa que se ajustava sob os seios. O modelo realçava a pele bronzeada e acetinada, acentuando o verde de seus olhos. Ela transmitia uma serenidade que fazia Isabella pensar numa deusa, mas o sorriso agradável e doce que iluminava seu rosto a tomava mais acessível do que todos os homens ali presentes. A desconhecida parecia pairar como um anjo sobre seres de temperamento volátil e perigoso.

- Em meu nome e em nome de meu irmão, eu lhe dou as boas-vindas a nossa casa, Isabella - ela disse com voz cativante e um acento exótico, com uma modulação sofisticada. - Não tenha medo, ninguém aqui vai machucá-la ou permitir que seja ferida de alguma forma. Meu nome é Magdalegna. Meus amigos me chamam de Legna, e você pode me tratar assim, se quiser.

- Onde estou? Quem são essas pessoas? - Adotando um tom mais firme e acusador, Isabella disparou: - Por que atacaram Jacob?

Os três outros a observavam com interesse, notando que a pequenina humana dava mais um passo na direção de Jacob com a evidente intenção de protegê-lo. A idéia de uma criatura tão frágil protegendo um Defensor os divertia.

- Não foi um ataque contra Jacob. Elijah interferiu para proteger você. Quando ele chegou e viu aquela cena, teve medo de que Jacob a ferisse - Legna explicou.

- Bem... - Isabella pôs as mãos na cintura e ergueu o queixo num gesto visivelmente irritado. - Considero essa intervenção bastante presunçosa, e sei que vão concordar comigo. Nos só estávamos... - Ela ficou vermelha ao lembrar com nitidez em que circunstâncias haviam sido surpreendidos. - Ele estava... - A frustração cresceu quando ela notou que todos tentavam conter o riso. Jacob teve a ousadia de tossir para disfarçar o som de uma risada debochada. Bem, não creio que seja da conta de ninguém o que estávamos fazendo!

- Está enganada. E vai compreender porque é da nossa conta quando souber de tudo.

Isabella sentiu-se invadida pelo pânico. Centenas de possibilidades passavam por sua cabeça enquanto ela tentava encaixar no panorama geral uma explicação lógica para a inquietação daquelas pessoas.

- Você é casado! - exclamou, girando sobre os calcanhares para olhar para Jacob.

- Não. Não sou casado - ele respondeu com um toque de humor. - Não pensou na estranheza do ataque que sofri? Em nenhum momento considerou que todos os eventos das últimas horas são um pouco... estranhos?

A pergunta a fez hesitar. Lembrava-se do vento, do poder que se abatera sobre eles e os arrancara do chão como se fossem folhas secas. Aquele que chamavam de Noah dera um passo em sua direção e, depois disso, não lembrava de mais nada. Ele erguera a mão, e no instante seguinte ela havia acordado ali, no sofá. E antes disso, quando caíra da janela de seu apartamento no quinto andar, Jacob a pegara no ar. E haviam lutado juntos contra uma terrível criatura que ele dissera ter sido seu amigo no passado.

- Tudo bem, que diabo esta acontecendo aqui? - ela disparou. Não sentia medo. Nascera com uma insaciável necessidade de informação, uma busca que superava qualquer tipo de pavor que pudesse experimentar ao se ver cercada de tais peculiaridades. De repente percebia que estivera ignorando por completo algumas estranhas ocorrências.

-Antes, quero lembrá-la de que não corre nenhum perigo conosco - disse Noah.

- Ei, eu quebrei o nariz do nosso Arnold Schwarzenegger, ali. Não esqueçam. Não tenho medo de nenhum de vocês. Isabella inclinava a cabeça na direção de Elijah, cujo rosto estava ligeiramente corado pelo constrangimento.

- Isabella - Legna começou com tom gentil, mas seguro. Somos muito parecidos fisicamente com você e outros de sua espécie, mas somos... Diferentes.

- Espécie? O que vocês são? Aliens, talvez?

- Não - respondeu Jacob. - Somos nativos da Terra.

Isabella virou-se ao ouvir a voz dele, certa de que, qualquer que fosse a revelação que pretendiam fazer, preferia ouvi-la dele.

- Ah, por favor! Será que podem ser mais claros?

- Muito bem. - Jacob respirou fundo e aproximou-se dela, desejando poder tocá-la. - o folclore humano é repleto de mitos e lendas sobre criaturas que vagam na

noite. Vocês as chamam de monstros. Para nós, são só outras espécies. Eles existem, como nós existimos, como a raça humana existe. Os Nightwalkers. As culturas das Trevas. Somos nós, os que vivemos melhor nos ciclos escuros da Terra.

Isabella inclinou a cabeça para o lado, como se tentasse absorver essa informação. Jacob podia sentir seus pensamentos rápidos enquanto ela tentava encaixar dados captados anteriormente. Ela era tão inteligente, tão perspicaz, que o funcionamento de sua mente o fascinava.

- Ah... - Ela balançou a cabeça. - O que está me dizendo? Vocês são vampiros? A idéia dava novas implicações ao encontro com Jacob, fazendo seu corpo estremecer e a mente vibrar. O conceito poderia explicar por que os outros acreditavam que ela corria perigo com Jacob. Por outro lado, essa gente toda não era bronzada demais para alguém que se esconde do sol?

- Não, não somos, embora eles existam - Legna respondeu.

- Ah, existem? Francamente! Estão brincando comigo ela protestou com um sorriso incrédulo.

- Existem muito mais coisas no Universo do que o homem pode conhecer.

- Sim, mas criaturas que nunca morrem e sugam o sangue alheio?

Jacob riu, aproximando-se e tocando seu rosto com delicadeza quase reverente.

- Os Vampiros se ofendem com esse tipo de descrição.

Além de algumas habilidades especiais, da fraqueza e da necessidade por sangue, muitos Vampiros não são diferentes de qualquer pessoa que você conheça. Você pode até conhecer um ou dois sem saber.

- Ei! Daqui a pouco vão dizer que existe coelho da Páscoa e lobisomem! - Isabella exclamou.

- Bem, não posso afirmar nada sobre o coelho da Páscoa, mas Licantropos definitivamente existem, embora nem sempre como lobos.

Isabella olhou para Jacob como se ele tivesse criado asas. - Então - ela murmurou com voz fraca, hesitante -, se você não é nenhuma dessas coisas, o que está dizendo que é?

- Eu vou responder, Isabella, mas lembre-se... - Jacob afagou seu rosto mais uma vez, tentando acalmá-la. - Uma palavra tem terríveis implicações em uma

determinada mitologia, a sua, nesse caso, mas nem sempre essas implicações correspondem a realidade.

- Fale de uma vez! - ela pediu a beira do descontrole.

- Somos chamados Demônios. Somos uma raça de seres elementares, imortais e dotados de poderes orientados para a Natureza. Pertencemos a uma espécie altamente civilizada com um código de honra, um código moral e crenças bastante severos. Desejamos coexistir pacificamente com sua espécie, proteger nossos amigos humanos dos aspectos mais rudimentares de nossa natureza. Por isso Elijah me afastou de você. Um Demônio não pode prejudicar um humano. É proibido. Portanto, é tabu um Demônio tentar... tentar se relacionar intimamente com um humano. Sempre foi assim.

- Mas... - Isabella meneou a cabeça, tentando clarear os pensamentos e não se deixar confundir por eles. - Aquela coisa no galpão... O que era? Um Demônio, também? Um de vocês?

- Sim e não. Demônios, em sua maioria, tem a aparência que estamos exibindo agora. Somos civilizados, embora tenhamos momentos de comportamento primitivo que tentamos monitorar e controlar. Saul, a criatura que você destruiu, era um Demônio corrompido e pervertido. É necessário que ocorra um conjunto específico de circunstâncias para desencadear a transformação, e isso não acontece há mais de um século. Não acontecia... Até hoje.

- E ainda há mais - disse Legna, atraindo a atenção de Isabella. - Hoje, pela primeira vez, um humano conseguiu matar um dos nossos. Já tentaram, sim, mas nenhum havia conseguido.

- E nessa noite de tantas novidades - acrescentou Noah -, Jacob, também pela primeira vez, perdeu o controle com uma fêmea humana. Ele é o mais disciplinado, o mais controlado entre todos nós. Talvez não perceba, mas tudo isso tem um significado para nós.

- Acreditem, é tremendamente significativo para mim também - ela respondeu com tom seco. - Estão dizendo que não podem ser mortos. Por isso se dizem imortais? Porque, se for isso, vi um imortal bem morto naquele depósito!

- Podemos ser mortos. Um pelo outro, por outros Nightwalkers poderosos e... por feiticeiros - Noah revelou. - Ser imortal significa que temos vida longa. Muitos aqui tem muitos séculos de vida.

- Séculos? - Isabella engoliu em seco. - Quantos séculos? - ela perguntou a Jacob.

- Um pouco mais de seis, no meu caso.

- Seis séculos? - Ela se esforçava para conter gargalhadas histéricas, uma tendência que se fortalecia desde que conhecera Jacob. - E nós ainda falamos na longevidade do homem! Mas... espere, vocês nem são homens! Não são humanos! - A repentina compreensão das implicações de tal fato a atingiu como uma bomba. - Jacob, mas isso é... É impossível! O que teria acontecido se... se nós... ? Quero dizer... Ah, você sabe!

Todos na sala estavam muito inquietos. Havia um desconforto geral agora.

- Não sabemos - Noah respondeu. - Nunca aconteceu antes. Não com Demônios que não foram corrompidos. Os transformados... bem, há exemplos trágicos de homens e mulheres encontrados...

- Dilacerados - Jacob concluiu sem rodeios. Vira essa realidade com os próprios olhos. Eram fatalidades brutais, sangrentas.

- De qualquer maneira - Legna tomou a palavra -, sempre achamos que o encontro seria demais para uma humana, mesmo que o Demônio em questão não fosse corrompido.

Isabella não conseguia acreditar nisso. A dominação primitiva de Jacob havia sido envolvente, poderosa. Não queria nem pensar no que teria acontecido se Noah e Elijah não tivessem surgido naquele momento. Pela expressão de Jacob, era claro que ele tinha pensamentos bem semelhantes aos dela.

- Por favor, Isabella, acredite em mim! - Jacob interrompeu. - Eu jamais tive a intenção de machucá-la.

- O que ele diz é verdade. Nessa época do ano, algo acontece com nosso povo que torna muito difícil controlar o impulso de acasalamento - explicou Noah. - Nós nos policiamos com rigor, mas as vezes é mais forte que nós.

- Espere. Espere um minuto. - Isabella ergueu as mãos num gesto de contenção, balançando a cabeça como se ainda não pudesse aceitar tudo que ouvia. - Essa história é muito rica em detalhes e cheia de imaginação, mas... Como posso

acreditar no que dizem? Quero dizer, vocês todos parecem tao normais! Lindos, é verdade, mas normais.

Jacob sentiu os lábios se distenderem. O que havia nessa mulher que despertava nele tão grande alegria? Sempre que estava perto de Isabella, sentia vontade de rir. De si mesmo, de sua habitual solenidade, de tudo que havia sido tão serio por tanto tempo. Mas, em vez de ceder ao impulso e rir, ele segurou as mãos dela, apreciando o calor da pele delicada e a energia gerada pelo contato físico, encantado com a confiança que ela demonstrava aceitando o gesto, em vez de rejeitá-lo, como era de se esperar depois de tudo que acabara de ouvir.

- Não tenha medo - ele murmurou.

Isabella abriu a boca para perguntar por que deveria ter medo, mas uma súbita sensação de leveza a inundava e roubava-lhe o fôlego. Ela o fitava nos olhos, sentindo os pés deixarem o chão sem nenhum esforço, o corpo seguindo o comando de Jacob que, com aparente naturalidade, os fazia pairar no ar. Isabella passou os braços em torno do pescoço dele', o coração disparado pela descarga de adrenalina provocada pela experiência inquietante. Sentia o corpo todo tremer.

- O Destino me fez da Terra, Isabella - ele contou num sussurro. - Posso manipular a gravidade, comunicar-me com todas as coisas vivas e mover placas tectônicas umas contra as outras, se eu quiser. Posso transformar uma semente em árvore com um pensamento e faze-la murchar com outro. Sinto as forças da vida de cada ser vivo nascido da Terra. Posso caçar qualquer coisa que percorra os caminhos desse mundo com os sentidos aguçados do mais ardiloso predador.

Isabella não conteve uma exclamação maravilhada ao perceber que subiam cada vez mais, afastando-se dos outros que os observavam, tocando quase as vigas do teto. Só quando olhou para baixo e pôde contemplar o cenário do alto, ela compreendeu que deviam estar em um castelo. Nenhum outro tipo de construção teria aquelas paredes, o piso, o teto arredondado e todo aquele luxo.

Depois de um momento, Jacob desceu lentamente até os pés tocarem o piso de mármore, segurando-a contra o corpo de forma protetora enquanto recuperava o peso. Ela viu apreensão nos olhos dele e uma intensa necessidade de ser seu protetor. Mais ainda, podia sentir tudo isso. Percebia que estava desenvolvendo uma sintonia com as emoções e os pensamentos de Jacob. Não sabia como

estava acontecendo, mas como poderia fazer essa pergunta, se acabara de sobrevoar a sala nos braços dele?

Testando a habilidade recém-encontrada, ela teve a sensação de que o desejo de Jacob por ela era contido e controlado com grande esforço. Não havia desaparecido, como já começara a suspeitar. Por alguma razão, a constatação causou alívio. Podia parecer absurdo, perigoso e ridículo, mas parte dela não queria ser só uma urgência primitiva e passageira para Jacob.

Ao sair do círculo protetor de seus braços, Isabella olhou para Elijah.

- o vento... ? - ela indagou.

- o Destino me escolheu para o vento - ele respondeu sério, movendo as mãos num gesto teatral enquanto piscava para ela. - Atmosfera, temperatura, ar, esses são meus domínios. Uma brisa invadiu a sala, e a forma atlética de Elijah se dissipou no ar. Como se fosse o próprio ar. A voz dele soava em todas as partes, forte e ressonante, e ele brincava erguendo seus cabelos, transformando-os em uma bandeira que tremulava sobre seus ombros, fazendo-a rir. - O clima acompanha minha vontade, as tempestades e a pressão atmosférica podem ser manipuladas por mim. Posso encher um espaço de oxigênio vital ou removê-lo completamente. O vento é o sopro da vida, e ele sopra por meu intermédio.

- Elijah - Jacob chamou irritado, olhando com ar desaprovador e acrescentando uma sutil mudança no campo gravitacional para dar ênfase ao aviso. Não gostava de ver Elijah brincando com ela, e estava expressando sua contrariedade com total clareza.

- Para mim o Destino escolheu o fogo - contou Noah, notando que Elijah se materializava ao seu lado. O Rei se contorceu numa coluna de fumaça. Ele se manteve nesse estado por um instante antes de recuperar a solidez. - Sou a lava que pulsa no centro da Terra, a conflagração que queima o velho para que o novo possa nascer em seu lugar. Sou o que ferve e inflama, o volátil e explosivo. Sou o calor do sol, o manipulador de todas as energias. O fogo queima em mim e para mim, e ele é tudo o que eu sou.

- Demônios da Terra e do Fogo são os mais raros de nossa espécie, os mais poderosos - disse Jacob. - Noah é o Rei. Nosso líder.

- Mas o fogo não pode viver sem o ar - acrescentou Elijah.

- E o ar não pode ser purificado sem a Terra - declarou Jacob.

- Cavalheiros, por favor - Legna interferiu impaciente. - Querem que Isabella e eu deixemos a sala para que possam medir seus tamanhos em cima da mesa?

Isabella não conteve uma gargalhada. Legna ousava dizer tal coisa a homens de tão fenomenal poder? Talvez ela também fosse especial.

- E você, Legna?

- o Destino me deu a mente - ela admitiu com voz calma, controlada. - Sou ilusão, aquilo que é criado e real apenas na mente. Sou a personificação da empatia, da lógica e da razão, do impulso e do desejo. Desejo estar em algum lugar, e apareço lá. - Ela explodiu numa nuvem de fumaça com forte cheiro de enxofre. Uma segunda explosão a fez ressurgir atrás da espantada Isabella, que aplaudiu encantada. Sou sedução, carisma e pacificação. Esses são os verdadeiros poderes da mente, e ela os divide comigo.

- Esperem um minuto. Fogo, terra, ar e... mente? O que aconteceu com a água?

- Podemos chamar um Demônio da água, se quiser, mas não aqui - Noah ofereceu generoso.

- Então, existem cinco tipos diferentes de Demônios? Um para cada elemento? Confesso que não conhecia o elemento da mente, mas...

- Os humanos só conhecem os quatro elementos - disse Jacob. - Até esse momento, temos seis. Terra, vento, fogo, água, mente e corpo.

- Até esse momento?

- Nunca se sabe o que o futuro reserva. Os Demônios da mente só apareceram há quatrocentos anos. Foi um resultado da evolução.

- Entendo. - Ela olhou para Legna com a testa franzida e ar intrigado.

- Esta curiosa com relação a alguma coisa? - quis saber a bela fêmea de Demônio.

- Sim, eu... não posso deixar de pensar em como eles invadem uma sala quebrando tudo, enquanto o que você produz é mais... benigno.

- Demônios fêmeas são muito diferentes de suas contrapartes masculinas. Nossas habilidades tendem para a natureza mais insidiosa do elemento que nos governa. Temos um poder muito grande, mas sutil. Ele só é notado quando já é tarde demais. Por exemplo, um Demônio do fogo fêmea pode manipular a temperatura em poucos graus, comparando sua atuação com a de Noah, por exemplo, mas seu verdadeiro fogo esta no temperamento. O fogo arde em todos

nós, na ira, na paixão, no ciúme... Imagine a habilidade de manipular essas coisas. A paixão sozinha já mudou a cara do mundo.

- Para nossa sorte, só existem três Demônios do fogo vivos - Elijah brincou, dando uma divertida cotovelada nas costelas de Noah.

- Dentre eles estão Noah e Hannah, irmã dele e de Legna - Jacob explicou em voz baixa.

- Além disso - Legna continuou entusiasmada -, existem habilidades compartilhadas, as que não se relacionam não só aos sexos, mas aos elementos, também. Por exemplo, Elijah pode se tomar a neblina, uma condição climática, mas um Demônio da água também tem essa capacidade, porque a neblina é feita de vapor de água. Tanto machos quanto fêmeas de Demônios da mente podem se transportar, mas só os machos são telepatas. As fêmeas tem essa capacidade de leitura, mas para os sentimentos, não para os pensamentos. Eles têm telepatia. As fêmeas, empatia.

- Entendi.

E, por mais estranho que pudesse soar, fazia sentido. Ter todo aquele poder na ponta dos dedos era uma idéia excitante. Era uma força que podia corromper absolutamente, como se costumava dizer. o poder corrompe... mas não era o que acontecia com essa raça orgulhosa e de tão elevada autocrítica. Havia conforto para ela nessa constatação, porque precisava de alguma coisa para contrapor a enervante compreensão de que seres como lobisomens e vampiros realmente existiam. Ela também via claramente por que eles se mantinham escondidos, vivendo em segredo, sem revelar sua existência aos humanos. Se os homens encontrassem um meio de aprisionar os Demônios, certamente os usariam e perverteriam ao extremo.

Foi pensando assim, que a ultima peça do quebra-cabeça se encaixou.

- o que aconteceu com Saul? Você disse que ele foi transformado. Como? Estava atrás dele, caçando aquela criatura... - ela acrescentou, virando-se para olhar para Jacob. - Por isso me perguntou se eu havia visto algo incomum? E quando o encontramos, aquela luz... o outro homem... Jacob, o que era aquilo?

- Saul foi capturado. Nós chamamos esse processo de intimação. Há certos humanos, conhecidos por nós como nigromantes, que há muito tempo aprenderam um método secreto de intimidar um Demônio, aprisioná-lo e

dominar seus poderes por um determinado período de tempo. Sob os comandos do feiticeiro, uma transformação começa, progride e, no final, o Demônio se toma o que você viu, uma criatura sem controle ou noção de certo e errado. É nosso pior pesadelo.

- Oh, meu Deus! - Isabella cobriu a boca com uma das mãos. - Quer dizer que pode acontecer com qualquer um de vocês?

Eles assentiram, e Isabella sentiu o estômago oprimido em sinal de protesto. Aquelas belas criaturas podiam ser privadas do senso de correção e honra, da graça e da altivez que os marcava?

- Por que estão me contando tudo isso? Não temem que eu os ponha em risco? Por que confiam em mim? Quero dizer, eu... Eu matei um de vocês! Não foi intencional, eu juro, mas...

Jacob a abraçou, um gesto de ternura que fascinou Noah.

Quanto mais via ali, mais o Rei dos Demônios acreditava que algo conectava Jacob aquela pequenina criatura humana.

- Isabella - Noah manifestou-se -, consideramos o que você fez como um ato de misericórdia. Saul não podia mais ser ajudado por nós. Se você não o destruísse, Jacob teria sido obrigado a assumir essa dolorosa tarefa.

- Teria sido pior se Saul sobrevivesse como monstro, ferindo e matando tudo que encontrasse pela frente - Legna interferiu. - Além do mais, se tivesse alguma maldade, alguma má intenção, eu já teria percebido. Sentiria em suas emoções. Porém, tudo que percebo é honestidade e coragem impressionantes.

- Estamos lhe contando tudo isso porque acreditamos que, de alguma forma, você faz parte do nosso futuro. - Do meu futuro, Jacob sentia vontade de corrigir. - Demonstrou habilidades incontestáveis esta noite, Isabella. Creio que o destino escolheu cruzar nossos caminhos a ponto mesmo de jogá-la da janela.

Ela riu.

Jacob afagou seus ombros e continuou:

- Sendo criaturas dos elementos, acreditamos no destino e em todas as coisas inevitáveis. A mudança da maré, a alteração da face da Terra, a vida e a morte. Esses são destinos naturais. Os indivíduos têm destinos especiais, coisas que

fazemos e para as quais fomos criados pelo destino. Você se uniu ao nosso destino por alguma razão, e queremos descobrir qual é.

- Por que? - ela perguntou, a voz tremendo com o valente esforço que fazia para conter as lágrimas. - De onde tiraram essa idéia? Até agora, matei um dos seus, espanquei outro e quase fiz você... - Ela se deteve, o rosto corando de vergonha.
- Por que diabo ainda querem alguma coisa comigo depois disso?
- Não acho que tenha espancado alguém - Elijah protestou. ofendido.

O comentário fez Isabella rir, apesar das lágrimas que já brotavam de seus olhos. Ela olhou para Legna.

- Parece que os homens da sua raça e da minha tem muitos traços em comum.

Legna riu e assentiu. Elijah resmungou alguma coisa. - Então, o que fazemos agora? Quero dizer, como vamos descobrir onde eu me encaixo nessa coisa de destino?

- A história sempre se repete, tomando-se assim um meio de previsão do futuro
- Noah explicou. Talvez eu tenha me enganado quando disse que nenhum humano jamais matou um Demônio antes. Pesquisar a história pode lançar alguma luz nessa situação única. Como mais de um século se passou desde que vimos um nigromante pela ultima vez, devemos reexaminar os componentes de uma intimação e os detalhes registrados sobre uma transformação. Talvez assim tenhamos alguma pista. Por que, no mesmo momento em que essas mágicas se renovaram, você apareceu? Vamos todos a biblioteca. Ela é bastante vasta e contem toda a história do nosso povo.

Alguns dias depois, Isabella subia lentamente a escada da biblioteca, deixando para trás o ambiente fresco e seco e massageando os ombros e a nuca para amenizar o cansaço. A luz do sol penetrava pelas janelas no alto das paredes de pedra do salão além das portas do aposento subterrâneo onde ficavam os livros.

Tudo a sua volta era silencioso, quieto, vazio de vida e atividade. Não estava usando um relógio, mas suspeitava de que fossem dez ou onze horas da manhã. Era muito estranho estar em plena luz do dia em um castelo onde pulsava o centro de uma cultura, e onde, mesmo assim, não havia nenhum sinal de atividade. Sua respiração parecia ecoar nas vigas do teto da casa de Noah. Havia pedras em todos os lugares, e apesar dos belos móveis no salão principal, tudo era muito simples em sua maneira própria, pessoal. Era a escassez de

peças de mobília em aposentos tão amplos que dava a sensação de ter voltado no tempo. Isso, e o fato de não haver eletricidade. Porém, o essencial era compensado de um jeito ou de outro. Havia iluminação a gás, instalações modernas e todo conforto que se podia desejar ... exceto um telefone.

A biblioteca propriamente dita era um banco de dados seccionado de acordo com um fascinante e lógico sistema de referencia. O sistema em si era impressionante, como a antiguidade dos dados nele registrados. Os Demônios eram historiados dedicados, e havia milhares de livros e pergaminhos de todos os séculos, de todas as eras. Noah, ela descobrira, era um estudioso. Ele se orgulhava de sua biblioteca, e apreciava poder compartilhar tudo que nela havia com alguém capaz de apreciar o valor das coisas tanto quanto ele. O labirinto de livros, prateleiras, mesas e estantes se estendia por toda a área subterrânea do enorme castelo e além dele, de acordo com o relato do Rei. Cavernas e nichos foram abertos nos quatro pontos cardeais, além das fundações do castelo, e era nesses espaços mais protegidos que ficavam os livros mais antigos e delicados. Havia verdadeiras jóias ali, tesouros de antiguidade e conhecimento, relatos que, segundo Noah, nem o mais antigo dos Demônios havia testemunhado. A biblioteca era tão ampla, ele dizia, tão vasta, que seria necessário mais do que o tempo de vida de um Demônio para conhecer todo o seu conteúdo. No presente, Demônios estudiosos registravam com a mesma fidelidade de seus antecessores todos os fatos que mereciam ser registrados. O mundo crescia em saltos e em alta velocidade, e eles se empenhavam em seu trabalho, dispostos a não perder nada.

Isabella olhou em volta. Havia janelas em todas as partes e o grande salão era inundado pela luz, mas nenhuma dessas vidraças era plana. Havia pinturas, manchas e ranhuras na superfície do vidro. As imagens eram lindas, uma obra de arte como nenhuma outra que ela vira antes, cenas que descreviam períodos variados e temas diversos, como mitologia e telas de grandes pintores. Diante dela uma reprodução de uma obra de Monet. O efeito era que a luz penetrava no castelo em cascatas de cores distintas.

Sabia agora que a luz do sol fracionada pelas vidraças como por um caleidoscópio era mais suportável para os Demônios, mas os raios de sol incidindo diretamente sobre eles eram como um potente narcótico que os levava a inconsciência em segundos. E mesmo esses raios fragmentados eram tão ameaçadores para eles que um Demônio sempre acabava adormecendo em

um aposento iluminado daquela maneira. Noah havia explicado que o sol não os atingia de maneira nociva como acontecia com a maioria dos Nightwalkers, mas os expunha ao dano por causar sono. Era um sono tão incontrollável, que adormeciam imediatamente, ficando assim vulneráveis a possíveis ataques. Mas, pelo menos, eles podiam assistir ao nascer do sol, desde que estivesse em local seguro onde pudessem descansar, se fosse necessário. As outras raças de Nightwalkers arderiam em chamo as que os transformariam em cinzas.

De repente ela sentiu que não estava mais sozinha. Jacob deixou a proteção das sombras em um canto do grande salão, o corpo atlético preenchendo todo o espaço com sua presença silenciosa, mas imponente. Nervosa, Isabella friccionou as mãos no tecido da calça, enxugando a repentina umidade que surgira com a simples visão de Jacob. Seu coração batia com o dobro da velocidade normal, como se o revoltasse estar aprisionado longe dele. Mesmo sabendo tudo que sabia, e apesar de o próprio Jacob tê-la prevenido sobre como seria salutar e sensato sentir um certo receio dele, seu corpo praticamente clamava por ele sempre que o via entrar em um aposento ou se aproximar. Tudo nele despertava seu interesse. A aura de segurança e autoridade era algo palpável, as roupas escuras que envolviam seu corpo atlético, contavam histórias sobre um físico definido e tentador. Ele usava calças de corte perfeito e de evidente bom gosto, quase sempre de tecido nobre, veludo ou camurça que combinavam perfeitamente em qualidade e tonalidade com a seda de suas camisas. A camisa que ele vestia agora, preta, sugeria um momento de descontração com dois botões abertos sob o pescoço bronzeado e mangas dobradas até os cotovelos. Os braços expostos eram morenos, cobertos por pêlos finos e escuros. Não havia neles relógio ou outro tipo de adorno. O único enfeite era a fivela de prata no cinto de couro. Jacob estava em pé do outro lado do salão, com as pernas afastadas como se os pés estivessem colados no mármore daquele trecho do piso, mas ainda assim ela podia sentir sua energia e seu calor. Era como se estivesse atrás dela, perto o bastante para envolvê-la com seu calor corporal, a cabeça inclinada e o hálito aquecendo-lhe a nuca.

Isabella estremeceu e passou a língua pelos lábios subitamente secos, sem perceber que os olhos atentos do caçador eram atraídos pelo gesto.

- Preciso falar com minha irmã - ela disse depois de um silêncio prolongado. - Sei que Noah enviou um Demônio a Nova York para "implantar" nela a

impressão de que eu me ausentaria por vários dias, evitando que ela venha a se desesperar com minha ausência. Mas quero telefonar para ela.

- Não temos telefones aqui - ele respondeu.

Jacob começou a caminhar em sua direção, devorando a distância com passos largos e silenciosos como o de um grande felino, passos calculados e graciosos que promoviam uma verdadeira harmonia de músculos tonificados. De repente o salão ficou pequeno. Os olhos escuros de Jacob estavam inquietos, movendo-se com rapidez e objetividade, mas a observação permanecia focada em um único objeto, limitada ao espaço por ela ocupado. Quando Isabella percebeu que os olhos profundos e negros estavam fixos em seu rosto, seu coração passou a bater ainda mais depressa, ameaçando romper-lhe o peito. Quando Jacob finalmente a alcançou, ela estava arfante, quase sem ar.

Sem se importar com detalhes como espaço pessoal e limite, ele parou diante dela e estendeu as mãos, hesitando por um breve instante enquanto buscava respostas em seus olhos. Satisfeito com o que viu, ele afagou sua face. Isabella podia sentir os dedos vibrando com intensidade. Ele a acariciava, traçando o contorno de seu rosto com tal reverência que ela sentia a garganta oprimida em resposta.

- Vou levar você até um telefone. Pode até ir para casa, se quiser. Não quero que pense que estamos esperando que abandone sua vida, que negligencie suas responsabilidades por nós.

Era um sentimento sincero, mas Jacob tinha de admitir que não queria e nem podia permitir que ela se afastasse de seus olhos. Não podia entender essa necessidade premente de mantê-la por perto, especialmente quando tinha consciência do perigo dessa proximidade. Estava obcecado pelo desejo de tocá-la, mesmo que fossem apenas carícias simples como a que fazia em seu rosto nesse momento, um movimento lento e delicado com o qual tentava gravar na memória o delicado contorno do rosto. Tocá-la despertava nele uma deliciosa sensação de conexão.

- Nós vamos levar você até um telefone, Isabella. Legna, que parecia ter se materializado do nada, fez a correção imperiosa. Isabella sentiu a imediata irritação de Jacob, uma sensação de desconforto e impaciência descendo por sua nuca e percorrendo todas as costas, uma impressão que, sabia, estava absorvendo dele. Ele recuou um passo, afastando-se com determinação, dando

a ela espaço para respirar, mas o ar parecia ficar estrangulado em seu peito com a separação. Ela balançou a cabeça e olhou para um e para outro.

- Muito obrigada, mas tenho certeza de que posso encontrar o telefone sozinha - insistiu Isabella, dividida entre a contrariedade por Legna ter sido interrompida em seu descanso e a frustração por Jacob estar tão agitado e perturbado. Tudo que queria era que todos ali se acalmassem e retomassem a rotina.

- Isabella - Legna falou novamente naquele tom firme e diplomático -, não queremos tolher sua liberdade, mas Noah expressou grande preocupação com a possibilidade de você se afastar do nosso círculo de proteção. Por favor, considere, sabendo tudo que sabe agora, os perigos que podem surgir. Até conhecermos a natureza e o significado de sua relação com nosso povo, ficaríamos mais tranquilos se permanecesse aqui, ou se aceitasse a proteção e a companhia de um Demônio ao se locomover.

- Legna... - Jacob tentou, injetando uma mistura de ameaça e autoridade no tom de voz. - Não temos o direito de pedir tal coisa a Isabella.

- Na verdade - a própria Isabella manifestou-se -, eu não estava pensando em partir. Queria apenas conversar com minha irmã, saber como ela está. - Ela sorriu, olhando para as mãos empoeiradas e esfregando-as uma na outra. Ela olhou para Jacob, sustentando seu olhar, embora se emocionasse com tanta intensidade. Fitá-lo daquela maneira era como se submeter a um encantamento, como ser hipnotizada, e sabia que ele sentia o mesmo.

- Não precisa nos dedicar todo o seu tempo - Jacob disse, arrancando-a do círculo formado pelos pensamentos. - Você não tem nenhum dever conosco. Pelo contrário, somos nós quem estamos em dívida com você. Porque se dedica tanto a resolução dos nossos problemas?

- Você mesmo disse - ela respondeu, sem perceber que os pés a levavam na direção dele, percorrendo a distância que os separava como se tivessem vontade própria. - De alguma maneira, faço parte de tudo isso. De alguma maneira, meu destino está ligado ao seu.

Era como se Legna nem estivesse ali. A irmã do Rei foi tomada de assalto por uma estranha sensação de reconhecimento, uma corrente elétrica que unia os dois e que era, na mesma medida, incontrolável e ignorante dos limites e das proibições que permeavam essa união.

Noah havia sido claro ao informá-la de seu dever. Devia monitorar o Defensor. Ao menor sinal de comportamento descontrolado, ela devia chamá-lo com toda a urgência. Mas não sentia nenhuma ameaça, Não identificava em Jacob a luxúria instigada pela lua. Saberia reconhecê-la, pois já a sentira no passado nos homens e mulheres que Jacob levava a presença de Noah.

- Acredite em mim - Isabella dizia com voz suave, captando com suas palavras a total e inabalável atenção de Jacob. - Quero ter as respostas para essas questões, também. E quero tanto ou mais do que você. Posso sentir... Ela hesitou, apoiando sobre o peito um punho cerrado. E como se algo estranho ganhasse vida dentro de mim e essa... nova vida viesse com uma ânsia de busca que supera até minha mais voraz curiosidade. Não consegue sentir isso?

- Eu posso sentir - Jacob respondeu solidário. Seus olhos negros e profundos passeavam pelo corpo delicado de Isabella, voltando aos olhos dela e se fixando neles. - Posso sentir sua fome de conhecimento. Ela ferve no meu cérebro como água em ebulição. Não a conhecia antes de tudo isso acontecer, mas sei que ha novos lugares em sua mente, áreas que antes não estavam aí.

Legna sentiu o coração saltar dentro do peito. Jacob era terra. Só um Demônio da mente podia ler esses pensamentos, experimentar a empatia com uma sintonia tão fina. O conhecimento de Jacob era pessoal demais, muito íntimo. Ele não devia ter habilidades de empatia, exceto, talvez, com sua presa durante a caça, mas era claro que ele sabia mais do que ela sobre o funcionamento da mente de Isabella.

Jacob semicerrou os olhos e respirou profundamente, o suave movimento de sua cabeça e a concentração em sua expressão sugerindo que analisava esse novo sentido ao seu dispor.

- E sentidos - Jacob e Isabella falaram ao mesmo tempo, as vozes soando em perfeito uníssono. - Tudo é muito mais intenso, muito maior do que era antes.

A declaração atingiu Legna em sua essência. Nunca presenciara nada parecido antes. Tinha os sentidos invadidos por informações emocionalmente carregadas, o que a forçava a se retrair e usar defesas mais poderosas. Sua reação instintiva e impulsiva ao que acontecia ali foi invocar Noah com toda a intensidade de suas capacidades mentais.

Isabella levou um susto tão grande com a explosão de chamas perto dela que quase caiu. Jacob estendeu a mão instintivamente para ampará-la, mas teve o

pulso agarrado por dedos de aço antes que pudesse tocá-la. Ele se sobressaltou, olhando na direção da mão forte e se deparando com o olhar implacável do rei.

- Não toque nela, Jacob.

- Solte-me - exigiu o Defensor, a voz baixa transmitindo toda a extensão de seu ultraje e uma certa dose de impaciência. Sua postura era ameaçadora.

- Sei que não tem a menor intenção de fazer mal a essa mulher, Jacob, mas nós dois sabemos que sua boa intenção perdera o valor no instante em que você a tocar. Ela já deu provas de ser uma perigosa tentação. Não se torture ainda mais com essa proximidade.

Isabella corou diante das referencias ofensivas feitas a sua pessoa.

- Ah, com licença? Não gosto de ser tratada como uma doença contagiosa.

Noah ignorou-a, mantendo toda a sua atenção em Jacob.

O Rei havia sido tirado da cama sem aviso prévio, a julgar pelo cabelo em desalinho e pela pouca roupa que estava usando. Um calção que deixava transparecer sua forma física. Ele ouviu o som baixo e ameaçador, uma espécie de rosnado. O predador em Jacob despertava prometendo confusão. O Rei preparou-se para o confronto, consciente de que poderia se ver obrigado a enfrentar Jacob em um momento de emoções amplificadas pela lua cheia. Ele cometeu o engano de pensar que Jacob o atacaria.

Jacob usou sua velocidade espantosa para girar e passar pelo monarca, livrando-se da mão de Noah no mesmo momento em que pegava Isabella e a levava cinco ou seis metros acima do chão, longe do Rei e de sua irmã. Ele a girou e a colocou atrás do próprio corpo, protegendo-a do olhar de Noah.

O Rei cerrou os punhos, o corpo todo tenso enquanto encarava o velho amigo. Jacob recebeu sua visível agressividade com outro rugido territorial. O coração de Isabella batia acelerado com uma mistura de medo e tristeza. Sabia o que havia provocado a ira de Jacob. Combinando instintos e moral, Jacob via Noah como uma ameaça e uma ofensa ao seu sentimento de posse por ela.

Afastada de Noah como estava, Isabella só podia encontrar uma pessoa a quem recorrer. Ela olhou para Legna, implorando pela ajuda do Demônio fêmea, torcendo para que ela compreendesse o que estava acontecendo. Os olhos de Legna, cinzentos como os do irmão, estavam voltados para o lado oposto. Por estar em uma sala tomada por grande volatilidade, protegera a própria mente

com uma barricada contra a tempestade que a ameaçava. Mas no momento em que Isabella projetou sua necessidade, seu desespero e toda a intensidade de suas emoções, Legna se virou sobressaltada para fitá-la.

Por que você não pode sentir Jacob? Por que não pode entender o que esta acontecendo?, Isabella indagava desesperada. Estaria mal informada sobre o poder da bela diplomata? Era nova ali. Tudo para ela era uma grande incógnita nesse mundo misterioso e místico; talvez sua noção do poder desses seres fosse apenas imaginação.

Esse pensamento foi rapidamente descartado quando uma onda de calor radiou de Noah, a explosão atingindo-os como uma sufocante rajada de vento do deserto. O Demônio Rei ergueu um braço e abriu a mão. Uma bola de fogo emergiu da palma voltada para cima.

- Legna, aproveite sua chance de buscar segurança Noah orientou-a, a voz firme sugerindo um poder ameaçador.

Houve um som retumbante como o de um trovão, e Isabella sentiu a terra tremer. Ela se agarrou a camisa de Jacob, tentando preservar o equilíbrio enquanto, com um braço, Jacob a protegia e mantinha próxima dele.

- Noah, espere!

O grito partiu de Legna, que enfrentou o calor que cercava o irmão e agarrou o braço de onde brotavam línguas de fogo. A primeira reação de Noah foi reabsorver a bola de fogo de forma a não ferir a irmã.

- Graças a Deus - Isabella gemeu aliviada, enterrando o rosto nas costas de Jacob enquanto continuava agarrada a ele em busca de apoio.

- Legna! - Noah exclamou furioso, censurando o comportamento da irmã.

- Noah, não é o que esta pensando! Pare! - Ela o continha com força inesperada para alguém de aparência tão delicada, consciente da dificuldade que teria para afastar o irmão do confronto, fazê-lo recuar e ignorar a raiva depois de ter ido tão longe. Sabia que a atitude do Rei era mais do que justificada diante das circunstâncias que viviam, e podia sentir a turbulência nele causada pela necessidade de enfrentar um amigo. Ele estava zangado. Zangado com a lua sagrada, que responsabilizava pela brutalidade de Jacob e de tantos outros de seu povo, pela banalização de espíritos nobres e pela vergonha causada por

comportamentos animais e baixos. - Noah, escute o que estou dizendo - pediu Legna com voz baixa e suave, com tom doce e quase musical.

Isabella sentiu a mudança em Jacob, pequena, mas detectável. O som retumbante e sufocado que estivera ecoando em sua garganta aquietou-se, resumindo-se num ruído baixo e entrecortado, uma espécie de aviso amistoso.

- Jacob não está sob o efeito da lua. Ele não está transtornado - Legna continuou, a suavidade aveludada de suas palavras fluindo pelo ambiente, tocando os dois homens e Isabella. - Escute o que eu digo, meu querido irmão. Eu sinto o que ele sente. Eu sei. Confie em mim.

- Jacob jamais teria me ameaçado em sua consciência argumentou o Rei, finalmente desviando os olhos do alvo de suas bolas de fogo, fitando a irmã e descobrindo em sua expressão uma súplica aflita.

- A menos que tenha feito alguma coisa que ele considerou ameaçadora para Isabella - Legna respondeu. - Noah, não pode esquecer que há algo ligando os dois, algo que os atrai.

- Essa lua maldita e a causa - Noah disparou irritado.

- A lua é só um amplificador. O que digo é verdade, e todos nós sabemos disso. No coração, em essência, Jacob é um protetor de inocentes. Isso é o que ele sempre será. E ele os protege até mesmo de você. O maior temor de Jacob é um dia ter de enfrentar seu Rei pelo bem de um inocente. Legna tocou os cabelos do irmão numa demonstração incontestável de afeto e atenção. - Combine todos esses fatores, e a menor ofensa vai assumir as proporções de uma grande falta, como invadir o território de um vampiro.

A comparação fez Noah erguer uma sobrancelha, fitando-a com repentina compreensão. O ardor da batalha se apagara dos olhos cor de jade, e agora ele olhava para Jacob sem a agressividade anterior.

Legna passou por Noah e se colocou entre os dois homens sem demonstrar medo ou apreensão.

- Jacob - ela disse, adotando novamente um tom doce e conciliador, tentando acalmar a besta que ainda se mantinha em alerta dentro do Defensor -, ninguém vai fazer mal a Isabella. Jamais faríamos tal coisa. Nem poderíamos, porque você é o protetor dela.

- Não podem me manter afastado dela.

- Não é essa nossa intenção. Não enquanto não sentirmos que pode prejudicá-la de alguma forma. Nesse caso, bem sabe que teremos de intervir.

Isabella olhou por cima de um ombro de Jacob para tentar estudar sua expressão. O rosto bronzeado ainda era sombrio e tenso, um pouco agressivo, mas já era possível ver os primeiros sinais de razão penetrando a densa névoa do descontrole. Podia sentir a mente e os sentimentos de Jacob respondendo ao esforço de Legna para acalmá-lo, trazê-lo de volta a sanidade.

- Jamais farei mal algum a ela. Prefiro por fim a minha própria vida antes disso. A minha... - Ele olhou para Noah com seriedade - e a de qualquer pessoa que possa ferir Isabella.

- Quando foi que eu a feri? - Noah disparou indignado. - Eu nunca... Eu nem olhei para ela!

- Mas ela olhou para você.

Isabella emitiu uma exclamação espantada e se debruçou sobre o ombro de Jacob para encará-lo. Ela se encolheu ao sentir o rosto arder em conseqüência de um rubor mortificado. Mais uma vez, Isabella se escondeu atrás do corpo do Defensor, torcendo para que um buraco se abrisse na terra e a tragasse para sempre.

A compreensão iluminou o rosto de Noah como um brilhante nascer do sol. Ele abriu a boca para falar, mas estava perplexo demais para formar frases coerentes.

Isabella ouvia o som dos pés descalços caminhando sobre o mármore, se aproximando de Jacob. Jacob foi forçado a dar um passo para trás para não perder o equilíbrio, tal a aflição com que ela se encolhia e tentava se esconder atrás dele.

- Agora entendo - Noah disse finalmente. - Tudo isso é minha culpa, afinal. Isabella, espero que me desculpe, mas você é a primeira criatura humana a se hospedar em minha casa, e confesso que não pensei nas mais simples e comuns cortesias.

- Não queria que isso se tomasse uma questão tão seria - ela protestou em voz baixa.

- Serei mais cuidadoso no futuro. Espero que possa me perdoar e perdoar Jacob por essa ridícula e inoportuna troca de agressões. Nós... Nós somos... Deve

haver sempre uma importante medida de responsabilidade e controle aliada a poderes de tão elevado potencial de volatilidade, poderes como os que são inerentes aos homens da minha espécie. Mas, no final, ainda somos seres elementares. Cometi o engano de subestimar o sentimento de posse e guarda de que Jacob se viu imbuído desde que a encontrou.

Noah trocou um olhar prolongado, silencioso e repleto de significados com Jacob, um olhar que ia muito além de um polido pedido de desculpas ou uma justificativa racional. Jacob tratava Isabella como uma posse, como uma mulher sob sua proteção, parte integrante de sua propriedade. Quando o Rei a embarçara inadvertidamente apresentando-se com trajes impróprios, Jacob percebera que ela olhava para Noah, outro macho poderoso, e isso havia sido absolutamente inaceitável em seu estado mental de total instabilidade. No entanto, para ser honesto, Noah não tinha idéia de como explicar essa conexão peculiar que o Defensor parecia ter com a pequenina fêmea humana. Toda a situação era muito desconcertante.

Jacob ainda não havia superado o impulso inicial de afastar Isabella da presença de Noah. Era importante para o relacionamento que ele desse a Jacob a oportunidade de recuperar o controle sobre si mesmo com dignidade.

- Com licença, preciso ir me vestir - Noah anunciou com polidez. Ele olhou para a irmã, sabendo que Legna não sentiria medo de ficar sozinha com os dois. Retirar-se era, provavelmente, a melhor atitude que podia tomar nesse momento, embora tivesse a intenção de retomar em breve.

O Rei girou num repentino cone de fumaça, o cone girou na direção da escada e subiu os degraus para os aposentos na ala norte do castelo.

Jacob emitiu um suspiro longo, uma evidente tentativa de aliviar a tensão que oprimia seu peito, e fechou os olhos por um momento enquanto todos os impulsos irracionais e perigosos desapareciam depois da partida de Noah. Restava apenas uma consciência mais esclarecida e um profundo pesar, resultado direto do arrependimento gerado por seu comportamento primitivo. O que Isabella estaria pensando dele agora? Ele mantinha o braço caído ao longo do corpo, os dedos flexionados como se fosse difícil conter o impulso de tocá-la novamente. Era melhor colocar alguma distância entre eles. Agora que havia recuperado o raciocínio e um comportamento mais apropriado, sabia que precisava se afastar de Isabella por decisão própria, ou haveria outro confronto.

Tudo havia sido um lamentável mal-entendido, mas não conseguira dar voz aos próprios sentimentos como um ser civilizado, inteligente, algo que nunca acontecera com ele antes.

- Desculpe, Isabella - ele murmurou, por fim. - Agora, deixe Legna levar você até o telefone mais próximo. Vá conversar com sua irmã - Jacob sugeriu depois de recuperar a compostura. - Mas não a faça ficar muito tempo exposta ao sol. Ela não é tão forte quanto eu e Noah. Tenho algumas coisas para resolver antes de ir descansar um pouco. - Assim dizendo, decidiu que uma saída rápida seria a única forma de colocar a necessária distância entre ele e Isabella. Desse modo, sem mais do que um breve aceno, ele se transformou numa nuvem de poeira e partiu por uma das janelas de vitrais coloridos.

Era luz do dia quando Jacob flutuou pelo castelo de Noah a caminho da biblioteca. Ele olhou em volta, procurando por Isabella, e aproximou-se de uma seção mais afastada, no fundo do aposento, atraído pelo ruído de papeis.

Ouviu uma exclamação abafada, um grito contido e um baque súbito de alguma coisa se chocando contra o chão. Jacob chegou a tempo de ver Isabella pendurada em uma prateleira, os pés balançando no ar em busca de algum apoio. No chão, bem embaixo dela, havia um tomo de aparência bastante antiga, e a poeira que se espalhara em torno dele sugeria que o livro havia sofrido a queda cujo barulho ele escutara. À esquerda, bem longe do centro da cena, estava a escada que Isabella aparentemente usara.

Com um suspiro exasperado, Jacob alterou a própria gravidade e flutuou até onde ela estava.

- Vai quebrar o pescoço.

Isabella não esperava ouvir uma voz tão próxima, considerando as circunstâncias em que se encontrava, e deixou escapar um grito assustado. Uma das mãos soltou a prateleira e balançou no ar antes de encontrar o peito sólido. Ele a segurou contra o corpo, os braços sustentando seus joelhos e o outro em sua coluna. O calor do corpo másculo a inundava com uma agradável sensação de segurança e conforto, e Jacob a pôs no chão segundos depois sem fazer alarde.

- Precisava me assustar desse jeito? Essa sua mania de chegar sem fazer barulho está começando a me enervar.

Queria soar severa, aborrecida, mas o esforço foi inútil.

E como poderia dar essa impressão, se continuava aninhada nos braços dele como uma gata? Demônio ou não, Jacob era uma tentação! Ele vestia calça preta e uma camisa azul noturno com as mangas dobradas até os cotovelos. Sentia a qualidade da seda no rosto, e quando inspirou foi invadida pelo aroma de terra que emanava de sua pele. A Terra de onde ele extraia suas habilidades.

- Quer que eu a leve de volta e a deixe cair? - ele perguntou, deixando que ela tocasse os pés no chão.

Jacob estava ali, bem vestido e perfumado, enquanto ela devia estar descabelada, coberta de poeira e suor, com sombras escuras e cansadas em torno dos olhos e um ar completamente aparvalhado depois do susto que acabara de levar.

Jacob sorriu da preocupação tola. Vaidade humana... A cada dia era mais fácil ver claramente as imagens projetadas pela mente de Isabella.

- Eu não teria caído. Ou, talvez caísse, mas não teria morrido - Isabella argumentou obstinada. - Na pior das hipóteses, teria fraturado uma perna ou sofrido uma concussão. Vocês Demônios têm um jeito todo especial de fazer tudo parecer mais intenso e crucial!

- Porque somos um povo de grande intensidade.

- Eu sei - ela respondeu enquanto se afastava alguns passos. - Tenho lido livros e pergaminhos de até sete séculos atrás. Nessa época, você devia ser só um brilho nos olhos de seu pai, imagino.

- Demônios podem ter períodos de gestação mais longos que os humanos, mas nem tanto assim!

- Foi só uma piada. E eu li sobre isso também. Treze meses, não é?

- No mínimo.

- Deve ser difícil.

- Por que?

- Ah! Você só pergunta porque nunca teve de carregar uma criança dentro do corpo por tanto tempo! Como os homens humanos, vocês Demônios só conhecem a parte mais divertida da procriação.

Jacob sorriu. Encantado, segurou a mão dela e levou-a aos lábios, mantendo um contato visual que era a mais pura expressão de promessas cheias de sensualidade. Isabella foi invadida por um súbito calor.

- Posso assegurar que um Demônio nunca trata essa questão com tanta... leveza - ele disse .

.- Eu acredito. - A súbita alteração na atmosfera a inquietava, e ela mudou de assunto. - Então, o que o traz ao ambiente empoeirado da biblioteca do grande Rei?

- Você.

Oh, como uma única palavra podia conter tantos significados e soar tão inteiramente honesta? Isabella era forçada a lembrar toda a história do tabu sobre a união entre Demônios e humanos, mas nem isso era suficiente para aplacar o calor que sentia cada vez que Jacob a tocava. Era como se chamas ardessem sob sua pele espalhando-se por todo o corpo.

- Eu? - Ela se aproximou. Queria imaginar todas as coisas assustadoras e terríveis que podiam acontecer, caso se entregasse a Jacob, mas a mente só conjurava imagens deliciosas e provocantes. - Por que queria me ver? - Ela se afastou, optando pela cautela. Perturbada, recolheu o livro que derrubara pouco antes. Era grande e pesado, e ao deixá-lo sobre a mesa que transformara em estação de estudo, provocou outro baque surdo e mais uma nuvem de poeira.

- Porque não consigo me controlar, pequena e doce Isabella. O som suave e sedoso da voz dele deslizava por sua nuca e descia pelas costas, causando arrepios. Ela levantou uma das mãos para ajeitar os cabelos empoeirados, recusando-se a encará-lo.

- Ah, bem, eu... Escute... Demônio, mais humana, igual a... coisas muito ruins, certo? Lembra? Lua cheia? Outubro? Alguma dessas coisas o faz pensar em sinais de alerta, em perigo iminente?

- Francamente, Isabella! Acha que não sei de tudo isso?

- A questão soou baixa, séria. - Pareço estar descontrolado? Acha que eu seria capaz de machucá-la?

- Não acredito nisso. - Finalmente ela o encarou. Mas naquela noite em que nos conhecemos... e depois, quando me trouxe para cá a... Você e os outros disseram

que ninguém está imune. - Isabella cruzou os braços sobre o ventre como se quisesse proteger-se de um mal invisível, de um perigo aterrorizante. - Esqueceu que vi um Demônio dominado pelo pior tipo de luxúria? As vezes, fecho os olhos e vejo Saul pairando sobre mim. Isso me apavora, Jacob. Não quero que seja assim, mas é.

Jacob baixou a cabeça. Saber que ela o temia o incomodava muito, mas era ainda pior tomar conhecimento de que ela comparava as possibilidades que desabrochavam entre eles com o lamentável encontro com um monstro pervertido. De qualquer maneira, essa era a verdade dos sentimentos de Isabella, ou de parte deles, e precisava conhecê-los. - Talvez eu deva partir - ela sugeriu sem convicção, fingindo ajeitar os papéis sobre a mesa. - Talvez outra pessoa deva se encarregar dessa pesquisa. Noah tem mais experiência do que eu nisso tudo. Sei ler os textos em inglês, até os que estão em latim, mas não consigo ler os trabalhos que estão naquele outro idioma. Existem Demônios acadêmicos por aqui, e eu sou só uma humana...

- Não. Nós precisamos de você. - o tom dele era firme, inabalável.

- Mas minha presença o incomoda. E, pelo que tenho lido, você não precisa disso agora. Não em um momento de tanta tensão e trabalho redobrado.

- Você não vai partir. - Era uma ordem, um comando repleto de frustração e apreensão. Em seguida, como se percebesse o que acabara de dizer, ele suspirou e passou as mãos pelos cabelos, revelando grande agitação. - Prefiro sofrer esse tormento de ter de me controlar e me conter durante todo o tempo, a abrir mão de algo que pode ser importante para o meu povo.

- Lá vamos nos outra vez. Tudo é sempre tão extremo para o seu povo?

- Sim, sempre. - Ele a tocou no rosto, segurando-o de forma a poder fitar seus olhos, os dedos descrevendo círculos lentos entre a orelha e a raiz dos cabelos. - Escute bem o que vou dizer, Isabella. Em toda a minha vida, tenho sido incansável e obstinado em minha devoção a um grande número de coisas e pessoas, sempre movido pelas razões de meu povo, pelo bem-estar da raça. Mas você... Você é a primeira coisa a que desejo me dedicar por mim, só por mim. Não pense que falo essas coisas por causa da lua sagrada. Garanto que o que temos aqui é algo muito mais profunda, algo mais importante e amplo.

- Oh, Jacob... - Isabella estava sem ar. Porque um homem normal não podia dizer essas coisas?

Finalmente conheço alguém romântico, fascinante e inteligente, e ele nem é da minha espécie! Que sorte! Jacob sorriu.

- Sou um homem normal - ele disse.

- Ei! Pare com isso! - Ela cobriu a cabeça com as duas mãos. - Está lendo meus pensamentos! Não é justo!

- Não é justo? O que a questão da justiça tem a ver com tudo isso? Não sei por que tenho essa habilidade de sentir seus pensamentos, mas já que é possível, decidi que a novidade é prática e útil.

- Pode ser prático e útil, mas não é ético! - Agora ela estava com as mãos na cintura, o que o divertia. - Às vezes penso coisas muito particulares, privadas, e você não tem o direito de invadi-las. O fato de poder fazer alguma coisa não significa que deve fazer. Por acaso eu tiro as coisas da sua cabeça sem sua permissão?

- Seria ótimo se pudesse... - ele riu, adotando um tom sugestivo e causando um arrepio com o comentário aparentemente ingênuo.

- Bem... Agradeço se ficar fora da minha cabeça. E já que mencionou alguma coisa sobre sua normalidade, saiba que é tão normal quanto um furacão.

- Sim, mas há períodos em que até os furacões são considerados normais.

Isabella deixou escapar um suspiro irritado. Ele era impossível! E irresistível. E mais petulante e sexy do que gostaria que fosse. Jacob estendeu a mão e tocou seu pescoço, sentindo nele a vibração de desejo causada por esses últimos pensamentos. Isabella engoliu em seco. Eram reflexos vitais, sinais de vida e de intensidade.

Jacob podia sentir a pulsação da veia sob a pele delicada.

Podia acompanhar a aceleração da frequência cardíaca de Isabella. O sangue ia se tomando mais quente nas veias, e logo ele pode sentir o perfume que ela exalava novamente. Era tóxico para ele, como excesso de açúcar, causando reações imediatas e perigosas. Era como se o eixo de seu mundo se alterasse, se inclinasse. Uma parte primitiva dele despertava, mostrando a cabeça acima da superfície do controle racional.

Isabella viu o fogo iluminando os olhos escuros e profundos. Ela conteve a respiração, momentaneamente hipnotizada pela voracidade que invadia e

dilatava suas pupilas. Os olhos brilhantes a devoravam, intensos como um contato físico. Tinha total consciência da força, do poder, de como ele poderia manipular todas as coisas de forma a adequá-las a sua conveniência, e tudo com um mínimo de concentração. Ela compreendia que era uma dessas coisas. Sempre que Jacob se aproximava, ela se curvava inevitavelmente como uma flor buscando o calor e a luz do sol.

- Como raízes buscando o alimento ofertado pelo solo... - ele corrigiu. - Mas tudo isso pode servir para descrever o que sinto, minha flor. - A voz dele era quente como a terra banhada pelo sol. - Sempre que a vejo, sou dominado pela necessidade de lançar raízes próximas das suas, de entrelaçá-las para sempre, de plantar meu caule em seu corpo para que você possa nutrir-me.

Ela se aproximou. Um passo, dois...

As imagens eram como relâmpagos percorrendo seu corpo. Isabella ofegava e sentia um calor intenso inundando suas veias, fazendo ferver o sangue que por elas corria. Sua cabeça se inclinava para trás, seu rosto ia ao encontro do dele, os olhos permaneciam fixos no contorno da boca tentadora...

Seu corpo buscava o dele. Havia entre os dois uma sintonia impressionante que coordenava os movimentos. o contato era inevitável. O encaixe era perfeito. O desejo de Jacob ardia em sua pele, e ele respirava profundamente enchendo os pulmões com a fragrância que era só dela.

Os lábios de Jacob eram suaves sobre os de Isabella. Temos. As mãos a tocavam, mas não tentavam puxá-la de encontro ao corpo.

Venha para mim, minha flor, se me quiser. Venha para mim.

O sangue fervia nas veias de Isabella. Havia em seus ouvidos um zumbido, um som tão alto que ela quase não ouviu a voz ecoando em sua mente. De qualquer maneira, ela decidiu que estava farta desse jogo. Erguendo-se na ponta dos pés, colando seu corpo ao dele, o beijou com ânsia e paixão. Jacob abriu-se imediatamente para a invasão agressiva da língua quente e úmida, gemendo ao sentir o desejo de Isabella refletindo em seu corpo.

Isabella segurava a parte da frente de sua camisa de seda, apertando-a entre os dedos. Seu corpo buscava o dele, o beijo era inebriante, quente...

Uma urgência violenta se apoderou de Jacob; era uma sensação progressiva e incontrolável, como afiados dedos de gelo contrastando com o ardor de seu corpo.

Ele recuou de repente, empurrando-a para trás. Estava tremendo, e ela podia sentir o eco desses tremores. Tão forte, tão poderoso, mas instável como se placas do centro se movessem em sua alma.

A reação se estendeu por alguns instantes, mas a natureza assumiu o comando. Isabella gritou ao sentir os braços em torno de sua cintura, firmes como cintas de aço, determinados na ânsia de puxá-la de encontro ao peito musculoso. A boca se apoderou da dela, devorando-a como se fosse uma deliciosa iguaria e ele, um glutão. O beijo punia, era poder e domínio, como se Isabella tivesse de pagar pelos anos seguidos de privação e negação. E Isabella nem tentava evitar. Pelo contrário, ela correspondia aos beijos ardentes e as carícias cada vez mais ousadas, saltando sobre o corpo de Jacob e enlaçando-o com as pernas.

Ela era tão leve, tão frágil e feminina... Como uma fada voando de encontro ao seu corpo, Jacob pensou. E o perfume que exalava de sua pele também era magia e encantamento. Não tinha chance de escapar.

Isabella sentiu os dedos desabotoando sua blusa. Sabia que se expunha ao perigo, mas não conseguia resistir. Ele se insinuava, invadindo pensamentos e emoções, dominando seu corpo... Era como se estivessem dentro um do outro.

De repente ela ouviu um rugido bestial. Os dentes de Jacob estavam em seu pescoço, e uma das mãos segurava seu queixo, impedindo os movimentos da cabeça. Os pensamentos sombrios e primitivos a invadiam.

Sou Jacob, o Defensor, Demônio da Terra dominante. Sou cada folha de grama, cada canção de vida entoada no planeta. Sou o que tem sido desde o início de todos os tempos, conhecidos ou não. Sou cada predador, e como eles, anuncio que esta fêmea é minha deixando nela minha marca. Meu cheiro se mesclará ao seu, como o dela já se tomou parte de mim. Ela terá o cheiro de meu corpo, de minha essência, e também me marcará como sua.

Satisfeito com a declaração, Jacob a soltou, passando a língua pela ferida que tinha feito no pescoço de Isabella. Sua língua traçou um caminho naquela maciez e seus dentes deixavam marcas no delicado pescoço. Cada vez que isso acontecia, o corpo de Isabella era tomado por intensos calafrios.

Com a boca faminta encontrou o vale entre os seios, uma área agora tomada pelo suor. Ele não resistiu e sorveu as gotículas com a ponta da língua. E então sua boca tomou posse de um mamilo, depois do outro.

Isabella não mais raciocinava, já que se sentia tão excitada como Jacob. Vagamente, percebeu que ele a pressionava contra uma estante de livros. Então as enormes mãos buscaram seus quadris e Isabella entrou em choque.

Instintivamente, suas mãos cobriram as dele, mas a boca de Jacob devorava a sua naquele exato momento, fazendo com que se sentisse fraca da cabeça aos pés.

Isabella gemeu ao sentir os dedos de Jacob tocar em suas pernas, mas agora por dentro do jeans. E ele assim chegava ao seu ponto mais feminino, o mais íntimo.

Jacob ergueu as pernas de Isabella e as colocou em seus ombros. Em todo esse tempo, os lábios de ambos não se separavam, e nada mais pareceu importar para ela.

Jacob se viu livre para tocar na renda da calcinha, a única barreira que ainda existia entre ele e a pele sedosa.

- Você é tão macia - ele sussurrou, afastando um pouco a boca e enterrando o rosto no pescoço de Isabella. - Seu perfume me embriaga.

Isabella gemeu mais uma vez. A mão de Jacob deslizava por seu ventre provocando-lhe sensações que jamais soube que existiam. Então os dedos atrevidos deslizaram pelas bordas da calcinha.

Ela imaginou que estivesse em chamas. Seu corpo tremia violentamente, suas mãos esbarraram nos livros da estante, derrubando-os. Ninguém nunca antes tocara daquela maneira. Na verdade, nenhum homem fizera com ela a metade do que Jacob estava fazendo.

- Jacob! - ela gritou, agarrando-o pelos ombros conforme o medo crescia e lhe tirava a capacidade de respirar. - Quietinha, minha flor, não vou machucá-la. Apenas sinta. Sinta o que meu toque provoca em você.

A voz de Jacob era hipnótica e sedutora, como se tivesse o poder de afetar as pessoas. Isabella não duvidava que ele falasse a verdade.

Como ela ainda hesitasse, dividida entre o medo e a tentação, Jacob começou a acariciar-lhe o corpo sem parar e a falar palavras que soavam estranhas, mas eram certamente um elogio.

Ele estava disposto a enlouquecê-la de prazer.

Jacob massageou com os dedos a parte úmida da intimidade de Isabella, pressionando-a em pequenos movimentos. Ela gemeu, julgando que talvez não conseguiria resistir a carícia erótica. Ele sentiu a necessidade de se livrar das roupas e de entrar no corpo excitado de Isabella. Tocou-a com o dedo, sentindo que ela estava pronta para ele.

Nunca antes outra mulher ardera daquela maneira sob seu toque. E nenhuma outra o fizera arder como a doce Isabella. Em breve a possuiria. Poderia finalmente penetrar naquela fortaleza úmida e quente que, sabia, o aprisionaria para sempre.

Só mais um instante, só mais um centímetro para ter certeza de que ela estava mesmo pronta e...

Resistência.

Jacob ficou imóvel. Paralisado. Algo extremamente importante acontecia ali.

Virgindade.

A descoberta foi como um balde de água gelada.

De repente, a realidade o atingia com a força de uma tempestade. Tudo. Cada detalhe da realidade. Ele fechou os olhos, gemendo em agonia enquanto o corpo se rebelava contra os impulsos de seguir um código moral. A besta que havia nele argumentava que já havia ido longe demais. Havia rompido o código de honra no momento em que planejava ir vê-la sem o devido monitoramento. Como deixara de registrar um detalhe tão importante?

Ou havia ignorado os sinais num nível subconsciente, porque eles teriam interferido, como acontecia agora, com seus desejos egoístas? Se não a deixasse imediatamente, poderia prejudicá-la de maneira intensa e irreversível, já que o risco de sua natureza sombria ainda estava ali, presente e palpável. Por outro lado, deixá-la agora seria prejudicá-la em outro nível. Seria o abandono.

Ele fez a escolha sem hesitar. E afastou-se. Era melhor assim.

Isabella tinha lágrimas nos olhos quando, de cabeça baixa, começou a ajeitar as roupas.

- Por que? - perguntou com um fio de voz. - Por que?

- Isabella, me perdoe. Eu imploro!

Antes que ela pudesse responder, Jacob desapareceu em uma espiral de poeira.

Isabella caiu de joelhos, fraca demais para manter-se em pé, perplexa demais para chorar.

Não havia refúgio para o que sentia. Não havia remédio para a dor, para a frustração e o vazio. Não entendia, e não tinha ninguém a quem recorrer e pedir explicações. Logicamente, sabia por que ele a deixara, por que a abandonara sem dar explicações. Era obvio. Ela, uma humana, era muito fraca para fazer amor com Jacob, um Demônio.

Tinha no corpo as marcas deixadas por aquelas mãos fortes e ávidas. Não eram acidentais. Ele as deixara deliberadamente. Isabella secou as lágrimas com um gesto nervoso, revoltado, e olhou em volta respirando fundo. Jacob vivia de acordo com regras e leis, e ela estava ali cercada por livros que continham esse código de honra e de conduta. Neles estavam as explicações que procurava. Essa era a história de uma raça de elitistas. Suas tradições se baseavam em crenças implacáveis, e aquela com que se deparava nesse momento era, em sua opinião, um preconceito. Demônios tinham uma preocupação excessiva com pureza. Não eram só os humanos que ostentavam títulos gerados por sua sagrada cultura. Havia lido a lei que dera origem aos deveres de Jacob há tanto tempo:

... é portanto proibido para qualquer Demônio unir-se fisicamente com criaturas que não sejam de sua natureza, que não tenham sua força ou poder. Essas criaturas menores devem estar sob nossa proteção, inclusive contra nos mesmos, e não devem ser violadas em impura abominação sexual. Essa é a lei. O cachorro não se deita com o gato, o gato não se deita com o rato. Quem quer que contrarie essa sagrada imposição terá de sofrer as penas da lei.

Isabella queria acreditar que havia lógica nisso. Era uma pessoa lógica. Mas nunca havia lógica em afirmações generalistas, especialmente as que haviam sido redigidas fazia milhares de anos, como era o caso.

Se ela era o gato e Jacob era o cachorro, por que sentiam aquelas coisas? Por que duas espécies incompatíveis se sentiriam tão... tão perfeitas para atender as necessidades uma da outra?

Noah a considerava única. E acreditava que ela tinha um papel, um propósito no futuro da sociedade dos Demônios. De início, Isabella concordara com a idéia, mas só para poder ficar e descobrir tudo sobre esse mundo paralelo ao seu, um mundo povoado por seres tão fascinantes. Ficaria contente se pudesse morrer velha naquela biblioteca. Havia conhecimento ali em quantidade suficiente para nutri-la por toda uma vida.

Mas agora...

Agora começava a acreditar que estava ali por algum propósito, realmente. Talvez tivesse a missão de encontrar um meio de livrar essa raça da rigidez que os dominava, chutar seus traseiros engomados. Sim, alguma coisa naquela biblioteca talvez pudesse explicar por que cada vez que Jacob rosnava, ela ronronava.

Rindo dos próprios pensamentos, Isabella olhou em volta e viu os livros que havia derrubado da estante. Estavam espalhados pelo chão. Foi recolher os volumes empoeirados, tocando-os com cuidado e reverência, quase como se pedisse desculpas, lamentando tê-los maltratado num momento de descuido. Ao remover o pó da capa de um deles, o título da obra chamou sua atenção.

Destruição.

Ela estremeceu, assustada com o tom premonitório do título. Mais uma vez tinha a prova do extremismo da raça dos Demônios. Isabella se levantou para guardar o livro, mas, de repente, parou onde estava. Piscando algumas vezes, removendo da mente os últimos e inquietantes pensamentos, ela olhou novamente para o título na capa escura.

Destruição.

Inesperadamente, ela se sentiu tonta. O mundo girou e o livro caiu de sua mão.

Acabara de ler o título de um livro escrito em um idioma que não conseguira entender menos de vinte minutos antes.

Noah acompanhava com o olhar o constante caminhar de Jacob pela sala. A inquietação do Defensor começava a preocupá-lo.

Era evidente que Jacob não compartilharia de boa vontade seus pensamentos, e Noah seria forçado a especular. Porém, não interpelou o Defensor, por maior que fosse a vontade de obter respostas. Em vez disso, ficou ali sentado e quieto enquanto o velho amigo andava de um lado para o outro.

Então, de repente, ambos foram subitamente arrancados de suas reflexões quando a porta do grande salão da casa de Noah se abriu com um estrondo. Três segundos mais tarde, um grupo de Demônios entrou sem se anunciar. O criado os seguia ofegante.

- Desculpe, senhor! Não pude contê-los e não tive tempo para preveni-lo ou anunciá-los. Eles invadiram...

- Tudo bem, Ezekiel - Noah interrompeu com um gesto breve, eximindo o serviçal de toda culpa.

Nove Demônios olhavam para o Rei. Eram os anciões do Grande Conselho, exceto pelo capitão guerreiro, Elijah.

- Sejam bem-vindos, conselheiros. - o Rei os recebeu, concentrando-se naquela que parecia liderar o grupo. Ruth, será que pode explicar tanta urgência?

- Soubemos que tem conhecimento de eventos importantes que não dividiu com o Conselho. Será que pode nos informar agora?

- Se pudesse, eu mesmo os teria convocado - Noah respondeu com tom neutro, sem se desculpar ou dar maiores explicações, usando a própria conduta para lembrá-los da importante quebra de protocolo representada pela invasão. - Porém, já que tiveram tanto trabalho, vamos discutir alguns fatos recentes. Venham comigo - ele disse, levando-os a Sala do Conselho.

Jacob o seguia, abandonando os problemas pessoais para apoiar seu Rei naquele momento potencialmente explosivo.

Noah ocupou seu lugar a ponta da grande mesa triangular, tendo Jacob a seu lado e todos os outros em seus devidos lugares, preenchendo os três lados do triângulo. Só a terceira ponta, além da cadeira de Elijah, permanecia vazia, como acontecia havia oito anos.

- Muito bem, Ruth o que quer saber? Ou melhor, o que ainda não sabe? - Noah disparou impaciente.

- É verdade que um dos nossos foi intimado e destruído?

Ruth nunca fora de fazer rodeios, apesar de sua natureza turbulenta e do gosto pelo confronto.

- Sim, é verdade. Perdemos Saul.

Um murmúrio de tristeza percorreu a mesa.

- Defensor, Ruth continuou, suponho que tenha perseguido e destruído a criatura responsável por isso?

- O nigromante não costuma usar um sino no pescoço, Ruth, mas, sim, eu o estou caçando.

- Está! Só isso! Então, ainda somos vulneráveis.

- Uma conclusão lógica. Devo lembrá-la, também, que a questão da imposição e execução da justiça sobre outros seres sobrenaturais pertence ao domínio dos guerreiros. De acordo com nossas leis e distinções, a caçada a um nigromante é responsabilidade de Elijah. Mas tenho mantido contato bem próximo com ele a respeito desse assunto já que fui eu quem mais se aproximou do feiticeiro. Vou continuar ajudando o capitão guerreiro nessa caçada. A calma de Jacob fez Ruth perceber o quanto estava se saindo mal em sua cruzada, e ela corou. Mas não se desculpou. E Jacob sabia que nunca se desculparia.

- Enquanto isso, o que vamos fazer, Noah? Vamos ficar sentados esperando para saber quem será o próximo intimado?

- Temos poucas alternativas no momento. Como todos sabem, não existe proteção contra os encantamentos da intimação. Mas tenham certeza de que estamos trabalhando nesse caso.

- E ainda assim o Defensor tem tempo para outros deveres - manifestou-se o conselheiro Simon. Ele se referia ao fato de, na noite anterior, Jacob ter perseguido seu filho e o devolvido aos limites do comportamento apropriado.

- Eu tenho tempo para tudo - Jacob sorriu.

Nesse momento, a porta da Sala do Conselho se abriu. - Noah! Jacob!

Todos olharam para Isabella. Ela trazia os braços carregados de pergaminhos e os olhos brilhantes, mas se deteve ao perceber que interrompera uma reunião.

- Uma humana! - Simon sussurrou.

- E com pergaminhos sagrados! - gritou outro conselheiro enquanto se levantava.

- Noah, o que significa isso? - Ruth explodiu, esquecendo a posição do Demônio a quem se dirigia.

Jacob levantou-se. Todos os olhos o seguiram quando ele se aproximou da mulher e a segurou pelos ombros. Protegendo-a entre os braços, o Defensor levou-a até sua cadeira e a fez sentar. Colocar Isabella em uma das posições mais poderosas do Conselho foi uma atitude arrojada que causou espanto entre todos.

- Como ousa, Defensor? - Ruth levantou-se como se pretendesse arrancar a mulher da cadeira ela mesma.

A força do olhar de Jacob a deteve.

- Nossa lei mais sagrada é não fazer mal a humanos que não nos façam mal, Ruth. Transgrediria essa lei na presença do Demônio que pode puni-la por isso? - ele perguntou, a voz calma transmitindo uma ameaça assustadora.

- Ela não tem o direito de estar aqui, Defensor! - Ruth argumentou, incapaz de dar ao protesto a indignação pretendida, já que o choque de ver o mais implacável membro de sua raça tomando sob sua proteção uma fêmea humana suplantava todas as outras emoções.

- Ela tem informações vitais justamente sobre as questões que a perturbam, sobre assuntos que tentamos compreender - Jacob explicou, tendo examinado rapidamente o conteúdo da mente de Isabella.

-Jacob, não creio que seja um bom momento... - tentou Isabella.

- Bobagem, humana! Fale o que sabe! - exigiu Simon.

Isabella o encarou furiosa.

- Meu nome é Isabella - ela disse com tom caustico. Simon piscou, como se não acreditasse que uma humana o houvesse enfrentado.

Noah levantou-se e apoiou as mãos sobre a mesa.

- Quero que todos saiam. Vou conversar com Isabella em particular. Voltaremos a nos reunir amanhã a noite.

Todos se levantaram, lançando olhares de desconfiança e crítica na direção de Jacob, embora obedecessem a ordem dada pelo monarca, Isabella podia sentir o descontentamento generalizado.

Foi quando ela sentiu o impacto no interior da cabeça, um golpe seco e doloroso como um soco.

Começou como dedos gelados deslizando pelo couro cabeludo. Pedacos de gelo penetravam o crânio, invadindo sua mente como dúzias de agulhas, cada uma delas estrategicamente colocada em sua memória para sugar o conhecimento das sinapses que o continham.

Isabella ficou tensa, alertando Jacob de sua perturbação.

Os Demônios continuavam se levantando para sair, e um segundo golpe a fez levar as mãos a cabeça, soltando todos os papéis que se espalharam pelo chão. Ela os recolheu rapidamente. Essa invasão também falhou, mas logo ocorreu a terceira. Isabella conseguiu identificar a origem dos ataques. Alguém tentava forçá-la a divulgar a informação que Noah não queria dividir. A cabeça doía muito, e ela se dobrou para a frente tomada pela agonia. Seus pensamentos tomaram-se os de Jacob, e imediatamente ele soube o que lhe causava tão grande desconforto.

- Parem imediatamente! - ele gritou, imobilizando todos os presentes. - Obedeçam Noah e esperem pela informação. Parem de tentar escanear a mente de Isabella, ou terão de acertar contas comigo.

Havia três Demônios da mente no Conselho, incluindo Ruth, e todos podiam ser responsáveis pelo ataque. Todos se mostravam chocados, como os outros anciões presentes na sala. Enfrentar o Defensor era algo que não os enchia de entusiasmo.

Livre da dor, Isabella relaxou. Todos os Demônios se retiraram.

Noah fechou a porta e se aproximou dela, ajoelhando-se a seu lado e tocando seu queixo, buscando fitá-la nos olhos. Só então ela percebeu como o Rei havia ficado furioso com os que a atacaram. Não havia nenhum sinal extemo, nenhuma demonstração da ira no rosto do soberano, mas podia ver a revolta na sombra que encobria seus olhos.

- Isabella? Sente-se bem?

Era bom sentir a gentileza do gesto, especialmente depois de ter sido alvo de tanta hostilidade por parte dos estranhos, mas havia alguma coisa muito inquietante em sua mente. Dessa vez não sentia dor, mas reconhecia a sensação. Era familiar, sem dúvida. Seus olhos buscaram os de Jacob, mas ele os mantinha baixos. Os dedos se fechavam compondo um gesto agressivo, beligerante. Isabella sentiu o coração bater mais depressa ao vê-lo fechar os olhos e ranger os dentes. Era evidente que ele tentava preservar o comportamento racional e civilizado, evitar ofensas ao Rei, embora Noah a tocasse e demonstrasse preocupação com seu bem-estar.

- Eu... estou bem. - Ela forçou um sorriso, apesar de se sentir confusa e exausta. O comportamento de Jacob era instável, sempre oscilando de um extremo a outro, da doçura a violência, do ardor à frieza. Ela decidiu que o melhor seria se dedicar apenas as necessidades do momento.

Delicadamente, removeu o queixo dos dedos do rei sob o pretexto de organizar as folhas de papel que recolhera do chão. O Rei se aproximou para ajudá-la, tomando entre as mãos uma pilha de pergaminhos antes de se levantar. Ele era um bom homem, Isabella pensou, gentil e inteligente, sempre pensando nos outros antes de considerar as próprias necessidades.

- Eu... sinto muito. - Ela engoliu em seco. - Não queria interromper a reunião ou incomodá-lo, mas a informação é importante. Eu podia ter esperado, mas... Pensando bem, eu posso esperar. - Isabella se levantou e tirou os pergaminhos das mãos de Noah. - Só queria ajuda com uma interpretação, mas vejo que estão ocupados. - Ela contornou a mesa enquanto falava, tentando se comportar de maneira casual, forçando um sorriso que, esperava, não parecesse tão falso quanto era. - Há muitos livros lá embaixo, e deve haver uma tradução... - Bateu a mão contra a testa, censurando-se por não ter pensado antes de agir. Caminhou para a porta e a fechou ainda mais depressa do que conseguira abri-la.

Dentro da sala, Noah olhou para Jacob com ar intrigado, erguendo uma sobrancelha.

- Ela... Ela tem alguma idéia de como mente mal?

- Acho que não. Mas e melhor irmos atrás dela.

- Relaxe. - Noah riu. - Ela está do outro lado da porta, tentando recuperar o fôlego.

- Eu sei. Só pensei que seria divertido se abríssemos a porta agora.

- Nunca imaginei que se divertisse sendo cruel, Jacob! - comentou o rei rindo.

Os dois caminharam para a saída da sala. Noah abriu a porta, e Jacob estendeu a mão para pegar Isabella e os pergaminhos.

Capítulo III

Era a primeira viagem de Isabella ao estilo dos Demônios. A primeira de que se lembrava, pelo menos. Jacob a transformou em poeira e a guiou pela janela. Depois, assim que começaram a voar, ele os devolveu a forma natural, mantendo-a em seus braços.

- Não é muito longe - ele disse. - Avise-me se sentir muito frio.

Isabella o segurava com tanta força, com tanto desespero, que temia ter rasgado a seda fina da camisa dele. Depois de um tempo, porém, o coração foi batendo mais e mais compassado, permitindo que ela respirasse novamente.

Mesmo assim, ainda não tinha coragem para olhar em volta e apreciar a paisagem.

- Como se sente? - perguntou Jacob.

- Vou sobreviver - ela respondeu com voz tremula. -

Vou ficar bem... Assim que puser os pés no chão.

Jacob empurrou sua cabeça de encontro ao ombro forte, sorrindo discretamente do pensamento sarcástico de Isabella. Ela estava sempre esquecendo de que não havia mais privacidade para seus pensamentos, como esquecia também que poderia ler a mente dele, se quisesse.

- Aonde vamos? - ela murmurou bem perto de seu ouvido.

Os lábios suaves se movendo contra a pele de seu pescoço, o hálito quente na pele... Jacob não conteve um tremor, sentindo uma súbita e intensa necessidade que invadia seu corpo e se fazia mais forte a cada visita. Já havia percebido que,

em breve, suas boas intenções não teriam nenhuma importância. Se continuasse perto dela, acabaria destruindo essa criatura com a força de seu desejo.

Ela era uma tentação forte demais. Quase irresistível, na verdade. O problema não era dela. Ele era o descontrolado, o enlouquecido, o perigoso. Havia sido humilhante ter de reconhecer em si mesmo as faltas que condenava e censurava nos outros Demônios, inclusive em Kane. Fora forçosamente levado ao outro lado da rua. Agora conhecia a sensação de ser tragado para o fundo do poço da imoralidade, mesmo reconhecendo os princípios e as normas que exigiam correção e controle.

- Jacob?

A voz de Isabella o fez perceber que ainda não havia dado uma resposta a pergunta que ela fizera.

- Vamos para minha casa - ele disse, usando a resposta como uma razão para aproximar o rosto do dela, sentir o perfume dos cabelos. Percebia que, pouco a pouco, ela absorvia mais e mais de sua fragrância pessoal.

Eles aterrissaram sobre um patamar rochoso de onde se tinha uma vista fascinante do que parecia ser a costa da Inglaterra, bem atrás da casa de Jacob.

Assim que Noah reassumiu sua forma normal ao lado deles, os três entraram. Quando passaram por uma porta, Isabella notou uma rachadura entre as pedras que compunham a parede da casa.

- Com tudo que é capaz de fazer, devia usar seu poder para estalar os dedos e consertar aquela parede - ela disse.

- Se fosse tão fácil assim resolver tudo com um estalar de dedos, estaríamos protegidos contra os seres cruéis que insistem em fazer uso das artes das trevas

- Jacob respondeu resignado.

- Bem, não quero justificar ou desculpar atos condenáveis, mas os humanos não sabem que vocês integram uma raça de seres inteligentes, um grupo composto por famílias, costumes, tradições e cultura. - Ela franziu a testa e balançou a cabeça, reconhecendo a fragilidade do argumento. - Desculpe. Essa tem sido a desculpa para quase todas as guerras travadas pela humanidade ao longo da história. Esqueça o que eu disse.

Jacob tocou-a no rosto, emocionado com a demonstração de compaixão por sua gente, especialmente depois de como os supostos representantes de seu povo a

trataram. A presença de Noah desapareceu completamente de sua consciência, e ele a beijou nos lábios com ternura, ignorando a dor causada pelo esforço de contenção dos impulsos.

- Eu sinto muito, minha flor. Os membros do Conselho não deviam ter tratado você tão mal. Não quando tem se esforçado tanto para tentar nos ajudar.

- Eles não sabem que tenho trabalhado para isso - ela sussurrou compreensiva, fazendo o coração do Defensor ficar ainda mais pesado diante de tanta benevolência. - Eles sentem medo, e tem direito a esse sentimento. - Isabella tocou os cabelos de Jacob, ajeitando uma mecha atrás de sua orelha. - o medo sempre traz a tona o que há de pior nas criaturas.

Noah tossiu, tentando lembrá-los de sua presença. Os dois se afastaram sobressaltados. o rei estava surpreso com a energia que sentia entre eles. Jamais vira nada parecido entre um Demônio e um humano antes. Era algo que o fascinava e perturbava. Cada vez que os via juntos percebia a luz que os emoldurava como raios de sol. A luz era o fogo de almas complementares se unindo.

- Isabella, você tinha alguma coisa para nos dizer... ele lembrou.

- Sim.

Mais uma vez, Noah sentiu a hesitação na voz dela. Podia ver em seu rosto as evidências do esforço que fazia para decidir se devia ou não falar. Era encantador para o Rei saber que ainda havia tanta inocência no mundo.

Isabella deixou os pergaminhos sobre uma mesa. Jacob e Noah a seguiram.

Os dois homens só precisaram de um momento para perceber que o texto diante deles estava escrito em sua linguagem arcaica. Era o mesmo texto que Noah traduzia com grande dificuldade na noite em que Jacob conhecera Isabella. Eles trocaram um olhar perplexo por cima da cabeça dela.

- Muito bem, olhem aqui - ela disse, apontando para um ponto no meio do pergaminho. Esse é o original do Pergaminho da Destruição. A propósito, um grande nome. Ele foi escrito séculos antes de um outro livro com o mesmo nome, o livro e uma tradução do pergaminho. Vejam aqui: "Quem quiser conhecer o destino da raça dos Demônios deve consultar essas profecias". E assim por diante. Certo? É bem parecido com sua versão de Revelação. Correto?

Noah assentiu devagar. Aquele era um dos documentos mais sagrados da raça. Era a lista dos destinos especiais e das leis originais. Isabella removiu as primeiras páginas do pergaminho com grande cuidado e reverência.

- Já conhecem essas passagens do texto, sem dúvida. As que se referem a como o nascimento do Cristianismo entre os humanos afetaria para sempre o destino dos Demônios. Estão vendo? Aqui diz como o Cristianismo iria se tornar uma religião majoritária entre os humanos, como a magia seria sufocada em consequência disso, diminuindo a ameaça dos "mal-intencionados", que presumo serem os nigromantes. Não é tão específico, por isso fui fazendo deduções. - Deduziu bem, minha flor - Jacob elogiou. - Você está absolutamente certa.

Ela moveu a cabeça em sentido afirmativo e removeu mais algumas páginas.

- Ótimo. Bem, seguem-se páginas de várias profecias.

No livro que é a versão mais moderna deste pergaminho, a tradução tem pequenas falhas nesse trecho. Mas segue-se esse outro pedaço - ela apontou para outro trecho do pergaminho -, e então tudo fica completamente maluco. De início não pude entender por que a tradução era tão ruim, cheia de erros, e pensei que, talvez, pudesse ter havido uma troca de tradutores. Mas então me lembrei que, como acontece com todas as grandes doutrinas religiosas, a influência daqueles que encomendam a tradução sempre determina o que é considerado aceitável e uniforme para a crença de maneira geral. Até hoje, trabalhos importantes não são aceitos em suas verdadeiras traduções porque isso abriria muitas brechas nas fundações desses sistemas de crença. Quando o texto é traduzido apropriadamente, fica fácil compreender porque houve tanta relutância em permanecer fiel ao pergaminho original. Aqui, vou ler uma passagem:

“E então vai acontecer que nessa grande era, as coisas retornarão ao foco de pureza que a raça dos Demônios sempre se esforçou para alcançar. Aqui virá o significado e o propósito de nossas mais estritas leis, a de que nenhum humano incorrupto deverá ser prejudicado, a de que a coexistência pacífica entre as raças deverá ser a norma...”

- Não há nada diferente nisso do que é comumente conhecido - Noah comentou, fazendo um grande esforço para tentar acompanhar a tradução fluente.

- Espere, já vou chegar lá - Isabella disse virando uma página. - Escutem:

“Devemos nos defender com maior rigor na medida em que o tempo se aproxima. Na era da rebelião da Terra e do Céu, quando fogo e água se lançam como o caos sobre todas as terras, o mais velho dos velhos retornará, tomará sua companheira, e o primeiro filho do elemento espaço nascerá, companheiro de infância do primeiro filho do tempo, nascidos de Defensores. O Demônio. A Druida. E tudo retornará ao estado em que tudo começou. Pureza restaurada.”

- Agora - Isabella continuou, sem perceber a perplexidade dos dois homens , não consegui entender por que isso foi excluído da tradução - Isabella comentou compenetrada. - É tão simples! Uma profecia, mais nada. Por que seria tão assustadora? Foi quando li todas as suas leis e percebi...

- Todas? - Noah interrompeu. - Você só esteve lá embaixo algumas horas por dia, e só por alguns dias!

- Eu leio depressa.

Noah se agarrou ao encosto de uma cadeira próxima, olhando para o Defensor em busca de consolo ou conforto, mas só viu a própria apreensão refletida nos olhos do amigo. Não tinha alternativa senão ficar ali parado enquanto a mulher seguia em frente como um trem desgovernado.

- De qualquer maneira, e aqui que entram em cena suas leis relativas a cruzamento entre raças - Isabella dizia. O tempo todo eu pensei que podia ser uma incompatibilidade química, ou a possibilidade de, por terem esse comportamento animalesco em suas naturezas, temerem causar dano a uma parceira de outra raça. Vocês têm até livros sustentando essas teorias. Pureza. Essa é a palavra-chave. Ela é usada com frequência nesse pergaminho e repetida em diversas leis. Agora, ouçam o que encontrei mais adiante no Pergaminho da Destruição. Esta bem aqui:

“Um Defensor nascerá e alcançará a maturidade quando a magia mais uma vez ameaçar o tempo, quando a paz dos Demônios se encaminhar para a insanidade. O Defensor nascerá para caçar os transformados, terá o poder de destruir, de caminhar sem ser notado, de rastrear, de ver o invisível, de lutar com coragem e instinto contra o mais poderoso e o mais corrupto. Os pensamentos desse Defensor serão selados, exceto para sangue e parceiro, e ele percorrerá o caminho dos Demônios de corpo e alma, embora não tenha nascido nele.”

- Entendem agora? Como pode haver o que chamam de "pureza" se o Defensor a ser indicado não será Demônio? E não é só isso. - Ela abriu um segundo pergaminho. - Pelos meus cálculos, este documento é ainda mais antigo que o outro. Escutem só:

“Demônio e Druida caminham como se um só fossem, unidos, fundidos, almas que se complementam. Um sem o outro estará perdido e vazio, uma raça sem a outra estará fadada a loucura e desvario, impureza e destruição.”

- Sabem o que isso significa? Sua raça supostamente pura já foi metade de outra raça, aquela que era uma combinação de Druidas e Demônios! Se isso é verdade, toda essa bobagem sobre pureza racial é algo que um fanático qualquer inventou há muitos anos. É propaganda, cavalheiros! Com toda a visão historicamente fanática sobre a pureza da raça, a idéia de forasteiros como salvadores deve ter apavorado os tradutores. Assim, eles omitiram esse trecho das novas traduções. E isso significa que vocês precisam de forasteiros para sobreviver. Querem a cura? É isso que procuram? Pois bem, aqui está ela! Os Druidas são a cura para a sua loucura sagrada!”

- Então nossa raça esta condenada! - deduziu Noah.

- Como assim? Se acabei de dizer... Confesso que não tive tempo para ler muito sobre os Druidas, porque só encontrei material sobre o assunto na ala leste da biblioteca...

- A ala leste é o arquivo dos Druidas, Isabella - Jacob explicou com tom pesaroso.

Isabella piscou confusa, olhando para Jacob em busca de alguma explicação.

Noah tomou a palavra.

- Há quase um milênio, o líder da raça dos Druidas enlouqueceu e assassinou o líder da raça dos Demônios. Entramos em guerra. Não há mais Druidas, Isabella. Os Demônios os destruíram. Todos. Resta apenas a documentação que você encontrou na ala mais isolada da biblioteca em minha casa. Destruímos uma cultura inteira, assassinamos até o último Druida.

- Se o que diz é verdade, destruímos também a nós mesmos - Jacob concluiu. - Durante todos esses séculos, tudo que ouvimos foi que os Druidas eram nossos inimigos, e que a guerra havia sido precipitada pela ganância do Rei deles.

Jamais nos disseram que já caminhamos juntos, vivemos juntos... criamos uma história em comum.

- Uma historia que os líderes desse tempo reescreveram para os próprios fins durante a guerra e depois dela. Como fui arrogante em pensar que nossos dedicados historiadores estavam acima dessas coisas.

- Não... Não, acho que está errado - Isabella opinou, a voz expressando o medo enquanto ela refletia sobre as implicações de suas inocentes descobertas para essa raça. E a profecia? Como uma raça condenada por dar à luz novos elementos? Filhos com poder sobre o espaço e o tempo mudarão o mundo para sempre! E quando virem tal fato acontecer, não poderão mais negá-lo.

- Está supondo que o tempo da profecia é agora - Noah sugeriu.

- É claro que sim! Quero dizer, olhem para o que está acontecendo em volta de vocês! A era da rebelião da Terra e do Céu, quando fogo e água se lançam como o caos sobre todas as terras. Seu povo, os Demônios são os elementos. Vocês mesmos disseram isso. Fogo, Terra e o restante. Rebelião... se lançar como o caos sobre todas as terras. Em muitos textos históricos, "terras" não é um termo usado para significar continentes, mas culturas. Sendo assim, isso significaria que os Demônios vão causar confusão em outras culturas. O Defensor mencionado acima existirá enquanto a paz se encaminhar para a insanidade. Esse é um marco ligando as duas profecias ao mesmo tempo. Vocês mesmos reconheceram que a cada ano a loucura vai se tornando pior para os de seu povo. E com a repentina aparição do nigromante, se pode afirmar que a magia retornou. É isso! Vocês não mataram todos os Druidas! Alguns escaparam. Com o tempo, sob influencia da ciência e da civilização, herança e conhecimento se perderam para seus descendentes como parte de sua cultura se perdeu para vocês. Um dia, quando começarem a aceitar outras raças no círculo de sua cultura, permitirão a chegada de um Druida que, no futuro próximo, quando Jacob... quando Jacob... - Ela torcia as mãos com evidente desespero.

Noah entendeu a situação. Se ela estava mesmo certa, o tempo profetizado era agora. Então, a morte de Jacob e sua substituição eram iminentes. Ela precisava concluir sua explicação lógica para impedir esse evento, ou adiá-lo o máximo possível.

- Estou me referindo a hipóteses - Isabella tentou. Hipóteses muito remotas...

- Destino misericordioso! - Jacob murmurou.

Isabella e Noah olharam para Jacob, que tinha no rosto uma expressão absolutamente chocada.

- O que é? - Noah quis saber.

- Ela disse! Disse claramente, e eu quase perdi... Noah, na profecia, ainda bem no início, ela leu: "...o primeiro filho do elemento do espaço nascerá, companheiro de infância do primeiro filho do tempo, nascidos de Defensores".

- E daí? - perguntou Isabella.

- Tem certeza de que a profecia diz Defensores? No plural?

- É claro que tenho certeza. Veja, bem aqui. - Ela apontou a passagem.

- Isabella, nunca houve dois Defensores contemporâneos.

Sempre existiu só um. Nunca dois. Não é sobre mim que a profecia fala, nem sobre um Druida desconhecido do futuro distante, mas... - Ele piscou, tornado pelo mais absoluto choque. - É você! Noah, é ela!

- Será? - sussurrou o Rei, olhando espantado para a mulher pequenina. - Uma Defensora humana?

- Ei! Um minuto, rapazes! Não vamos perder o contato com a realidade aqui! Não sou Defensora. Sou pequena demais para isso e... Sou bibliotecária! Vivo de livros! Sou humana! Esqueçam. Estão malucos.

- "o Defensor nascera para caçar os transformados, terá o poder de destruir." Saul, minha flor. Lembra? "... de rastrear, de ver o invisível, de lutar com coragem e instinto contra o mais poderoso e o mais corrupto". Você o matou.

- Aquilo foi um acidente!

- "... de caminhar sem ser visto..." Os anciões nem perceberam que ela estava em minha casa - lembrou Noah totalmente admirado. - Não sentiram o cheiro dela, não perceberam sua presença. "Os pensamentos desse Defensor serão selados, exceto para sangue..."

- Isso é ridículo! Jacob vive bisbilhotando dentro da minha cabeça, e posso garantir que não temos nenhum parentesco consanguíneo!

- "... e parceiro..." Isabella ouviu as palavras pronunciadas por Jacob como se fossem um eco de seus pensamentos.

Em algum nível, sempre soubera que essa ligação com Jacob era algo mais complexo do que uma paixão passageira. Ele a tomara nos braços apesar de tudo que representava e todos os riscos, porque, de alguma forma, também sabia que isso tudo não era só a loucura sagrada.

Isabella sentiu-se zozza. Todo o sangue do corpo fluíu para os órgãos que exigiam mais atenção. Coração disparado, cérebro confuso, estômago oprimido, membros que formigavam. Era repentinamente invadida por medo e entusiasmo, dominada por arrepios frios e quentes...

Ela caiu no chão como uma pedra.

- Tem alguma idéia de como isso vai afetar todos? Jacob ergueu os olhos de onde estava, sentado ao lado de Isabella, pressionando uma compressa fria contra um corte em sua testa. Não reagira em tempo de impedir a queda, e ainda não conseguira conter o sangramento.

- Sei como você será afetado - Noah respondeu de sua cadeira ao lado da janela.

- E entendo agora por que não conseguiu resistir a essa mulher.

- Podemos estar enganados. Ela é tão pequena, tão frágil... Como pode ser capaz de fazer o que eu faço?

- Ela ainda nem é treinada e já rastreou e matou Saul.

- Foi um acidente.

- Ah, sim? E Elijah?

Não havia explicação, e Noah sabia disso. Elijah era um guerreiro de séculos de idade e treinamento invejável, líder de um exército de Demônios que dedicavam a vida à arte da guerra e da defesa. Era poderoso, o melhor em seu ofício, como Jacob, e mesmo assim...

- Não posso explicar - Jacob admitiu relutante.

- Ela o estava protegendo. - o rei apontou com sabedoria e precisão irritantes. Uma calma que resultava da certeza de que estava imbuído. - Instinto. Como uma loba protege o companheiro.

- Noah, ela é humana! Tudo que aprendi em séculos de vida diz que não podemos ser parceiros na vida! Vou acabar machucando Isabella! Já machuquei...

- Vocês... ?

- Não! É claro que não! Já disse que tenho medo de machucá-la. E, se as coisas houvessem chegado a esse ponto, você, Elijah ou Legna teriam me desmascarado.

- Ontem, quando você foi procurá-la na biblioteca, ninguém o seguiu.

Jacob olhou para o Rei com olhos cheios de desconfiança. - Você sabia.

Era uma afirmação, não uma questão. A pergunta estava implícita, e ambos sabiam qual era.

- Jacob, você agiu bem. E eu não esperava que fosse diferente. Afinal, você é o Defensor.

- Eu quase não consegui evitar, Noah. Não posso explicar a intensidade. Quando estamos próximos, quando ela olha para mim... Eu perco a noção do que é certo.

- Bem, é o que acontece, se estivermos corretos na nossa interpretação da profecia. E, nesse caso, o certo seria tomá-la.

- Como pode ser tão casual? Usaria essa criatura para um experimento dessa magnitude? E me usaria? Sabendo que pode matá-la e me condenar eternamente?

- Melhor vocês dois do que toda a raça. Estou falando como líder, Jacob. Meu papel é fazer esse tipo de escolha: o bem-estar da coletividade, ou o bem-estar de um indivíduo... ou dois, nesse caso. E não me olhe com esse ar de condenação. Você faz as mesmas escolhas cada vez que pune um de nos por desvio ou incontinência de conduta. Fez a mesma escolha quando informou Myrrh-Ann de que ia rastrear Saul, mesmo sabendo que nenhum Demônio jamais foi resgatado de uma intimação intacto, que seria forçado a matá-lo. Conhece os tabus, Jacob, mas também conhece nossa crença no destino. Se Isabella é essa pessoa, não há nada que possamos fazer. Você se rebela, mas sinto que, em seu coração, já sabe que ela é sua parceira na vida. A única mulher a inspirar a lealdade do Defensor, pelo menos que eu tenha testemunhado. A única humana que conseguiu tentá-lo, com ou sem lua sagrada. Vive há mais de meio de milênio, Jacob, e agora, nesse momento, é atraído por alguém pela primeira vez. Atraído a ponto de ir contra tudo que aprendeu na vida. Ela é sua, Jacob. É seu destino, e você é o dela.

- Não vou forçá-la a aceitar nossas profecias.

- Não pode escolher. Se ela não fosse humana, eu diria que já estão nos primeiros estágios da marca. A conexão telepática, a inegável tentação de se unirem fisicamente...

- Ela é humana, e a marca não se aplica a ela. Mal se aplica a nós! Não há uma marca há mais de dois séculos, e antes dessa última, houve um período igualmente longo sem ocorrências. Por mais que tente manipular a situação, não vou deixar que me convença. Não vou forçá-la a nada.

-Jacob, o destino sempre se impõe. Você não vai forçá-la, porque não será necessário. E ninguém aqui está sugerindo que o faça. Vai acontecer. Simples assim.

- Eu jamais devia ter trazido Isabella para o nosso mundo.

- Estava escrito.

- Eu devia... Podia...

- Já está apaixonado por ela, não é?

- Não ouse adivinhar meus sentimentos! Já é terrível sentir que um velho pedaço de papel pode decidir meu futuro e escolher quem será minha parceira.

- Jacob, vou desistir, pelo menos por enquanto. Existem outras questões exigindo nossa atenção. A introdução daquelas profecias e histórias em nossa cultura terá ramificações poderosas e encontrará grande resistência. Se você, que precisa de desculpas e justificativas para estar com Isabella, está resistindo, imagine o que puristas fanáticos como Ruth vão dizer!

A idéia plantou a semente do medo no coração de Jacob.

Finalmente, ele se voltou para Noah.

- Está dizendo que minha vida pessoal é nada comparada a como essas outras questões vão me afetar?

- Você é o Defensor. Haverá caos, Jacob. Vou tentar facilitar as coisas para você, na medida do possível. Começarei informando os acadêmicos, e depois, com o tempo, falarei com o Conselho.

Jacob viu a sabedoria nessa decisão e, num momento de lucidez em meio ao caos, percebeu porque Noah estava destinado a liderar seu povo, enquanto a eles cabia segui-lo e servi-lo. Com o apoio dos acadêmicos, ninguém poderia refutar com lógica as declarações do Rei, nem mesmo os anciões. Mais uma vez,

Noah comprovava sua sabedoria. E mesmo que encontrasse resistência, apoiado por essa certeza, ele poderia convocar guerreiros e defensores para apoiá-lo, caso houvesse dissensão. A possibilidade de comoção civil inquietava Jacob. Ele olhou para a mulher adormecida no sofá. Isabella caíra de uma janela e pusera em movimento uma cadeia de eventos de magnitude inimaginável.

- Olhe bem para esse rosto, velho amigo - Noah comentou com um sorriso cansado. - Porque ele pode ser o mesmo rosto que vai tirar do cais centenas de navios.

Isabella abriu os olhos piscando algumas vezes, o tom de violeta se expandindo enquanto as pupilas se encolhiam atacadas pela luz. Ela moveu a cabeça devagar e gemeu quando um músculo dolorido na nuca protestou. O sangue latejava em seu cérebro. Tinha uma horrível dor de cabeça. Estava deitada em uma cama confortável, sob lençóis macios, e sentia dedos suaves tocando os dela, acariciando, confortando.

- Não se mova, Isabella. Fique quieta. Esta segura aqui.

- Sim, sentia-se segura. Aos poucos, ia recobrando a consciência e percebia que estava aninhada em outro corpo com a cabeça apoiada sobre um braço que não era o dela. Jamais acordara ao lado de um homem em toda a sua vida mas

sempre imaginara essa sensação de encaixe perfeito de proteção, de segurança e conforto. Estavam juntos na cama, mas a descoberta não a inquietava nem a amedrontava. Jacob não a deixara sozinha. Mantivera-se próximo, tanto quanto era possível, velando seu sono e acompanhando com atenção cada movimento de seu corpo.

- Jacob - ela murmurou com voz terna.

- Sim, sou eu. Como se sente?

Ela deslizou a mão sobre o lençol até entrelaçar os dedos nos dele. Jacob segurou sua mão e a afagou.

- Estou surpreso por ainda não ter começado a me espancar - ele observou rindo.

- Ainda estou acordando. Mas posso chutar seu traseiro mais tarde.

- Obrigado por me prevenir.

- Na verdade, acho que vou chutar o traseiro de Noah. Isso me faria sentir melhor.

- Faça isso. Eu também me sentiria melhor. - Jacob tocou seu rosto novamente, os dedos acariciando a pele acetinada. O polegar alcançou o lábio carnudo e tentador.

- Pode responder uma pergunta?

- Você vai perguntar porque tem a sensação de que nos conhecemos há séculos, se só nos encontramos há alguns dias?

- Trapaceiro! ,

- Desculpe. Você tem a mente aberta demais. É irresistível.

- Isso é um pedido de desculpas? Parece mais um ataque ao meu caráter!

- Quer ouvir minha resposta, ou prefere debater a semântica em torno de quem deveria ter formulado a pergunta?

- A resposta tem a ver com profecias e destino? Porque, nesse caso, acho que terei uma terrível dor de cabeça.

- Na verdade, estou mais inclinado a apelar para a velha teoria da química.

- Ah... Bem, isso soa mais normal. Praticamente humano, para dizer a verdade.

- Morda a língua - ele brincou.

- Você primeiro.

- Ah, agora esta flertando comigo? Ela suspirou com ar dramático.

- Não fui muito sutil, não é?

Jacob riu, incapaz de resistir ao impulso de beijá-la. Depois, ele a virou entre os braços, aninhou-a contra o peito e a manteve colada ao seu corpo.

- Não consigo decifrá-la, minha doce Isabella. Quando penso que vai desistir de tudo e partir, você fica. Não entendo sua lógica, mesmo penetrando em sua mente.

- Deve ser porque minha mente racional toma a frente sempre que fico perturbada. Os sentimentos são banidos para um segundo plano. Começo a pensar. Tento entender motivações, ver a razão nelas. Quando você percebe que todos estamos lutando pela sobrevivência e por paz de espírito, embora cada um tenha seus métodos, confronto e ressentimento perdem o sentido.

- Isabella?

- O que é?

- Se você for mesmo minha parceira de vida se é esse seu destino... Juro que serei a criatura mais afortunada do planeta. Não sei se você poderia dizer o mesmo, mas...

Isabella levantou a cabeça, apoiando-se sobre um cotovelo para poder encará-lo. Talvez ele não percebesse mas cada vez que movia a cabeça, as mãos dele acompanhavam o movimento, encontrando meios de tocar seu rosto e afagar seus cabelos.

- Por que é sempre tão duro com você mesmo?

Uma emoção indecifrável passou como uma nuvem pelos olhos do Defensor. Isabella suspeitava de que ele filtrava as respostas. Estava começando a perceber que ele sempre pensava com muito cuidado antes de falar.

- Estou habituado a ser sempre alvo de sentimentos negativos. Sou considerado um mal necessário.

- Não é o que Noah pensa sobre você.

Jacob refletiu por um momento antes de assentir.

- Sim, eu sei. Mas nunca tive de conter Noah ou alguém da família dele. Nos últimos quatro séculos, raras foram as famílias cujos membros não foram tocados pelas ações de um Defensor. A punição é severa e nunca é esquecida. E não me peça que dê detalhes, porque me nego a falar sobre isso. É suficiente saber que esses atos, embora necessários, não conquistam grandes amizades.

- E você? Alguém vai ter de puni-lo por minha causa? Pela preocupação estampada em seus olhos, era claro que a idéia não a agradava.

Jacob não respondeu de imediato. Como poderia? Esse era um território novo para todos ali. Como poderia fazer afirmações convictas? A constatação o inquietava. Vivera sempre com uma inabalável clareza de propósito, mesmo que os propósitos em questão causassem alguns desconfortos. Agora havia apenas confusão, mistério e especulação.

- Honestamente, não sei, Isabella - ele disse com tom suave, revelando nos olhos a confusão e a inquietação. Quanto mais fundo mergulhamos nessa situação, mais eu percebo como sei pouco sobre coisas que antes julgava dominar perfeitamente. É difícil para um homem aceitar esse tipo de constatação.

- É difícil para uma mulher também - ela respondeu, obrigando-o a lembrar o quanto sua vida havia se transformado em um curto espaço de tempo. - Num dia sou bibliotecária, no outro me vejo caçando Demônios. - Ela sorriu e revirou os olhos num gesto cômico, mas havia grande apreensão por trás das palavras aparentemente leves. - E depois de saber como sua sociedade o trata pela posição que ocupa, nem quero pensar em como ela reagira a uma humana no papel de Defensora.

- Vai haver choque e divergência, certamente, mas tenho confiança em minha comunidade, minha flor. Somos inteligentes, dedicados a idéia do Destino, e solidamente estruturados sobre a base de nossas filosofias e profecias, por mais desagradáveis que possam parecer em alguns momentos. Vamos nos adaptar.

Só ao pronunciar essas palavras, Jacob percebeu que realmente acreditava nelas. E também percebeu que agora falava sobre a profecia como um fato consumado, indiscutível e certo. Espantava-o constatar que reagia com tanta naturalidade, depois de ter discutido com Noah, tentando refutar justamente essa mesma conclusão. A convicção devia ter vindo posteriormente, e declará-la fez bem a ambos, porque ele a sentiu relaxar.

Isabella aconchegou-se junto dele e franziu a testa, refletindo sobre o que acabara de ouvir. Essa era uma das coisas que Jacob mais apreciava nela, a disposição para pensar em todos os assuntos com honestidade e franqueza, sem preconceito. Era isso que fazia dela uma criatura excepcional, e não precisava de uma profecia para saber disso.

- Por que seu povo precisa de dois Defensores? Você é bom no que faz. Não precisa de mim.

- Não é verdade - ele respondeu com voz baixa e contida, mas envolvente. Precisava dela. E sentia essa necessidade havia muito tempo. Só agora começava a entender essa profunda carência. Mesmo assim, não podia pronunciar as palavras, não podia pressioná-la expondo seus desejos pessoais. Se Isabella escolhesse esse caminho, não queria que fosse por ele. Ou melhor, não queria ser a única razão dessa escolha.

Quando ele não elaborou a resposta, Isabella decidiu abandonar o assunto temporariamente. Ainda não via a questão como ele a enxergava, mas, talvez, com o tempo, pudesse adquirir essa mesma perspectiva.

- Acha que é verdade, Jacob? Acredita mesmo que eu sou a criatura citada pela profecia?

- Eu já disse que acredito. E você desmaiou, caso tenha esquecido. - Ele expressava com as palavras o remorso que sentia, e um dedo tocou o curativo que cobria o corte em sua testa.

Isabella levou a mão à testa e encontrou o curativo. A região estava um pouco dolorida, mas não sentia a dor esperada. Ela tentou identificar como a bandagem havia sido feita tateando-a, sem saber qual era a gravidade do corte. Antes que Jacob pudesse protestar ou detê-la, ela removeu o curativo.

No mesmo instante, o ar em torno deles se alterou, como se adquirisse uma nova e inusitada densidade. Jacob ficou paralisado, tenso. O corpo até então relaxado, adquiriu a consistência de uma intransponível muralha de músculos. Os olhos treinados permaneciam fixos no rosto dela, e era evidente que o Defensor esperava uma reação.

- O que foi? - ela perguntou ao ver a expressão chocada.

- É muito grave? - Tocou o ferimento mais uma vez.

- Era... Foi difícil conter o sangramento, mas... - Jacob mal conseguia falar. Era como se não pudesse expressar a idéia em voz alta por medo de não ser verdadeira.

- Mas o que?

- Cicatrizou. Resta apenas uma pequena marca, um hematoma leve, mas... o corte fechou.

- Está falando sério? Mas... Por quanto tempo fiquei desacordada?

- Algumas horas. Poucas.

- Ah... - Ela mordeu o lábio, seus olhos fixos nos dele.

- E isso tem algum significado para você, não é?

- Sempre teve essa cicatrização tão... rápida?

- É claro que não. Nunca tive nenhuma característica diferente da média dos seres humanos.

- Não tinha - ele anunciou. - Agora você cicatriza como nós.

- Eu... Ah, sim?

Jacob não disse mais nada. Nem uma só palavra. Em vez disso, estendeu as mãos para os botões da blusa de Isabella, os dedos longos manipulando o cetim macio com facilidade e abrindo a blusa antes que ela pudesse piscar. Sem se deter, ele a despiu expondo os ombros arredondados.

Os olhos de Jacob, tão escuros e atormentados por sentimentos inconfessáveis e intensos, buscaram o local onde ele a marcara no dia anterior. O polegar deslizou pele pálida e perfeita, procurando por um pequeno sinal, uma irregularidade qualquer onde, havia um dia apenas, uma marca brutal fora deixada sobre seu corpo.

- Sim: - Ele a encarou com expressão muito séria.

- Por quê? Como? Você é... Você é... contagioso, ou algo assim?

- Acho que não - Jacob sorriu. - Já tivemos outros contatos com humanos e isso nunca aconteceu.

- Então, não sou como a maioria dos humanos...

- Isso eu já sabia. Você é única! - Ele beijou o ombro delicado onde antes existira uma marca.

- Adulador - Isabella riu, fechando os olhos para melhor sentir os lábios sobre sua pele. Podia sentir o beijo se espalhando por todo o corpo como uma onda, a pele queimando e os seios doloridos por conta de uma súbita sensibilidade. - Não acha que eu devia traçar minha genealogia? Talvez encontre algum ancestral Druida...

- Não encontraria esse tipo de coisa com facilidade, considerando que seus ancestrais deviam estar se escondendo de nós. Esse não foi um dos momentos mais gloriosos da nossa história. Punir e extinguir toda uma raça não é algo de que nos orgulhamos. - Jacob suspirou demonstrando profundo pesar.

- Bem, você não tem culpa de nada. Foram seus ancestrais que entraram em guerra com os Druidas e os destruíram. Tudo que pode fazer é reparar esse lamentável erro da melhor maneira possível. Se sua raça quer mesmo superar a loucura provocada por certas fases da lua, vai ter de encontrar os Druidas, mesmo que estejam dispersos e quase extintos, e reintroduzi-los em suas vidas e na sua cultura. Foi isso que eu li.

- Noah parece concordar com essa idéia - respondeu Jacob. - Mas, para isso, teremos de trazer humanos ao nosso mundo, porque, aparentemente, os

Druidas se escondem atrás deles agora. Misturam-se a eles. Quero dizer, você é um exemplo... Se é que realmente descende de Druidas... Jacob suspirou e se afastou dela, deitando-se com a cabeça no travesseiro ao lado do de Isabella e tocando o ponto mais alto do nariz, como se desenvolvesse uma forte dor de cabeça.

- O que é?

- Isabella, quando isso se tornar público... se a necessidade de encontrar Druidas for verdadeiramente aceita... se eles se escondem mesmo atrás dos humanos... Bem, vamos viver uma espécie de temporada de caça a sua raça. Posso até imaginar... "Mas, Jacob, pensei que ela fosse Druida"... Como vou lidar com tudo isso?

- Oh, céus... - Isabella gemeu, captando com facilidade o significado do comentário apreensivo. Sentia o coração apertado diante da evidente tristeza de Jacob. Podia sentir nele o alarme, a preocupação pelo futuro e o bem-estar da raça humana. - Mas, Jacob, e se a natureza já tiver encontrado outro caminho?

Agora ele a olhava com atenção e curiosidade, uma mistura de sentimentos que, aos poucos, foi se transformando em compreensão e esperança. - Eu vim ajudá-lo, não vim?

Isabella sentiu no espírito a poderosa reação causada por suas palavras, a compreensão de que essa realidade poderia modificá-lo para sempre. Invadia uma parte dele jamais tocada anteriormente, sentindo nesse espaço, um canyon de solidão que se tomara parte integrante de uma vida tão longa. Era algo que vinha de muito longe, da morte de muitos amigos e familiares que não haviam conseguido sobreviver aos inimigos de seu mundo, que o deixaram sozinho para enfrentar a fria aceitação de ser um mal necessário ao próprio povo. Mais importante e doloroso, ele nunca partilhara inteiramente o que sentia em decorrência desse temível isolamento.

Isabella compreendia agora o que ninguém sabia. Ninguém imaginava como o Defensor era realmente solitário, exceto ela mesma, e só havia adquirido esse conhecimento porque podia tocar sua mente. E agora, diante do que ela sugeria, ele se sentia devastado pelo medo. Jacob temia por ela. Não queria que ela tivesse a mesma vida que ele sempre suportara.

Contudo, ela via toda a situação de um jeito bem diferente. Sentia uma profunda alegria, uma esperança e um entusiasmo como nunca havia experimentado antes.

- Sou uma espécie de... Mulher Maravilha! - Ela se ajoelhou no colchão, saltando com entusiasmo juvenil. Com as mãos na cintura, Isabella imitou uma das poses clássicas da heroína. - Sabe como é, lutando pela justiça, pela verdade e... pelos Demônios!

- Esse não é o Super-Homem? - Jacob perguntou com tom seco.

- Fique quieto. Estou vivendo um momento de glória aqui. Não me atrapalhe. Seria preferível pular a parte da caçada e a da morte, porque é um pouco... viscosa... mas gosto da idéia dos poderes especiais. Por que só apareceram agora?

- Não sei. Estou tão surpreso quanto você.

- Bem, a primeira vez que notei alguma coisa foi na biblioteca, quando... Quando consegui ler seu idioma. E isso foi depois de... - Ela se deteve, desistindo do que ia dizer, certamente para poupá-lo da culpa, mas Jacob podia sentir as palavras como na própria mente, e perceber sua intenção de poupá-lo era ainda pior do que enfrentar a acusação direta.

- Foi antes disso. Logo depois de cair da janela, você teve o primeiro episódio de empatia, quando sentiu o que Saul estava sentindo. Lembra? .

_ Ah, sim! Aquela foi a primeira vez. Logo que você me pegou. Ela riu. - Sim, pode ter sido você. Deve ser contagioso, afinal. Ela percebeu a sombra que passou pelos olhos de Jacob. - Ah, não, não comece com isso agora! Foi só uma piada - corrigiu-se apressada. - Não quero ouvir o que está pensando.

Ele riu.

- Mesmo que eu falasse o que estou pensando, seria apenas uma especulação.

- Então, pare de especular - ela ordenou, debruçando-se sobre a cama para poder bater no ombro de Jacob.

- Você é autoritária demais para alguém do seu tamanho - ele acusou, segurando-a pelos ombros para abraçá-la. Queria sentir sua presença, tocá-la de todas as maneiras. Não havia mal nenhum em uma inocente troca de calor.

- Já estou lamentando ter permitido que me pegasse naquela noite - ela comentou com ar sério, ajeitando os cabelos sem perceber como o gesto o encantava.

- Meu bem, era eu ou o concreto. Um de nós a receberia de braços abertos.

- A essa altura, já começo a pensar se o concreto não teria sido menos doloroso... e menos complicado.

Jacob sabia que ela estava só brincando, mas o comentário o tocou profundamente.

- Temos causado sofrimento para você, Isabella? Eu a fiz sofrer?

Ela ficou em silêncio, olhando para aqueles olhos escuros e profundos, consciente de que sua resposta seria vital para o Defensor. Por isso, refletiu com cuidado antes de responder. Jacob descobriria a verdade, como sempre.

- Só uma vez, Jacob. Mas não como está pensando. Foi aquela vez na biblioteca...

- Eu tinha de agir de acordo com o que acreditava ser melhor para você. Por favor, me perdoe...

- Só se terminar o que começou.

Ele se levantou de repente, deixando-a sozinha na cama. Sério, Jacob andava de um lado para o outro no quarto, as mãos tensas deslizando pelos cabelos num gesto típico de nervosismo.

- Jacob?

- Por favor, não diga nada!

Agora ele estava indo longe demais.

- Bem, lamento que considere minha declaração tão ofensiva - ela reagiu irritada.

- Peço desculpas. Não vai mais acontecer!

Lutando contra as lágrimas que só tomaria sua situação ainda pior, ela se levantou e marchou para a porta. Determinada, agarrou a maçaneta e girou-a, mas nada aconteceu. Por mais que puxasse, a porta permanecia fechada. Verificou a chave, consciente de que a dificuldade arruinava uma saída triunfal, e tentou novamente. A porta continuava emperrada. Era difícil conter o soluço que se formava em seu peito, e ela bateu um pé num gesto frustrado. Se não

estivesse tão furiosa, teria percebido que Jacob havia se posicionado atrás dela. Mas, distraída, quase gritou ao sentir a mão em seu ombro.

- O que é agora? - ela reagiu furiosa.

Devagar, Jacob deu alguns passos aproximando-se um pouco mais, empurrando-a contra a porta e apoiando as duas mãos, primeiro uma, depois a outra, contra a folha de madeira, bem perto de seus ombros. Para implementar a reação provocada por sua atitude, ele aproximou seu corpo do dela até quase tocá-lo. Quando fitou os olhos cor de violeta quase não havia espaço entre eles. Envolvera Isabella com o potente e perigoso calor que emanava de seu corpo, e seu coração batia acelerado.

- Isabella - Jacob começou devagar -, você me entendeu mal. Acha que não a desejo, minha flor? Ele se inclinou um pouco mais, o peito tão próximo do dela que Isabella teve de virar a cabeça. Um gemido rouco soou em seu ouvido, e o hálito tímido e morno tocou seu pescoço como uma carícia sensual. - Pelo contrário. Se me afasto em alguns momentos, se a evito, é justamente por saber que a quero muito, que a desejo tanto que, quando você diz coisas como as que acabou de dizer, talvez não possa prever minhas reações. Tenho medo de perder o controle.

- Jacob...

- Isabella, não há um lugar seguro dentro de mim quando se trata desse poderoso desejo de fazer de você minha parceira. Meu senso de moralidade me abandona. Até meus pensamentos mais seguros e certos se unem ao clamor que queima em meu corpo quando ele busca o seu. Esta entendendo?

- Se é isso mesmo que sente, por que lutar contra esse fogo? Especialmente agora, que conhece a profecia...

Jacob recuou.

- Não quero que se entregue a mim por causa de um punhado de papéis antigos, documentos cujos propósitos são ainda mera teoria. Não pode permitir que profecias tão antigas ditem o que sente por mim. Está assustada, apesar de demonstrar coragem. Eu sei. Posso sentir. Como acha que me sinto com isso?

- Mas...

- Ainda é inocente, Isabella. Por mais que seu corpo responda ao meu, sua mente ainda não tomou a decisão. Não consegue nem pronunciar a palavra

sexo sem corar. E não quero forçá-la a nada. Não quero pressioná-la, seja no aspecto mental ou emocional, e não quero pressioná-la fisicamente, também. Mas não me entenda mal. A necessidade que sinto de colocar alguma distancia entre nós é simplesmente um esforço pessoal, uma tentativa desesperada de me manter sob controle, até o momento em que puder tomar uma decisão consciente, uma decisão espontânea que brote de sua mais profunda e sincera vontade, não de uma profecia.

- Mas, Jacob, quando estávamos na biblioteca, e antes disso, não sabíamos que havia uma profecia.

Tão simples. Tão lógica. Tão verdadeira. As mãos de Jacob se fecharam contra a porta, o desejo e as emoções ganhando força e ameaçando escapar ao domínio da razão. Seus sentidos clamavam por ela. Até o calor da fragrância que invadia suas narinas era insuficiente para compensar o vazio deixado pelos outros sentidos tão negligenciados.

Jacob rangeu os dentes.

- Isabella, por favor, tome cuidado com as coisas que diz. Estou me empenhando para manter o controle, e posso assegurar que não é fácil. Se eu não conseguir... Se começarmos alguma coisa... Não vai ser possível recuar. Entende o que eu digo?

- Entendo. E quero que entenda algo, também. Sou virgem, sim, mas só porque ninguém despertou meu interesse antes. A condição de virgem não tem nenhuma importância para mim. Confesso que sempre sonhei com algo especial para a minha primeira experiência, e... pensando bem, já encontrei o que procurava. É você, Jacob. Quando me toca, quando me beija, você desperta coisas que jamais havia experimentado antes, que nunca imaginei poder sentir. Algumas mulheres passam por uma vida sexual variada e longa sem nunca sentir o que estou sentindo agora. Sendo assim, minha inocência é só física. Emocionalmente, já me tornei uma mulher desde a primeira vez em que você me tocou.

Jacob suspirou.

- A ingenuidade desse seu comentário serve para me lembrar do quanto ainda é inocente, Isabella.

A resposta direta e fria despertou nela a vontade de esbofeteá-lo. A atitude condescendente começara a irritá-la de verdade. Podia ser inexperiente, mas pelo menos sabia e tinha coragem de reconhecer que encontrara algo especial.

Mundos diferentes, espécies diferentes até, mas ela entendia que a ligação entre eles era especial. Uma oportunidade única.

Apesar de se sentir intimidada, apesar do perigo evidente e das razões óbvias para sentir medo, não deixaria passar essa chance. Talvez toda a sua vida houvesse sido apenas uma preparação para esse momento com Jacob e todas as mudanças rápidas que vivia desde que o conhecera. Talvez houvesse mesmo algo chamado Destino, e talvez ele fosse o dela. Isabella sabia que só havia um jeito de descobrir, e essa era uma descoberta que ela buscava além da razão.

- Muito bem, eu entendo - ela disse erguendo o queixo, mas virando a cabeça para impedi-lo de ler a verdade em seus olhos. - Se esse detalhe é assim tão importante para você, vou tentar encontrar um homem, um humano, com quem possa viver minha primeira experiência. Então saberei do que vamos falar na próxima vez em que discutirmos sobre esse assunto.

Jacob recebeu a declaração como um soco no peito. A idéia de outro homem tocar aquela pele delicada, beijar aquela boca... A possibilidade destruía seu sentido de direção e equilíbrio. A raiva foi a reação imediata e inevitável. Revolta. Fúria. O que ela sugeria era demais. Mais do que demais.

- Só por cima do meu cadáver! - ele disparou. - Nunca permitirei tal coisa! A declaração era uma mistura de rugido furioso e promessa sensual. Isabella podia ver que ele tremia da cabeça aos pés, podia sentir a vibração desses tremores ecoando na porta e tocando seu corpo. Em um único instante, o frio e sofisticado Jacob desaparecia e dava lugar a uma besta, cuja cabeça surgia sobre a superfície do verniz social.

Isabella conteve um sorriso vitorioso, satisfeita com a reação que havia conseguido provocar.

- Mas você acabou de dizer...

- Esqueça! Ninguém vai tocar seu corpo. Fui claro?

- Bem, não pretendo morrer virgem, Jacob! Alguém vai ter de me tocar, porque ser freira não faz parte da minha lista de ambições e possibilidades! Especialmente agora, depois que descobri como é desejar um homem e ser

desejada por ele. E como me considera frágil e inocente demais para você, vou procurar outro parceiro, sim!

Isabella sentiu de repente a mão envolvendo sua cabeça, os olhos mergulhando nos dela, o fogo do ciúme ardendo em sua alma. As emoções de Jacob eram como toques físicos, reais e intensos, como uma onda se formando e quebrando na praia de seu corpo; o medo que ele sentia invadia sua psique como um milhão de agulhas. A idéia de outro homem tocando seu corpo o dilacerava por dentro, física e espiritualmente, marcando sua alma como uma tatuagem de veneno e crueldade. Em uma fração de segundo ela se arrependeu do jogo. Nunca tivera a intenção de magoá-lo. Tudo que desejara havia sido fornecer uma motivação para ele superar os conflitos.

Jacob sabia que não havia justificativa para o que sentia, especialmente se considerasse as regras que tentava impor ao relacionamento que ainda nem existia de fato. Porém, sentia uma necessidade brutal de apoderar-se de Isabella. Mataria sem nenhuma hesitação aquele que tentasse toca-la. Nesse momento ele jurou para si mesmo que nunca a deixaria partir, e com o olhar, transmitiu a ela esse mesmo juramento.

- Nunca! - exclamou. - Esta me ouvindo, Isabella? Nunca outro homem poderá tocá-la!

- Então... Isso me deixa duas alternativas. - Ela lembrou ofegante, afetada pelos sentimentos que a atingiam como rajadas de vento. - Você, ou ninguém. Isabella respirou fundo, forçando-se a banir da mente a influência exercida por Jacob e suas emoções. - Francamente, Jacob ela prosseguiu com voz suave, acho que seria uma pena perder a oportunidade de possuir um corpo como o meu, tão quente, tão ansioso para descobrir a paixão, tão ardente por você e por suas carícias. Seria um crime entregar tudo isso ao desperdício do celibato. Não concorda comigo?

Jacob reconhecia a tentativa de manipulação, mas o reconhecimento não tomava o truque menos efetivo. Estava excitado, e o desejo era como um vulcão ameaçando entrar em erupção, fazendo ferver seu sangue e pondo em risco o precário equilíbrio ditado pela razão.

- Está fazendo isso de propósito. Quer me tentar, mas não sabe que está brincando com fogo. Por que me atormenta?

- Talvez por ser esse meu destino, Jacob. Sou sua loucura. Ou você é a minha. Não sei. Tudo que sei é que quero estar com você mais do que tudo que jamais desejei antes.

Jacob estava arfante, ardendo por ela, mas ainda lutava para se manter controlado, pois temia a alternativa.

- Isabella, eu já disse que esse também é o meu maior desejo, mas estou preocupado! Lembra-se de como foi quando nos beijamos pela primeira vez? Um segundo, e eu estava descontrolado, tomado inteiramente pelo instinto, pelo animal que há em mim; o homem civilizado desapareceu sem tentar lutar. Se Elijah não houvesse interrompido, eu teria sido brutal com seu corpo, com sua inocência. Não é isso que você quer, e não é isso que eu quero para você. Sei que merece mais.

- Mais? Como naquela segunda vez, na biblioteca? Naquela ocasião o animal não assumiu o controle, Jacob, mas o que me fez sentir com suas mãos e com sua boca... E o que me fez sentir quando me deixou... Agiu como um amante terno, preocupado e cheio de consideração. Foi atencioso, me fez sentir desejada... Quero repetir aquela experiência. Quero viver o que vejo refletido em seus olhos cada vez que olha para mim. Quero sentir plenamente o que transborda do seu coração quando estamos juntos. Oh, Jacob, por favor! Não resista!

Jacob a beijou. Era inútil resistir.

- Eu teria medo, se houvesse razão para isso, Jacob.

Dessa vez Jacob notou que a voz dela soava clara em sua mente. O elo entre eles se fortalecia a cada toque.

- Estou em sua mente, Defensor. Eu saberia se houvesse algo a temer.

Jacob olhou aqueles profundos olhos cor de violeta, vendo neles a confiança como uma luz quente. Era a primeira vez que alguém o chamava de Defensor e fazia o termo soar como um tratamento afetuoso, amistoso. Ele sentiu o coração apertado dentro do peito, a garganta fechada pela tensão emocional. Até aquele momento, não havia percebido o quanto queria que alguém o tratasse com carinho e afeto, e estava se referindo a alguém alheio ao círculo de irmãos e amigos respeitáveis como Noah, por exemplo.

O sentimento era profundo. Não podia ter esperanças de escondê-lo de Isabella, e sabia que o que via nos olhos dela era compaixão por sua solidão, por todo o abuso e a animosidade que já havia enfrentado dos próprios membros de sua raça, criaturas que precisavam dele. A bondade de Isabella era um dom, um presente da vida, algo que ele não podia destruir. Ela era generosa e confiante, sempre doando sem pensar em quanto isso poderia custar a ela mesma. Era um raio de sol no qual ele poderia se aquecer sem sofrer as conseqüências. Seria cuidadoso com Isabella, ou morreria tentando.

Foi nesse momento que ele percebeu como seria fácil perder o coração para essa fêmea humana.

Talvez isso já houvesse ocorrido.

Jacob guardou esse pensamento, tentando evitar que Isabella o lesse, sentindo que ela já estava sob pressão excessiva sem ter de partilhar também de seus temores e de suas dúvidas. Se tivesse de ser dele, e o Destino sabia que esse era seu maior desejo, não seria por caridade, por preocupação com seu povo ou pela pressão dos sentimentos que já nutria por ela. Isabella faria sua escolha por vontade própria, sem pressão ou sobrecarga.

Isabella o viu compenetrado em pensamentos densos, pesados, mas ele os mantinha protegidos, isolados dela. Sim, sabia que não devia estar bisbilhotando em sua cabeça depois do discurso que fizera sobre a importância da privacidade, mas habituara-se a partilhar sentimentos e impressões com Jacob. Isso os conectava, e ela se sentia segura com essa conexão firmemente estabelecida. Olhou para a própria mão, para os dedos que brincavam distraídos com os botões da camisa dele, tentando tocar a pele morena e tentadora. Começou a abrir a camisa botão a botão, concentrando-se na textura macia da pele e em como podia sentir o calor que dela emanava. Jacob suspirou. Havia nos olhos dele aquele brilho que ela aprendera a reconhecer e apreciar como uma jóia preciosa.

- Um toque, Isabella, e você me vira do avesso. Consegue sentir?

Conseguia. Ela sorriu, fechou os olhos e deixou a consciência se misturar a dele. Era delicioso sentir o calor de seu corpo, o pulsar do sangue em suas veias, a ereção que, para ele, chegava a ser desconfortável.

A experiência era fascinante. Não podia conter-se. No momento em que retomou a própria mente e ao corpo que ardia em chamas incontroláveis, ela

deslizou as mãos pelo peito largo e forte, tocando-o com uma intimidade que era ao mesmo tempo uma provocação e uma súplica desesperada.

- Vai me levar a loucura - Jacob declarou com tom rouco.

- Deve ser minha inexperiência, porque não estou me esforçando para isso - ela comentou sorrindo, tocando a evidencia física de seu desejo.

Ele gemeu. Isabella se sentia poderosa e excitada. Ousada, voltou a brincar com os botões da camisa para terminar de abri-la, deslizando as mãos pelo peito largo e pelas costas, sentindo nas mãos os tremores que o sacudiam.

- Tem certeza de que é isso mesmo que quer, minha flor? Porque, quando eu começar... não poderei mais me conter. Tem certeza?

- Jacob, eu quero você. Nunca tive tanta certeza de outra coisa em toda a minha vida. Entre em minha mente, e saberá que estou dizendo a verdade.

Ele aceitou o convite e encontrou uma certeza inabalável. E isso era tudo que ele precisava saber para, finalmente, se entregar de corpo e alma ao que o destino havia preparado para ele. Sem medo ou hesitação, beijou-a e, erguendo-a nos braços, levou-a para a cama.

Isabella espreguiçou-se sensualmente, o sorriso provocante refletindo a inegável satisfação por deter aquele poder sobre ele. O sangue de Jacob ardeu em suas veias quando ele compreendeu o que acontecia. Os dedos buscaram os últimos botões da blusa que ela usava para então sua boca deslizar pela pele nua. Isabella soltou um lânguido gemido de prazer, arqueando o corpo em direção aos lábios habilidosos de Jacob que agora beijava-lhe os mamilos mesmo através da renda do sutiã. Então com os dentes, ele venceu a barreira e sugou. O prazer invadiu seu corpo inteiro, vindo daquele pequeno ponto em que ele se concentrava agora. Finalmente o sutiã foi aberto expondo os lindos mamilos, prontos para serem beijados. Ao mesmo tempo, as mãos ávidas deslizavam com frenesi pelas coxas de Isabella.

A blusa e o sutiã foram jogados de lado e Isabella se viu nua da cintura para cima, as mãos enterradas nos cabelos de Jacob enquanto ele sugava seus seios sem deter os dedos que quase a levavam a loucura pela combinação das carícias.

Jacob sentiu o calor que brotava das pernas de Isabella ao deslizar a ponta do dedo nas costuras do jeans. Largou os seios e buscou os lábios, sugando o interior daquela boca encantadora, usando a língua com tal maestria que ele

próprio sentiu-se enlouquecer de prazer enquanto os gemidos delirantes de Isabella enchiam seus ouvidos...

Então ela se pôs a despi-lo, desesperada para seus corpos se tocarem. Jacob satisfez as exigências geradas pela selvageria dos pensamentos desgovernados de Isabella, ao mesmo tempo em que trilhava com os dedos o caminho da costura interior do jeans. Ela não mais tinha consciência dos próprios movimentos frenéticos nessa busca pela satisfação dos instintos primitivos. O cheiro do corpo feminino penetrou em cada poro de seu corpo, e Jacob gemeu, colhendo mais e mais calor vindo da pele de Isabella. Com a palma da mão, ele pressionou a maciez entre as pernas bem torneadas e sentiu que ela estava úmida.

Jacob se viu erguendo-se, tirando a camisa, rugindo, suas reações semelhantes as de uma fera, mas Isabella não parecia absolutamente se intimidar com isso. Ao contrario, erguia os quadris para que ele despisse seu jeans e calcinha, desabotoando ela própria o cinto das calças que ele usava. Quando Jacob estava completamente nu, subiu na cama, as mãos separando as pernas de Isabella com a intenção direta de deitar-se entre elas.

Ela gemeu, seus olhos se encontraram, e levou apenas um segundo para que ela sorrisse levemente.

- Você é adorável - ele murmurou, rindo enquanto tocava com os lábios o ponto sensível que encontrara no pescoço de Isabella. Isso a distraiu enquanto Jacob lhe pegava a mão e a fazia tocar em seu membro.

- E agora, você pode me mandar embora... ou não.

A curiosidade foi mais forte do que qualquer indecisão e Isabella quis sentir completamente o ponto mais alto da excitação de Jacob, agora em suas mãos. A primeira coisa que notou foram suas sensações desencontradas diante da rigidez do membro e ao mesmo tempo de sua maciez.

Jacob gemeu de prazer.

- Sinta Isabella. Sinta como estou em brasas.

Ela obedeceu ao comando. Podia sentir o prazer quase que doloroso que provocava nele, podia sentir os impulsos do corpo másculo a cada pressão de seus dedos no membro ereto. O desejo gerado pela sua natureza selvagem

explodiu na mente e no espírito de Jacob. Ela sentiu essa explosão repercutir em sua própria mente, levando-a a exigências ferozes.

Seus olhares se encontraram e neles se refletia a urgência selvagem de se satisfazerem sexualmente.

Jacob abaixou a cabeça em busca dos seios fartos, mordiscando-os. Em seguida, seus dentes se detiveram na curva do pescoço de Isabella, cravando-os na pele macia.

Isabella gritou de prazer, sua anatomia feminina pedindo para receber o gigantesco membro de Jacob. A mordida intensificara ainda mais os desejos de ambos.

Jacob deu boas-vindas ao êxtase esperado para os próximos instantes. Não podia agüentar nem mais um minuto. Agarrou os quadris de Isabella e a penetrou com violência.

Ela gritou o nome de Jacob com selvageria e seu corpo procurou incentivá-lo a entrar mais fundo. O movimento dos corpos ganhou um ritmo de desespero, levando Isabella a um prazer incomensurável.

- Jacob... Quero você dentro de mim. Por favor...

Isto foi como se uma lâmina cortasse em pedaços o controle que ele ainda mantinha. Ela o recebia tão quente e úmida, a. Justava-se a ele tão perfeitamente que este encontro carnal se tomava a mais notável experiência de sua existência.

Isabella não entendia como não estava ferida com a intensidade tão prazerosamente compartilhada. Doia-lhe aqui e ali, mas o chamado do prazer era alto demais. Jacob a amava e ela não era paciente o suficiente para esperá-lo comandar tudo sozinho. Assim participou do ato ativamente, fazendo com que a reação de Jacob explodisse.

O quarto tremeu, a Terra refletiu o descontrole de Jacob, os vidros das Janelas se racharam. Quando seu membro entrou mais uma vez na intimidade do corpo de Isabella, a cama vibrou debaixo deles. Jacob não duvidava que as fundações do prédio estivessem sendo afetadas.

- Jacob... não pare... por favor... não pare.

Jacob grunhiu suavemente, agora se movendo mais devagar, entrando em um ritmo mais suave. A paixão os levava além do contato físico. Ele nem pensava

em controlar a vibração do mundo que os rodeava. Sentiu vontade de marcar com seus dentes e unhas a criatura que ele possuía naquele momento.

- Jacob - Isabella sussurrou, encorajando-o. - ...Oh, sim... Ele sorriu de prazer ao ouvi-la dizer o seu nome em meio aos gemidos.

Ainda não é o suficiente, minha florzinha.

Ela não teve tempo de perguntar o que faltava. Por um momento, temeu perder os sentidos.

Preciso sentir a sua boca, minha flor, enquanto estou dentro de você. Preciso me perder em seus olhos e ver o prazer que está sentindo.

Então a beijou devorando a maciez que ela lhe oferecia enquanto movia o corpo.

- Isabella - ele murmurou, sentindo que ela correspondia com o mesmo ardor que ele. Tudo a sua volta pareceu se mover. Ela era perfeita. Nunca tinha conhecido tal perfeição, nunca, em todos os seus séculos de vida chegara aquele êxtase, aquela mistura de corpo, mente e alma. E era o suficiente para ele praguejar por ter esperado tanto para estar com Isabella, mesmo que a conhecesse apenas por alguns dias.

O cheiro do corpo, a textura da pele, os pensamentos de Isabella, todos o penetraram e o completaram no mesmo momento em que a possuía. Jacob soube naquele segundo, enquanto a cavalgava, que estava cumprindo o seu destino. Entrou na mente de Isabella. Era incrível como podia sentir o êxtase final sob a perspectiva dela. Ele comandou o ritmo já que agora sabia a melhor forma de deliciá-la.

Os movimentos ganharam intensidade enquanto Isabella agarrava nos ombros do amante com violência. E o clímax veio como uma liberação fantástica.

- Isabella! - Jacob tinha de pronunciar o nome dela enquanto chegavam ao êxtase. Ejaculou com espasmos de prazer, espasmos tão intensos que teve certeza na hora que acabou, que Isabella conhecia agora cada um dos sonhos secretos, cada uma de suas necessidades e esperanças.

Isabella abriu os olhos e sentiu frio. Olhava para a escuridão. A única luz vinha da lua encoberta lá fora, e era insuficiente para iluminar o quarto. Jacob estava deitado ao seu lado, um braço em torno de sua cintura, uma perna sobre a dela, o rosto enterrado em seu pescoço. Teria sido adorável despertar dessa maneira, se não pressentisse algo de estranho. Ela estremeceu, e não só por causa do frio.

Havia um sentimento sinistro, um presságio sombrio... Sabia que não queria estar deitada e nua nesse momento. E também não queria que Jacob estivesse dormindo. Agindo em resposta ao instinto, ela o cutucou arrancando-o de um sono profundo. Não havia tempo para gentilezas.

- Mas o que... ?

Isabella se levantou. Seus movimentos rápidos e silenciosos o colocaram em estado de alerta. Ele também se levantou e, apelando para o instinto, abaixou-se no chão. Ainda vestia a calça quando Isabella aproximou-se da janela e saltou sobre o parapeito.

- Espere por mim, ele ordenou.

- Está sentindo?

- Não. Diga-me o que você está sentindo.

- Não sei. É sombrio, escuro... mau.

Isabella levou um dedo a ponta da língua e tentou examiná-lo no escuro. Jacob sabia o que ela estava fazendo. Queria identificar de onde vinha o gosto de sangue em sua boca. Mas o sangue não era dela.

É uma ilusão. Lembre-se disso. Sua empatia é real em outro indivíduo, não em você. Jacob estava atrás dela, olhando por cima de seu ombro, tentando entender o que a perturbava tanto.

De repente, Isabella se virou com uma exclamação sufocada.

Tarde demais.

O intruso no quarto arremessou alguma coisa na escuridão, um objeto que encontrou a cabeça de Jacob e o jogou contra a cômoda ao lado da cama. Isabella gritou, saltando do parapeito sobre a fonte de malevolência que derrubara Jacob. Suas mãos socavam o peito do intruso, agarravam punhados de tecido e o puxavam em sua direção. Um joelho fez contato com o ventre vulnerável. O punho cerrado encontrou o nariz do atacante.

O invasor cambaleou, mas não muito. A recuperação foi rápida, considerando a força dos golpes. Ele acertou Isabella com a mão aberta no rosto, jogando-a para um lado. Isabella se surpreendeu, mas sabia que não estava ferida. Não como deveria estar. Ele a atacou novamente, mas o golpe foi bloqueado por um

antebraço; um soco, e ela se desviou, atingindo a porção mais frágil do pescoço do intruso com a lateral da mão.

O grito de dor foi masculino e breve. Ele a agarrou pelo cabelo, puxando com tanta força que Isabella descreveu um ângulo de cento e oitenta graus. Estava caindo. De repente, uma luz azul e sinistra invadiu o quarto, revelando a mão que se aproximava de seu pescoço.

- Demônio vadia! - ele exclamou rouco, resultado do último golpe sofrido.

O raio azul de magia que emanava dos dedos dele a envolvia causando grande dor, provocando convulsões que sacudiam todo o seu corpo, causando uma descarga elétrica que punha seus cabelos em pé.

- O nome dele! Quero saber o nome dele! - o intruso a sufocava com um braço, enquanto a outra mão enviava novos raios de magia. Isabella sofreu mais uma convulsão antes de o invasor interromper o raio e deixá-la sem forças. - o nome, ou vai morrer.

- Nunca! - ela respondeu, mesmo sem saber por que devia proteger o nome de Jacob desse monstro. Tudo que sabia era que, se não escapasse logo, desmaiaria por falta de oxigênio.

O intruso tirou uma faca da manga e a pressionou contra o pescoço de Isabella.

- Está sentindo, meretriz de demônio? É ferro. Tem todos os encantamentos necessários para separar sua cabeça do pescoço.

Isabella finalmente compreendeu que ele pensava estar lidando com um Demônio. Reconhecendo uma vantagem no erro do atacante, ela gritou como se sentisse dor.

- Isso mesmo, sofra! Dói, não é? Quero o nome dele, ou vou matar você! E depois matarei seu amante. Veja!

Ele a virou para que pudesse ver Jacob caído no chão.

Com sua magia, o atacante iluminou o quarto para que ela pudesse ver o sangue que formava uma poça sob o corpo imóvel. O imenso vazio de seus pensamentos a aterrorizava mais do que a visão do sangue e do corpo imóvel.

- Aposto que está pensando em como o tirei de combate com tanta facilidade. Vai descobrir, se não falar de uma vez o nome dele!

- O nome...

- Sim, sim, o nome. Fale!

- Bond. James Bond.

Isabella jogou a cabeça para trás, acertando o nariz do invasor. Rápida, agarrou a mão que empunhava a faca e a mordeu com toda a força que tinha, até ouvir a lâmina caindo no chão. Em seguida, ela se virou e cravou um joelho nos testículos do agressor, o que, finalmente, o derrubou com um grito agudo. O invasor ficou se contorcendo e agarrando a parte ofendida.

- Depois dessa vai ter de mudar de sexo, seu filho de uma... - Sem concluir a ofensa, ela chutou a cabeça do agressor, enviando-o para o mundo das sombras. Chutando-o mais uma vez na região entre as pernas, ela teve certeza de que o sujeito perdera a consciência.

Isabella correu para Jacob, tentando identificar o ferimento de onde jorrava o sangue. Ele devia ter mordido a língua ao cair. Ao virá-lo, ela viu o profundo corte em seu ombro e outro ferimento na parte de trás da cabeça. Estavam alinhados, sinal de que o instrumento que o atingira era longo, além de pesado e pontiagudo. Provavelmente outra arma amaldiçoada. E provavelmente de ferro.

Isabella sentiu o medo se alojando em seu peito. Lembrou-se de ter lido que o ferro nas mãos de um nigromante podia matar um Demônio.

- Oh, por favor - ela soluçou. - Legna, me escute... Legna! Sua mente gritou o nome do Demônio que tinha o dom da empatia. Legna, ajude-me!

Isabella soluçava quando Noah e Legna se materializaram no meio do quarto. O primeiro ato de Noah foi jogar para o alto uma bola de fogo, deixando-a suspensa bem perto do teto para iluminar a cena. Legna correu para perto de Isabella. Noah percebeu imediatamente o amigo caído no chão. O cheiro do nigromante o atingiu.

- Legna, chame Elijah! - ele ordenou. - E Gideon. Legna olhou para o irmão sem esconder o choque.

- Deve haver outro médico, Noah. Gideon despreza Jacob.

- Há outros, mas nenhum mais velho, mais sábio ou mais habilidoso do que Gideon. Chame-o.

Legna afastou-se um pouco do centro da cena para concentrar-se na tarefa. Noah ajoelhou-se ao lado de Isabella, que pressionava as mãos sobre os ferimentos de Jacob numa tentativa desesperada de conter o fluxo de sangue.

- Como isso aconteceu?

- Não sei - ela soluçou. - Ele nem sentiu o nigromante. Eu senti, mas ele não. Não entendo. Jacob pode antever tudo!

- Essa é uma de muitas perguntas, Isabella. No momento, vamos nos concentrar em chamar um médico e capturar o monstro.

- Ele queria saber o nome de Jacob. Por quê? Para que precisava de um nome?

- Eu explicarei mais tarde.

Uma brisa invadiu o quarto. Segundos depois, o rodamoinho ganhava a forma sólida de Elijah. O guerreiro olhou para o rei com ar intrigado.

- Elijah, leve o nigromante para longe daqui. Depressa.

Elijah assentiu e, com um movimento da mão, desapareceu com o nigromante num rodamoinho de poeira. Ele mal havia desaparecido, e outro ser explodiu no quarto naquela mesma nuvem de fumaça e enxofre que Legna provocava ao se transportar.

Isabella via o homem de cabelos longos e prateados pela primeira vez. O corpo era forte, e o rosto sugeria uma idade em torno dos quarenta anos. Esse devia ser Gideon, e se ele aparentava quatro décadas de vida, devia ser bem mais velho que todos os outros ali. A serenidade com que ele estudava o caos falava de experiência, confiança. E eram olhos prateados, como os cabelos. Do Demônio emanava um poder incontestável.

- Uma humana... - ele comentou. - De Nova York, Gideon acrescentou, os olhos examinando o corpo inerte de Jacob. - Ele foi atingido por uma lâmina de ferro. Uma lâmina enfeitiçada. Enquanto o encantamento não for removido, o ferimento vai continuar aberto e sangrando. Seu esforço para conter a hemorragia com as mãos é inútil.

- Noah - Isabella murmurou furiosa -, diga a esse canalha que se ele não curar Jacob imediatamente, vou chutar seu traseiro arrogante e poderoso até o outro lado do continente.

Uma sobrancelha se ergueu numa reação curiosa.

- Ela é bem irreverente para uma druidisa – Gideon opinou.

Noah olhou para o médico com ar chocado.

- Sabe que ela é uma druidisa? Como pode saber?

- Com facilidade, eu garanto. Ele foi se ajoelhar ao lado do Defensor. – É melhor que ele não esteja consciente. Duvido que fique satisfeito em saber que eu o curei.

- Ele não tem nenhum ressentimento contra você, Gideon o Rei declarou com firmeza. – Pelo contrário. Seu auto-exílio o tem atormentado muito.

Gideon não respondeu. Ele tocou o rosto de Jacob com leveza, quase com afeto. Os olhos se fecharam e ele inspirou profundamente, soltando o ar em seguida.

- Ele precisa de sangue. Noah, venha.

Noah ajoelhou-se ao lado do médico sem um instante de hesitação. Ele estendeu o braço, e Gideon o segurou logo acima do pulso com uma das mãos, a outra tocando uma área semelhante no braço esquerdo de Jacob. De repente o rosto de Jacob recuperava a cor. O de Noah ficava um pouco mais pálido. Isabella sabia estar testemunhando algum tipo de transfusão, um processo sem agulhas e sem nenhuma ameaça de contaminação. Era incrível! Tanto quanto a gratidão que ela experimentou ao ver Jacob se mover.

- A cicatriz ficará para sempre. Isso não pode ser apagado, Gideon confessou com pesar.

- Não tem importância, sussurrou Isabela, afagando com ternura o rosto de Jacob. Ele gemeu, o que a fez se abaixar para beijá-lo nos lábios. – Jacob, Jacob... murmurava, beijando-o repetidas vezes.

Gideon olhou para Noah sem verbalizar a incrível ironia da situação. O Defensor era tocado e beijado por uma fêmea humana, e com evidente intimidade e carinho.

- Ele não vai acordar agora. Precisa descansar. O médico moveu a mão sobre o corpo de Jacob, sem tocá-lo e o Defensor relaxou e adormeceu. – Sugiro que o leve para um lugar seguro. Se um nigromante o encontrou aqui, outros também poderão encontrá-lo.

- Vou leva-lo para minha casa, Noah decidiu.

- Outro? Quer dizer que há mais de um? Isabela assustou-se. – Pensei que houvesse só um nigromante.

- Nunca é só um. Mas você... você é uma curiosidade única. Um híbrido de humana e Druida. O nigromante tentou eletrocuta-la, mas você sobreviveu. E cicatriza depressa. Seu sangue é muito peculiar e... . Gideon parou de falar. Devagar ele se aproximou e tocou-a na testa, o rosto revelando grande surpresa. Você não é mortal.

- O quê?

- Gideon... – Noah o preveniu.

Gideon olhou para o Rei.

- Você sabia!

- Ele o quê? - Isabela exclamou. – Ele não sabia de nada. Isso tudo é loucura. Sou humana e, portanto, mortal. Você é maluco?

- Isso é impossível, Gideon disse com simplicidade.

- Noah, será que pode nos tirar daqui? Isabela pediu impaciente. Quero Jacob seguro. Depressa.

- É claro. Teremos tempo para conversar quando Jacob estiver mais forte.

Dito isso, Noah tocou Jacob e Isabela, e os três desapareceram numa coluna de fumaça que logo sumiu da sala.

Capítulo IV

Jacob acordou com a sensação de ser tocado levemente na barriga. Era um toque delicado, sem pressa, e ele sorriu ao reconhecer o perfume de Isabella.

- Jacob...

Ele ouviu o soluço que ela tentava sufocar com a mão sobre a boca. As lágrimas pingavam sobre sua face confirmando a impressão.

- Porque está chorando minha flor?

Ele abriu os olhos e viu os hematomas em seu rosto. Tudo voltou de repente. Jacob sentou-se na cama, olhando em volta e tentando puxá-la para trás do corpo. Reconhecia aquele quarto. Estava na casa de Noah.

- Você está bem?

Isabella assentiu e expôs o pescoço marcado. Agora havia apenas um sinal avermelhado onde a lâmina deixara um rastro de seis centímetros, aproximadamente, mas o efeito era o mesmo.

Jacob a abraçou, ameaçando esmagá-la contra o peito. A respiração ofegante por medo e ultraje. Alguém ousara ferir sua Isabella! Pior, bem embaixo do seu nariz. E, por uma questão de lógica, supunha que ela o salvara da ameaça sombria. Outra vez.

- Isabella, estamos bem. Nada nos ameaça aqui. O bastardo feiticeiro nunca vai ter uma chance contra minha adorável Defensora, não é?

- Pensei que ele o mataria. Havia tanto sangue! Em mim, no quarto, em você...

- Acabou – ele disse, revendo todo o incidente pelas memórias de Isabella. – você foi corajosa, e estamos vivos por isso. Foi mais forte do que eu.

- Não, Jacob! O bastardo o atacou pelas costas! Não foi sua culpa.

- Eu devia ter sentido alguma coisa. O cheiro, o movimento, qualquer coisa. Quando penso no que poderia ter acontecido com você... .

- Chega! Mesmo sendo um Defensor, você não é infalível. Um dia ruim, um sujeito mais determinado... Acontece, Jacob.

- Isso não é desculpa.

- Quem precisa de desculpas? É assim e pronto! Se não estivesse comigo naquele galpão, eu não estaria viva agora.

- Se eu não houvesse feito você ir até lá? É isso que você quer dizer?

- Escute, Jacob. Estou farta disso. Não quero mais ouvir você se depreciando, e também não vou permitir que os outros o depreciem. Você executa as leis, pune os que as desrespeitam e destrói criminosos que devem ser destruídos. Às vezes você vence, às vezes precisa de ajuda, e às vezes... . oh, estou muito feliz por ter estado lá para impedir essa parte do “às vezes você perde”, porque não sei o que faria se... se...

- Eu estou aqui. Vivo e inteiro.

- Eu sei. E quero que saiba que, se vou mesmo me tornar um desses Demônios, algumas coisas vão ter de mudar por aqui. Estou farta de como seu povo o trata, e estou cheia de ser chamada de “a humana” no mesmo tom que algumas pessoas dizem “o sarampo”. Seu povo é composto por um punhado de esnobes preconceituosos e estagnados, e eles precisam de algumas boas lições de educação.

- Entendo, ele respondeu com tom debochado.

- O que é que você entende?- ela disparou, cruzando os braços sobre o peito.

- Entendo quando dizem que você é linda quando fica zangada.

- Ah, isso...

- E isso.

Ele a beijou. Isabella suspirou e correspondeu, relaxando imediatamente. Sua confiança nele era implícita, evidente.

- Sabe de uma coisa?

- O que, minha flor?

-Acho que estou começando a gostar de ter você aqui, dentro da minha cabeça.

- Só dentro da cabeça?

- Jacob! Não estamos na sua casa!

Ele se abaixou para beijar um de seus seios.

- Jacob... e Noah?

- Ele vai encontrar alguém. Recuso-me a dividir... – Jacob a virou com um movimento ágil e repentino, deitando-a de costas na cama. – Um corpo tão pequenino e tão perfeito! Suave e cheio de curvas, succulento e saboroso...

Ele a beijou no pescoço, no ventre, nas coxas...

- Você nunca usa saia?

- Bem, desculpe, mas não tenho tempo de ir em casa buscar meu guarda-roupa. Tenho sorte por Legna ter me emprestado algumas peças, ou não estaria tão feliz com a minha companhia. Agora, para de me atormentar e volte ao beijo... .

Jacob riu.

- Está me dando ordens desde que nos conhecemos!
- Bem se houvesse me escutado, eu não teria sido obrigada a dar ordens.
- Vou mostrar que posso tomar algumas decisões sozinho.

Jacob voltou a acariciá-la e a beijá-la, preparando-a para o momento da posse.

Isabella estava na mente de Jacob, por isso sabia como seu gosto e o seu cheiro aguçavam as necessidades que nele habitavam. As novas sensações iam ganhando força em seu corpo. Esse prazer... era parecido com o que já havia conhecido, mas diferente. A euforia dentro dela era como um felino preparando o bote. Metade de seu ser queria gritar e exigir que ele parasse, mas a outra metade pedia mais e mais.

Sentia-se mais selvagem sob aquelas mãos. Contorcia-se, emitindo sons primitivos como a excitação que a dominava. Jacob invadia sua mente, adicionando o mental ao físico, despejando imagens eróticas das lembranças do primeiro encontro, da primeira vez, de como havia sido senti-la e encontrar satisfação em seu corpo, uma experiência que nenhuma outra poderia rivalizar.

Isabella ardia. Arqueando as costas, ela sofreu um longo e inconcebível espasmo. O grito anunciou a explosão que fez para o tempo naquele instante mágico. Ela ainda vivia o clímax quando Jacob a seguiu.

Os dois ficaram caídos sobre a cama, entorpecidos e arfantes, juntos.

Jacob mantinha o rosto aninhado na curva do pescoço de Isabella, que se tornara um segundo lar para ele. Ali compreendia o que significava ser completo. Queria rir, gritar e chorar. A mistura de impulsos era tão variada que ele riu, embora ofegante. Mas depois de um minuto ou dois, o riso tornou-se mais fácil e forte, até se transformar em poderosas gargalhadas.

O chão tremeu sob as botas de Elijah. Era o único aviso da chegada de Jacob. Ele olhou para o nigromante acorrentado à parede com os braços em cruz e sorriu.

- Oh-oh, disse ao sentir o segundo tremor.

Um pedaço do teto caiu sobre a cabeça do nigromante. Elijah sentou-se e sorrindo, pôs os pés sobre a mesa diante dele, cruzando as pernas na altura dos tornozelos e balançando a cadeira para trás.

Elijah sentiu uma profunda admiração por Jacob pela entrada dramática. O piso sujo da masmorra explodiu como um vulcão, trazendo à tona um furioso

Demônio. Depois, cada partícula da terra voltou ao seu lugar e o chão se fechou como se nada houvesse acontecido.

Jacob flutuava a pouco mais de meio metro do solo, os olhos ameaçadores e sombrios, o poder de sua presença alterando a pressão atmosférica na masmorra. O olhar que lançou para Elijah indicava que ele já havia notado alguma coisa.

Elijah adivinhou o pensamento do Defensor: esse não era o mesmo nigromante que Jacob vira no galpão.

Mas nem por isso estava menos encrencado.

- Essa é a criatura que ousou pôr as mãos em minha parceira?
- Sim, é ele mesmo. Ainda não o castiguei, porque sabia que você tem o direito de cuidar dele.
- Encontrou a arma com que ele me atingiu?
- Ainda não.
- Nem vai encontrar – disse o feiticeiro.
- Não importa. Jacob riu. Você não vai ter outra oportunidade de usá-la.
- Palavras corajosas, considerando que é um covarde que teme me enfrentar de igual para igual.

Jacob aproximou-se e rosnou no rosto do nigromante, exibindo um par de presas raramente vistas.

- Coragem estúpida, considerando que foi um covarde a ponto de usar uma mulher para me atingir. Sabe o que os seres da minha raça fazem com quem ameaça algo que nos é tão precioso?
- Tudo que os monstros podem fazer. Não saberia determinar o quê. Vocês assumem a nossa aparência, mas não enganam mais ninguém. Já vi que aparência têm quando despem o disfarce.

Elijah levantou-se de repente. O movimento brusco e furioso do gigante fez o feiticeiro se encolher, apesar da bravata.

- Gostaria de explicar como obtive essa rara visão? Jacob sugeriu sorrindo.
- Já vi muitas coisas, continuou o feiticeiro. Vampiros queimados pelo sol, um lobisomem explodir perfurado por uma bala de prata, demônios escravizados,

babando dentro de um simples pentagrama riscado no chão... . Esse disfarces humano que todos usam se dissolve rapidamente depois de serem intimados.

- Na verdade, agora que vamos matar você, não tem importância o que sabe. As informações morrerão com você.

- Faça como quiser, mas nunca destruirá todos nós. Nós nos preparamos para algumas prisões e mortes.

- Entendo. Então estamos diante de algum tipo de associação? Jacob sorriu exibindo suas presas. – Tenho seis séculos de vida, nigromante. Vi sua raça ir e vir dezenas de vezes. O Demônio aqui ao meu lado já viu mais maneiras de derrotar um humano que você pode imaginar. E mesmo assim, com toda essa longevidade e todo esse poder, não ameaçamos outras raças, a menos que um indivíduo ou uma sociedade nos dê motivo para isso. Mas gente como você, que tenta perverter nosso poder para uso próprio... E, pelo que disse, não é só a minha raça que persegue e destrói com malícia e sem motivo. E agora, nigromante? Qual de nós é o monstro?

- Quer um motivo? Pense em você mesmo, em como o encontrei! Diz que não destrói, mas e quanto ao terremoto em Dover que me levou até você? Sim, sabemos do que é capaz, e sabemos que alguns desastres naturais não são tão naturais assim. Sempre que há um terremoto, um tsunami, uma tempestade particularmente violenta, uma praga ou um incêndio, sabemos que existe grande possibilidade de um dos seus estar no epicentro. São tão fáceis de rastrear, que nem imaginam! - O feiticeiro gargalhou. Seiscentos anos se passaram! A tecnologia os superou. Não podem mais se esconder. Tem ideia de quantas propriedades danificou com aquele tremor de terra? Quantos foram feridos? Quantas mortes? Esse último foi pequeno, mas e os outros, os terremotos que destroem nações inteiras? Por que faz isso? Para se divertir? Para mostrar poder a sua vadia?

Elijah conteve Jacob. Sabia que a ofensa a Isabella teria sido suficiente para provocar uma agressão.

- Isso é tão tipicamente humano... - Jacob comentou. - Julgar as pessoas só porque são diferentes. Não pára para tentar entendê-las. Considera-as uma ameaça só porque tem um pouco mais de poder ou porque são um pouco mais inteligentes. Ignorância e medo são os ingredientes que despertam os opressores de sua espécie desde o início dos tempos. Dessa vez não vai

conseguir. Não conheço. E eu cuidarei para que não consiga atingir nenhuma outra raça do mundo noturno. De hoje em diante, gente como você não terá mais segurança. Acha que é fácil nos rastrear? Sabe que seu cheiro pode ser sentido por muitas milhas? Nós podemos sentir seu cheiro, nigromante. Isso os torna vulneráveis, porque é algo que não podem disfarçar ou esconder. Quantas vezes pegou um de nós com sua fabulosa tecnologia? Uma? Duas? Porque, acidentalmente, um de nós cometeu o raro engano de perder o foco, ou porque um dos nossos, ainda muito jovem, não aprendeu a controlar o poder que a natureza nos dá?

- Não é só isso, Demônio. Mais um segundo, e aquela vadia com quem se deita teria gritado seu nome aos quatro ventos, fazendo de você uma presa fácil e eterna para nós, nigromantes.

Dessa vez Elijah não teve tempo de conter Jacob. Ele girou numa nuvem de poeira e materializou-se bem na frente do feiticeiro, segurando-o pelo pescoço e batendo sua cabeça contra a parede.

- Ela não sabe qual é o meu nome, nigromante! Ninguém sabe. Especialmente nossos parceiros, exatamente por essa razão. E juro que vai responder pelo mal que causou a ela. Enquanto eu viver, você vai ficar acorrentado a essa parede pagando pelo que fez! Cada vez que respirar, se respirar, será somente porque eu decidi assim. Lembre-se disso na próxima vez em que pensar em falar da minha mulher.

Jacob soltou o nigromante e desapareceu num funil de poeira, causando um tremor de terra que fez desabar o teto sobre a cabeça do feiticeiro.

Isabella acordou sozinha. Jacob não estava na cama. Ela abriu os olhos, mas teve de protegê-los da luz solar que penetrava no aposento.

- Vejo que já se habituou aos hábitos noturnos - disse uma voz dentro do quarto. Assustada, ela se sentou na cama e olhou na direção da voz, puxando o lençol sobre o corpo nu para proteger-se do olhar penetrante de Gideon.

- O que está fazendo aqui?

- Um Demônio do corpo pode estar onde quiser. E não adianta tentar sentir minha presença, porque estou longe demais para isso.

- Longe? Você está bem aqui! Sentado na cadeira, dentro do quarto...

- Isso é uma projeção astral. É assim que nós, da espécie do corpo viajamos. Separamos alma e corpo e podemos estar em dois lugares ao mesmo tempo. E mesmo nesse estado, posso tocar, cheirar e sentir qualquer outro corpo físico.

- Isso não explica o que esta fazendo aqui.

- Precisava encontrá-la. Sei que Noah e os outros logo vão me pedir que a examine.

- E tinha de ser agora, na privacidade do meu quarto, enquanto eu dormia? Não estou vestida para receber visitantes. Além do mais sua ousadia não vai contribuir muito para reaproximá-lo de Jacob.

- Ele disse alguma coisa sobre nosso... estranhamento?

- Não. Você disse.

- Eu?

- Quando ele foi atacado. Disse que ele não gostaria de saber que você o curou. A propósito, ele não disse nada nem quando soube disso.

- Não?

- Não. Eu diria que Jacob aceitou os fatos com bastante facilidade e serenidade.

- Entendo

Gideon já começara seu exame. Ela era pequena demais para uma druidisa, mas podia ver a marca clara como o dia; e via também a marca de Jacob nela. Sentia o poder que crescia a cada instante. Em poucas horas, ela se transformara, tomara-se mais forte em aspectos que já conhecia e em outros que ainda descobriria.

Jacob e a druidisa haviam se unido. O defensor quebrara justamente o tabu que jurara proteger. O mesmo tabu que o levava a enfrentá-lo oito anos atrás. Gideon sabia que, naquela ocasião, Jacob tinha o direito e o dever de enfrentá-lo e contê-lo, mas nem por isso seu orgulho ficara menos ferido. Não desejava o mal do Defensor, mas detestara a descoberta por ele promovida. O medo.

Havia sido humilhante descobrir que nenhum poder, nem mesmo o de um ancião com um milênio de conhecimento, experiência e sabedoria, podia impedi-lo de cair vítima dos mais primitivos comportamentos. Julgava-se acima de tudo isso. Agora tinha medo de si mesmo. O isolamento tinha por objetivo proteger outros seres. De qualquer maneira, era reconfortante saber que Jacob

não guardava ressentimentos. O que o perturbava era constatar que a pequena fêmea híbrida compreendia que ele precisava saber disso.

- Vim para falar sobre sua existência - ele anunciou com tom seco. - Peço desculpas se pareço rude, mas minha cultura é diferente da sua. Valorizamos a privacidade, mas sabemos que às vezes temos de desrespeitá-la para dar atenção a questões mais importantes. Seguimos convenções diferentes aqui. Nascemos com meios para estabelecer comunicação ou para viajar sem usar a tecnologia dos humanos. E você, pelo que tenho notado, é um sinal. Uma nova fraqueza.

- Como assim?

- Sempre aprendemos que a união entre um Demônio e um humano teria repercussões.

- Isso é fabula. Descobri uma profecia...

- Sim, já sei, mas não é fabula. Não totalmente. Há sempre uma dose de verdade em todas as histórias.

- Então... o que há de tão terrível nessa união? Jacob será prejudicado? Eu vou morrer?

- Você é imortal.

- Eu sou... o quê?

- Druidas são imortais. E você é meio druida. Portanto, é imortal.

- E como sabe disso?

- Os imortais têm um código genético específico. Posso ver esse código em você. E sei também que o despertar do DNA adormecido é a causa das mudanças que está experimentando.

- Ah... E por que o DNA despertou agora?

- Por causa do seu contato com Jacob. O despertar se deu no momento do primeiro contato físico.

- Como?

A voz masculina chamou a atenção dos dois para a janela, onde um funil de poeira ganhava a forma física de Jacob. O Defensor aproximou-se da cama,

sentou-se ao lado da cabeça dela e a tomou nos braços, como se quisesse protegê-la. Os olhos permaneciam fixos em Gideon.

O médico decidiu que a melhor coisa a fazer seria responder, dar continuidade a conversa com naturalidade.

- Quer saber como despertou as habilidades latentes dela? Sem entrar numa complexa e longa explicação dos detalhes, há um código inscrito no seu DNA que, quando próximo do dela, desencadeia maciças alterações sistemáticas no DNA de Isabella, mudanças que são repetidas no seu DNA, embora em menor escala.

- No meu? Mas eu não sou diferente.

- Não notou novas habilidades?

- Não. Eu teria percebido se algo fosse diferente.

- Jacob, esta esquecendo algo.

- O que, minha flor?

- Você tem uma nova habilidade. E a esta usando agora.

Ela estava certa.

- Isabella acaba de lembrar um poder que é novo para mim.

- Telepatia - Gideon concluiu. - Isso se encaixa não só no que sei, mas na profecia, também. É um dos primeiros sinais.

- E eu tenho uma certa empatia com relação aos inimigos.

- Não, Isabella. o que você tem é premonição. Você não sente o que o inimigo está sentindo, mas antecipa os sentimentos de alguém envolvido em uma situação prestes a ocorrer.

- Então... Ontem a noite eu senti a tensão do nosso encontro com o nigromante segundos antes de tudo acontecer de verdade?

- Sim, é isso.

- E de que adianta pressentir algo que já está para acontecer? Não tenho tempo para impedir o evento!

- Esse intervalo entre premonição e ocorrência do fato vai aumentar. Em breve terá também a compreensão do que está sentindo. Tudo virá com o tempo, com

o treinamento e a experiência. Premonição não é um traço normal para os Druidas, mas notei sua predisposição genética para ela quando fomos apresentados. Druidas tinham... Têm habilidades específicas, como ocorre com todas as raças. Elas estão inscritas em nós, no nosso código, desde sempre, inalteradas, com exceções resguardadas para evolução ou mutação, é claro. Agora, é possível que séculos de cruzamento entre humanos e Druidas, toda essa miscigenação que gerou o que você é hoje e agora, tenha causado algumas mutações inesperadas, uma suposição que é sustentada por sua incomum habilidade de premonição. Como nós, os Druidas tiram forças da natureza. Por exemplo, seus sentidos aguçados, a habilidade de cicatrizar rapidamente, a resistência excepcional. Suas novas habilidades de combate físico também são incomuns, uma anomalia, mas é somente da natureza que você empresta a capacidade de sentir a presença de um poder, especialmente do Mal. É uma intuição semelhante a da presa que sente a aproximação do predador.

- O nigromante - Jacob disse. - Eu não o senti, mas ela sim. Foi a premonição? Ainda não entendo como pude deixar de rastreá-lo depois do primeiro ataque.

- Faltou informação. Muitos Demônios vivem em isolamento. Se são intimados, ninguém sabe. E só uma questão de tempo até os nigromantes chegarem a alguém mais próximo do intimidado.

-Então... ?

- Recentemente descobri que Lucas está desaparecido.

Presumo que tenha sido intimado.

- Ah... - Jacob ficou tenso. - Lucas é um Demônio da mente. Se eles o aprisionaram, ele os transportará para todos os lugares que quiserem, o que vai permitir que surjam sem aviso prévio.

- Mas não houve fumaça ou cheiro de enxofre como quando Legna se transporta.

- Os mais velhos não deixam mais esse tipo de rastro. O treinamento e a experiência permitem que se transportem e carreguem outros com absoluta limpeza. Enquanto Lucas estiver com eles, será forçado a transportá-los sem aviso prévio, e essa é outra razão pela qual sua segurança está ameaçada. Lucas é alguém muito próximo de todos nós.

- Vamos nos concentrar nos poderes de Isabella. Devemos esperar mais alguma coisa?
- Infelizmente, sim.
- Infelizmente? - ela repetiu.
- Estou falando da perspectiva de um Demônio que já participou da guerra com os Druidas. Vou tentar me manifestar sem esse preconceito.
- Por favor - Isabella o encorajou com tom seco.
- Mas não sou o único que vai refletir esse preconceito quando a notícia sobre seu poder tornar-se conhecida. Vai enfrentar forte resistência.
- Mais do que já enfrento por ser humana?
- Acho que não fui claro. Você pode ser considerada uma ameaça grande o bastante para renovar as hostilidades que opuseram Demônios e Druidas tantos séculos atrás. Sua vida pode estar em perigo.
- Espere um minuto, pensei que atacar humanos fosse tabu!
- Você não é totalmente humana. Evoluímos muito desde aquele período, mas temos nossos fanáticos, como qualquer sociedade. Gostamos de acreditar que superamos certas fraquezas e estamos além de comportamentos mesquinhos e preconceituosos, mas o medo é um poderoso motivador.
- Fale de uma vez, Gideon - Jacob pediu.
- Ela pode amortecer o poder. Funciona com qualquer criatura sobrenatural. Nigromante, Vampiro, Licantropo...
- Demônio?
- Sim, Gideon confirmou. - E não é só uma redução moderada a menos que sua herança híbrida tenha alterado tudo isso. Ela pode deixá-los temporariamente impotentes. E quando a habilidade desperta, Isabella, é para sempre. Terá sempre esse poder de anular a força alheia. Foi assim que o Rei dos Druidas matou o Rei dos Demônios. Eles se encontraram sob razões pretensamente pacificadoras.

Quando ficaram sozinhos, o Druida anulou os poderes do Demônio e o matou.

- E como ainda conseguiram confiar um no outro? Sabendo que os Druidas tinham essa superioridade sobre sua raça, como conseguiram conviver, dividir

uma cultura com eles? E como puderam erradicar uma raça se nem conseguiram chegar perto deles sem perderem seus poderes?

- Em primeiro lugar, não foi uma questão de confiança, mas de necessidade. Druidas e Demônios deviam ter uma relação simbiótica. Druidas precisam dos Demônios para despertar seus poderes. E um Demônio precisa de um Druida para reduzir sua força.

- E por que um Demônio ia querer... ? Ah! A loucura da lua! - Isabella deduziu espantada.

- Sim, em grande parte, embora nossos ancestrais enfrentassem a loucura em grau bem reduzido. Porém, se revisarmos tudo que nos é dito sobre a associação física com os humanos, encontramos uma razão igualmente forte. Prova disso vimos em sua casa ontem à noite, Jacob. Se ela fosse simplesmente humana, seu descontrole teria sido mortal, não só para Isabella, como para outros na vizinhança. Felizmente, o poder da druidisa já esta despertando. Considerando as circunstâncias silenciosas daqueles... daqueles momentos menos focados... Você não percebeu. Quanto a erradicar os Druidas, não foi uma tarefa fácil. A guerra nunca é fácil. Porém, os Druidas têm suas fraquezas, como os Demônios, e basta dizer que elas foram exploradas completamente. Agora, o que temos, o que devo revelar ao Conselho, é que os Demônios nunca encontrarão seus parceiros na raça, mas entre os Druidas. Destruindo os Druidas, sacrificamos o conhecimento de como seria encontrar o espírito perfeitamente complementar. Os humanos chamam de alma gêmea. Nós chamamos essa união de marca. Por isso tantos aqui são solitários e por isso tantos Demônios não conseguem encontrar conforto em um membro do sexo oposto. Por isso não há

uma marca faz séculos... Até agora. Jacob, você é providencial entre os Demônios. Por isso você e Isabella não conseguiram se separar desde que se conheceram. A marca é gloriosa e implacável em sua intensidade. Não pode ser ignorada. Quando um Demônio e um Druida que devem ser unidos pela marca se encontram pela primeira vez, esse encontro desencadeia imediatamente as alterações de DNA que já mencionei. Como vê, estavam destinados a se encontrarem por esse propósito antes mesmo de nascerem, não obstante a profecia. E isso nos leva a sua fraqueza, Isabella. Quando um Druida tem seu poder desencadeado por um Demônio, é necessário que haja uma dose regular

de exposição a esse Demônio, mais ou menos como um humano precisa de exposição regular a luz do sol para preservar a saúde.

- Esta dizendo que Jacob é para mim como uma... vitamina?

- É mais como uma fonte de energia. A presença dele a recarrega, especialmente depois de usar suas habilidades em grande medida. Sem essa recarga... Bem, você sabe o que acontece com uma bateria que se descarrega.

- Morre, Isabella murmurou tomada por um medo súbito. - Então... destruíram os Druidas privando-os de sua fonte de energia?

- Foi pior que isso, Isabella - Jacob respondeu com tom tenso. - Almas gêmeas unidas pela marca foram separadas. Gideon, como puderam destruir as criaturas que mais amavam e de que mais precisavam?

- Poucos agiram dessa maneira espontaneamente. Quase nenhum, para ser mais franco. Coube a nós, os que não tinham parceiros, a dura tarefa de impor aos outros essa norma.

- Jacob... - Isabella estremeceu de medo.

- Não me orgulho dessa história, druidisa. Fui membro das forças encarregadas de prender membros relutantes de minha própria espécie, forçando-os assim a matar seus amados parceiros. Eu era muito jovem na época, mas isso não desculpa nem justifica o que fiz. Só posso pedir que nos perdoe por nosso comportamento bárbaro, como uma sociedade perdoa outra pelos erros do passado e da juventude. Não espero nem peço sua piedade por isso, mas quero que saiba que sofremos igualmente por nossa loucura. Depois da guerra, uma onda de suicídios quase acabou com a nossa população. Hoje, vivemos sem amor, levamos vidas incompletas e constantemente atormentadas pela loucura. Somos como desertos áridos.

Isabella não conseguia assimilar o que estava ouvindo.

Tinha a cabeça cheia de imagens de Demônios aprisionados por semelhantes, as almas clamando pelos parceiros que morriam de inanição sem eles. Ela mesma não conseguia imaginar como seria viver sem Jacob, mesmo depois de tão pouco tempo.

- Guardou tudo isso durante todos esses séculos, Gideon? Jacob perguntou. - Tem consciência das implicações da existência de Isabella?

- Sim. Eu tenho.

Isabella olhou para Jacob esperando por uma explicação.

- Tudo isso significa, Isabella, que Druidas sempre existiram, durante todo esse tempo, e mesmo enfraquecidos e reduzidos em número, alguns podem ter atravessado o caminho de um ou outro Demônio. E como nenhum deles sabia, o Druida, nesse caso, pode ter morrido inexplicavelmente em consequência da privação que se seguiu a esse encontro. Também significa que, durante todos esses séculos como Defensor, eu posso ter contido inadvertidamente Demônios que se sentiram intuitivamente atraídos por outros híbridos de humano e Druida. Gideon, não devia ter guardado esse segredo!

- Eu também não sabia de nada. Não até encontrar Isabella. Acreditava ter visto o último Druida há um milênio. Creia-me, Jacob, tenho plena consciência das ramificações de meu silêncio. Não preciso da sua condenação alimentando minha culpa. - Gideon levantou-se. - Vou pedir a Noah para convocar o Conselho ainda esta noite. Repetirei nessa reunião tudo que acabei de dizer aqui, e então sua parceira estará em perigo. Vim preveni-lo para que possa tomar providências e garantir sua segurança e a dela. Se algo acontecer com você, Isabella não sobreviverá por muito tempo.

Depois dessa declaração, ele desapareceu num raio de luz prateada.

Capítulo V

- Isabella, sei que me culpa...

- Não! Não faça dessas revelações de Gideon mais um pacote de motivos para culpar-se. Você nem estava na guerra. Não nos conhecíamos.

- Bem, mas se não tivéssemos nos conhecido...

- Eu teria vivido uma vida incompleta, como antes. Sempre à margem da sociedade humana, sem me ajustar, solitária, tendo apenas minha irmã por companhia... Na noite em que nos conhecemos, eu olhava para a lua pensando que havia nela algum segredo... Passei muitas outras noites naquela janela,

olhando o céu e pensando... Li muito em busca de informações, ansiando por alguma coisa que não conseguia identificar. Agora eu sei.

- Talvez não pensasse assim se pudesse ter escolhido.

- Eu posso escolher. Posso voltar para o local de onde vim e morrer aos poucos, mas não por privação de energia vital. Eu pereceria por não ter mais todas as coisas que finalmente encontrei com você. Tem idéia de como sua presença transformou minha vida?

Podia imaginar, se ela se referia a algo tão profundo quanto o que encontrara ao conhecê-la.

- É isso mesmo, Jacob. Tudo na vida é parte de um grande plano do Destino, uma trama que nenhum de nos conhece até ela realmente acontecer.

- Mesmo assim, podemos escolher. E eu queria você a meu lado por opção própria, não por falta de opção.

- Escute, Jacob. Sou uma mulher adulta. Não estou desapontada, frustrada ou infeliz. Talvez você tenha dificuldades para se adaptar ou não queira se comprometer com as implicações da minha presença aqui.

- Isso não é verdade!

- Quer mesmo que eu fique? Quer que eu faça parte da sua vida como eu o quero na minha? Diga que não sou a única a estar aprendendo o que significa amar alguém a ponto de se sentir incompleta longe dessa pessoa.

Jacob sabia que ela estava certa. O destino não podia ter feito escolha melhor para ele. Mas... e ele? Seria tudo de que Isabella precisava? Saberria tratar uma mulher tão amorosa e cheia de vida?

- Isabella, nunca duvidei do meu amor por você. Meu medo é não saber ser digno do seu amor por mim.

- Você é digno do que há de melhor no mundo, Defensor. Nos últimos quatro séculos, tudo que conheceu foi censura e hostilidade. Mas agora eu estou aqui, e não vou mais permitir que isso aconteça. Fique comigo, Jacob.

Eu amo você, minha flor.

O silêncio na câmara do Conselho era pesado. Todos estavam sem fala, perplexos. Até Ruth, sempre rápida em suas respostas, estava quieta.

A presença de Gideon tinha um forte impacto sobre o grupo, e depois da revelação feita por ele, a atmosfera tomara-se densa, carregada de tensão. Saber que a própria raça havia sido capaz de cometer atrocidades como as que condenavam na "menos evoluída" raça humana era aterrorizante, mas esclarecedor.

- Bem, parece que o futuro de nossa raça vai sofrer uma mudança dramática - Noah anunciou. - o Conselho precisa discutir as ramificações da situação em detalhes. Quero deixar claro que, nesse momento, ninguém deve se aproximar de um ser humano sob nenhuma circunstância. As leis que nos governam serão mantidas até que possamos revê-las. O Defensor punirá os que não controlarem esse impulso. Fui claro?

- Claro e sábio - respondeu Elijah. - Meus guerreiros estarão a disposição de Jacob, caso haja necessidade.

- Perfeito, Elijah. Agora, vamos tratar de um assunto da máxima urgência. Isabella, a druidisa.

Jacob ficou tenso. Não sabia que sua mulher estava na pauta da reunião.

- Será dever de todos e de cada um aqui cuidar para que a segurança de Isabella nunca seja ameaçada entre nós. Essa mulher trouxe nossa salvação. Devemos respeitá-la e protegê-la. Ela descobriu a profecia, e só por isso já merece nossa gratidão. A profecia mapeou nosso futuro, e é nossa responsabilidade cuidar para que ela se cumpra da maneira mais positiva possível!. Noah olhou para Jacob. - Com o tempo, o papel do Defensor será alterado. Suas responsabilidades, já tão vastas, triplicarão. Gideon e eu discutimos essa questão em profundidade, e decidimos que o treinamento de Isabella deve começar imediatamente. Ela é uma Defensora.

- Tão jovem? O que ela poderia... - Ruth começou.

- Não me lembro de ter aberto a questão a debate. Noah a interrompeu. - Este é um dia importante na história da nossa raça. O dia em que reparamos severos erros do passado. Isabella foi a primeira a se unir a nos, mas não será a última. Pensem no presente que estamos recebendo. Agora temos a solução para uma existência pacífica. Jacob e Isabella são o portal por onde passaremos no futuro. Eles nos guiarão aos Druidas de que tanto necessitamos.

O silêncio era ainda mais pesado que antes. Jacob olhou para Noah com gratidão estampada no rosto. O rei acabara de fazer um pronunciamento que mudaria definitivamente a forma de tratamento dispensada por todos ao Defensor.

Defensores, ele se corrigiu. Defensores.

Isabella estava em pleno treinamento de combate com Elijah, quando uma súbita tensão invadiu o ambiente. Jacob e o Elijah trocaram um olhar preocupado e, menos de um segundo depois, desapareceram em espirais de poeira e vento.

- Jacob!

- Fique onde está, Isabella! Não saia daí!

- Por que? o que aconteceu?

- Alguém tentou transformá-la em poeira, e não fui eu. Nem Elijah.

Isabella sentiu no peito as ramificações do anúncio. Ela se sentou, os joelhos fracos demais para sustentá-la. Seria esse o medo de Gideon? Outro Demônio tentava atingi-la par conta da velha hostilidade?

- Não, Isabella, isso é diferente, Jacob explicou com tom doce. Meu povo a aceitou.

- Então quem... ?

- É o que estou tentando descobrir. Acha que consegue chegar a Noah em segurança?

- Sim, é claro. Só preciso atravessar um gramado, Jacob.

- Quando tratamos de poderes tão intensos, atravessar um gramado pode ser como atravessar o mundo. Vá. Depressa! Ele a protegerá.

Isabella não perdeu tempo.

Assim que foi informado sobre o que havia acontecido, Noah, que discutia um importante pergaminho com dois acadêmicos, mandou Isabella para o quarto de Legna, onde ela estaria protegida. Depois, usando apenas o olhar, ele deu ordens aos dois Demônios. O da sua esquerda, do corpo, sentou-se muito ereto e logo projetou para fora de si sua essência astral. O da mente, a direita do Rei, fechou os olhos e desapareceu com um sutil deslocamento de ar. Noah ficou

aliviado ao ver que suas ordens eram rapidamente obedecidas. Todos os Demônios se dispunham a proteger a druidisa entre eles.

Legna usou suas habilidades para cercar a mansão com uma aura de medo e urgência. Quem ousasse atravessar a barreira seria tomado por um súbito impulso de fuga. Noah estendia sua capacidade de ler pensamentos e mentes até muito mais longe que de costume. A energia radiada pelo esforço dos dois irmãos atingia Isabella na força de um frio intenso. Ela se aproximou dos dois protetores, tentando absorver um pouco do calor do ambiente.

De repente, o mundo invadiu sua consciência. Seu cérebro foi bombardeado por milhares de sentimentos e instintos que não eram dela, cada um e todos ricocheteando por seu ser com velocidade furiosa. Sentia o medo dos animais afetados pela mudança do ambiente externo. Ouvia discussões, atos de amor, humor e reverência de pessoas próximas dali, e o clamor a forçava a cobrir os ouvidos com as mãos num esforço para protegê-los da cacofonia de emoções. Sentia a tensão de Jacob, o ultraje de Elijah.

Atordoada, Isabella sentou-se no chão de mármore, os olhos muito abertos tentando encontrar o foco enquanto ela se esforçava para banir da mente todas essas impressões. O instinto de autopreservação ganhou vida dentro dela...

... e morreu em seguida.

Uma conflagração de chamas explodiu a sua volta, desenhando rapidamente círculos que iam se tomando maiores, ondas que tinham seu corpo como foco central. Legna gritou. Noah gritou.

E depois tudo ficou quieto.

De onde patrulhavam a área num ponto acima no céu, Jacob e Elijah sentiram o eco de uma tremenda onda de calor. Os dois se solidificaram, buscando a origem da repentina alteração térmica. Horrorizados, viram os círculos de fogo brotando da casa de Noah, lambendo o gramado e queimando a terra.

Jacob estendeu os braços, erigindo paredes de terra que contiveram o incêndio. Elijah subiu ao céu e soprou um vento furioso que impediu o retomo do fogo. A terra se fechou sobre as chamas, apagando-as pela falta de oxigênio. Por garantia, Elijah despegou uma chuva pesada que ensopou o solo para garantir que o fogo não reviveria.

No segundo seguinte eles voavam para a casa de Noah. Jacob logo notou que não havia nenhuma segurança em torno da casa, o que era inconcebível, considerando que Isabella fora procurar o Rei para pedir proteção. Ele tentou estabelecer conexão mental com a mulher e sentiu o violento terror que dela se apoderara no instante anterior a explosão. Agora havia apenas o silêncio ocupando o lugar onde deveriam estar os pensamentos dela.

Tudo no salão havia sido tocado pelo fogo.

No centro do negrume deixado pelas chamas havia três corpos.

- Isabella! - Jacob gritou, correndo para tomá-la nos braços.

Ela estava inconsciente e muito ferida, coberta por bolhas e manchas, como se houvesse passado horas ao sol. Os cabelos estavam torrados. As roupas colaram ao corpo. O cheiro que se desprendia dela alimentava o ultraje do Defensor.

- Noah e Legna! - Elijah exclamou, ajoelhando-se perto do Rei e da irmã dele. Ambos estavam irreconhecíveis, escuros, e os lindos cabelos de Legna haviam desaparecido. Com lágrimas nos olhos, Elijah tentava pegar a pulsação do monarca.

- Impossível! - Jacob exclamou com a voz embargada. - Noah é imune ao fogo!

- Precisamos de Gideon. Agora!

Elijah levantou-se, cerrou os punhos e convocou o médico com um chamado urgente e angustiado. Menos de três segundos depois, uma espiral cor de prata penetrava pela janela do salão.

Elijah caiu enfraquecido assim que o médico se materializou no centro da sala. Havia sido necessário grande esforço para realizar a façanha de transportar o Demônio de tão longe.

Os olhos de Gideon revelaram emoção inusitada diante do cenário de horror.

- O que aconteceu?

- Não sabemos - respondeu Jacob, resumindo os eventos recentes.

Enquanto ouvia, o médico já começava a examinar Noah e Legna.

O Rei tinha os pulmões inundados de fumaça, mas pele e cabelo haviam sofrido mais que outras partes do corpo. Para um humano o incidente teria sido fatal, mas, no Rei dos Demônios, o reparo seria rápido e eficiente. Gideon começou

bloqueando todos os receptores de dor no corpo ferido. Primeiro curou os pulmões, depois, trabalhando depressa, começou a substituir pedaços de pele, rejuvenescendo-a, célula a célula. Quando conseguiu substituir metade da pele do corpo de Noah, Gideon começou a trabalhar em Legna. Não podia concluir antes o trabalho com o Rei, ou ela não teria chance de sobreviver. Os dedos tocaram o rosto antes tão lindo.

Jacob assistia a tudo fascinado. O processo era rápido e impecável. O tom natural voltava à pele de Legna, e ela já respirava melhor, também.

Mas Gideon ainda precisava retomar ao Rei. Emocionado, ele usou uma das mãos para continuar trocando a pele queimada de Noah enquanto, com a outra, devolvia os longos cabelos castanhos de Legna.

Quando restava apenas a última tarefa de devolver os cabelos a cabeça do soberano, Gideon interrompeu novamente o trabalho com o monarca para cuidar de Isabela.

Ela havia sido a menos atingida, pelo menos internamente. E isso era ilógico. Gideon estava confuso. Se alguém devia ter saído ileso da conflagração, esse alguém era Noah. O dano causado a pele de Isabella foi rapidamente reparado, e Gideon tentou encontrar durante o exame, alguma pista da razão de ela ter sido a menos lesada. Enquanto fazia crescer seus cabelos, ele a induziu num sono profundo que reforçou duas ou três vezes, impedindo-a de despertar em seguida.

Satisfeito, ele se levantou e saiu de perto dos Demônios caídos no chão, indo se debruçar sobre um quarto corpo que ninguém havia notado até então.

- Samson - Gideon respondeu a pergunta silenciosa.

Elijah ajudava Jacob a mudar os convalescentes de lugar, levando-os para uma área mais segura e limpa.

- Descanse, Elijah. Vou levá-los para minha casa.

- Não pode! Ainda não sabemos se outros nigromantes podem chegar lá depois do incidente daquela outra noite.

- O feiticeiro de Dover está preso. Não voltou para dar sua localização aos outros.

- Eu sei, mas... Ah, Jacob, me desculpe. Não devia estar aqui tentando ensinar você a fazer seu trabalho. Faça como achar melhor.

- Venha comigo, Elijah. Tenho espaço suficiente em minha casa, se precisar repousar em local seguro.

Quando Gideon entrou no quarto, Jacob estava sentado em uma cadeira ao lado da cama de Isabella, segurando as mãos dela.

- Quando vai acordá-la? - perguntou o Defensor.

- Acho que ela deveria dormir por mais dois dias, pelo menos - respondeu o médico.

Lá fora, a lua brilhava cheia no céu.

Jacob nunca mais teria de temer a loucura da lua, Gideon pensou. Como seria viver livre dessa ameaça a sanidade?

Passara os últimos anos estudando formas de preservar a paz interior durante esses tempos sagrados. Podia afastar a loucura, evitá-la, ignorá-la, mas nunca eliminá-la.

A marca era a única cura.

Mas havia uma armadilha. Nas noites de Samhain e Beltane, na lua cheia, um par marcado seria aproximado por simples e puro impulso sexual, um desespero impossível de ignorar. Por isso, historicamente, um Defensor era forçado a se retirar, caso sofresse a marca. Como permanecer vigilante nas duas piores noites do ano para a loucura dos Demônios, se ele mesmo estaria obcecado pela companheira? Jacob, por exemplo, não se afastava da cabeceira da cama de Isabella.

Gideon nada revelara ao Conselho sobre essa descoberta, esperando que ter um casal de Defensores pudesse servir para modificar a situação, impedindo-o de roubar de Jacob tudo pelo que ele vivera nos últimos séculos.

- Jacob, você não pode ficar aqui - Gideon anunciou. Ela não vai precisar da sua presença. Não hoje. Está curada, e o sono vai servir para restaurar as energias da druidisa. Ela ainda estará dormindo quando você voltar, ao nascer do sol.

O Defensor não respondeu.

- Jacob... Jacob, não pode ficar ai sentado até ela acordar.

Tem obrigações a cumprir esta noite.

- A noite já acabou.

- Ainda restam três horas. Precisa ter certeza...

- Não se atreva a dizer o que devo ou não fazer! - Jacob explodiu, levantando-se com os punhos cerrados e chutando a cadeira contra a parede, estilhaçando-a. - Conheço minhas obrigações!

Gideon nem piscou diante da demonstração de violência.

- Vejo que ainda não compreende a intensidade da união em que entrou, Jacob. Contos de fada e a memória distante dos pais de Noah não são suficientes para explicar a marca.

- É mesmo? Gostaria de dizer isso a Noah?

- Nosso Rei conhece as alegrias e os infortúnios da marca. Viver com pais marcados é bem diferente de vê-los de longe. Porém, você agora sabe mais do que ele, mais do que ele jamais poderá saber, sobre o que é estar ligado irremediavelmente a presença e a existência de outro ser. É imperativo que você lembre que sei mais sobre essa história toda do que você, e por isso deve seguir meus conselhos. Isabella nunca poderá ter importância maior do que o seu trabalho para você.

- Não pode me dizer...

- Jacob, há uma lei exigindo a remoção do Defensor que se torna marcado.

- O que? Eu nunca ouvi falar...

- Também nunca ouviu falar em Demônios e Druidas unidos para a vida. Jacob, já fomos bons companheiros, e lamento que isso tenha mudado com o tempo. Não estou dizendo que a lei tem de ser aplicada, nem que alguém vai saber de sua existência. Espero que ninguém saiba dela até termos tempo para... Para você provar que a aplicação da lei não é necessária no seu caso.

Jacob respirou fundo, tentando relaxar e raciocinar.

- Porém, se um único Demônio conseguir passar por sua vigilância agora, se um único humano for prejudicado, especialmente agora que as notícias sobre os Druidas se espalharam, as ramificações serão rápidas e dolorosas. Você nunca falhou antes. Seu irmão jamais falhou antes de você. Não se exponha ao risco da condenação, agora que está tão próximo da felicidade.

- Sabe o que fez de mim Defensor, Gideon?
- Você foi escolhido por Noah.
- Como meu irmão antes de mim. Como meu avô e pelo menos uma dúzia de outros ancestrais. Dizem que esse é o único trono no mundo dos Demônios onde se encontra alguma ascensão biológica direta. Há algo no sangue de minha família que nos predestina a ser Defensores. Quando Adam foi escolhido, pensei que eu nunca seria chamado. Eu era... diferente quando ele ainda vivia.
- Isso foi há muito tempo, Jacob. Éramos todos muito diferentes.
- Sim, duzentos anos... Eu era o caçula, o bebe da mamãe, independentemente da idade. - Jacob riu. - Era mimado, quase indolente, inconseqüente...
- Estávamos em guerra com os Vampiros. Você se tomou um caçador impressionante.
- Excitação e glória. E mulheres... Naquela época eu ainda não havia me cansado delas. Então, Adam desapareceu de repente, sem explicação, e deduzimos que ele havia perecido... e que eu seria convocado para ocupar seu lugar. Nunca perdi uma batalha, Gideon. E, enquanto eu viver, jamais permitirei que um Demônio transgrida a lei, prejudicando seres de outras espécies. E aqueles que transgredirem não escaparão da justiça. Essa é minha vocação. Não há lei ou amor que possa me afastar dela. Só a morte. Se mencionar essa lei para os membros do Conselho, serei afastado por aqueles que me odeiam. Kane ainda não está preparado, e só ele tem os instintos de Defensor que marcam minha família.
- Uma anomalia genética.
- Exatamente. Sinto em minha mente o exato instante em que um Demônio começa a ultrapassar a linha da razão em seus pensamentos. É como um anúncio, e eu sou o único ser vivo capaz de ouvi-lo e interpretá-lo. Senti-lo. Por que acha que sempre sei? Se continuo aqui sentado, é porque não sinto necessidade de deixá-la para ir cuidar do meu dever. Se fico, e para proteger o futuro dos Demônios, para protegê-los deles mesmos. Essa mulher um dia trará ao mundo meu herdeiro. Herdeiro de meu sangue, herdeiro do meu dever. Então, se fico aqui sentado velando por seu sono, é porque sinto que essa é minha obrigação. E não creio que tenhamos de voltar a essa discussão Gideon.

O médico entendia a mensagem. Jacob não se deixaria atormentar pela culpa por estar protegendo sua família.

- Sou grato por ter salvado minha vida e a de pessoas que tanto amo, Gideon. Saiba que serei sempre grato, e que pode cobrar essa dívida de gratidão, caso algum dia julgue ser necessário.

- Pode contar comigo sempre. Virei servi-lo sempre que precisar de mim, Jacob.

- Eu sei. Mas... não consigo mais entender você, velho amigo. De repente tornou-se um estranho para mim. Sempre o considerei um homem de sabedoria e benevolência, alguém que, como eu, jamais suportaria ver um inocente prejudicado ou ferido. Não posso crer que em todos esses anos não tenha pensado em contar a Noah que a cura de nossa doença havia sido obliterada com os Druidas. Ele passou todo esse tempo obcecado pela busca da cura! E você o deixou procurar, deixou que ele alimentasse esperanças... Foi cruel e arrogante. Não teve consideração. Não foi uma atitude típica de um ancião reverenciado e respeitado. Não temos mais nada em comum, Gideon, e sinto muito por isso.

Noah foi o primeiro a acordar do sono induzido. Legna e Isabella ainda dormiam.

- O que aconteceu, afinal? - Jacob quis saber.

- A druidisa quase nos matou.

- O quê?

- Isabella estava assustada com a situação. Legna e eu erigíamos barreiras de proteção, e ele se aproximou de nós em busca de conforto e segurança. E drenou minha energia com uma violência jamais vista antes. Foi como se uma luz se apagasse dentro de mim. Fiquei... vazio, morto... cego, surdo e paralisado perante um poder que comando sem hesitação desde os oito anos de idade.

- O poder de anular as forças alheias despertou, então?

- Com força avassaladora, meu amigo.

- Mas, se você e Legna foram drenados, como conseguiu provocar aquela poderosa parede de fogo?

- Eu não fiz nada. Isabella não só nos privou do poder. Ela o roubou de nós. Foi ela quem gerou a parede de fogo. E usou minha energia e meu poder para isso.

- Impossível, Noah!

- Não é impossível. Quando foi dominada pelo terror, Isabella tornou-se o epicentro de todo o poder que havia naquela sala. E foi uma experiência ainda mais aterrorizante para ela do que a anterior.

- Gideon não me disse nada sobre isso... Por favor, Noah, peço que não a culpe por isso. Não foi intencional. Como ela podia saber? Ninguém sabia! E se Gideon sabia e não me contou, juro que dessa vez o matarei por isso!

- Não creio que ele saiba. Antes da chegada de Isabella, eu me encontrava com dois acadêmicos lendo um pergaminho que explicava em detalhes a natureza de um Druida. Não havia no documento nada que Gideon já não houvesse mencionado. Não. Isso é algo diferente, Jacob. Algo de que ninguém jamais teve notícia. Não culpo a druidisa pelo que aconteceu, mas confesso que, agora, depois de tudo isso, entendo o que significa ter medo de alguma coisa. De alguém. E tenho certeza de que compreende que estar sob o mesmo teto que ela me apavora.

- Então, isso significa que não foi uma força externa que tentou transformar Isabella em poeira.

Jacob e Noah se viraram para o médico. Ele havia entrado no quarto sem ser visto, usando sua habilidade de projeção astral.

- Foi a própria Isabella. Extraíndo seu poder, Jacob, e usando-o para satisfazer o que era, naquele momento, um forte desejo.

- Sim, ela já comentou alguma coisa sobre desejar poder levar-nos a alguns lugares, como eu faço. Mas... Você nunca mencionou que ela teria essa habilidade!

- Uma aberração. Uma mutação provocada pelo cruzamento de Druidas e humanos. Não posso explicar com precisão. É uma anormalidade construída ao longo de muitos séculos. Eu disse que algumas coisas poderiam ter mudado. Porém esperava encontrar um certo enfraquecimento em função dessa improvável combinação genética. Nunca suspeitei de que um Druida pudesse ficar mais forte pela associação com os humanos. E também estou percebendo que, se Isabella não é a única, essas mesmas aberrações estarão presentes em outros. Não vai haver dois Druidas iguais. Eles terão poderes que serão consequência direta dos parceiros. Isabella é praticamente um espelho para

Jacob. Absorve sua imagem, seu poder, tomando-se assim seu reflexo. Por isso eles são tão perfeitos para nós. Por isso ajudam a conter nossa natureza mais básica. - Gideon olhou para Noah. - Isabella não é diferente de você ou de mim quando éramos jovens e ainda estávamos nos primeiros estágios do desenvolvimento. O que torna a situação tão difícil para você, Noah, é a humilhação de ter sido surpreendido.

- Eu sei. Entendo o que está dizendo. Mas ela pode fazer o mesmo com todos os Nightwalkers? E com os nigromantes? Tem idéia de quanto isso a torna poderosa e perigosa como indivíduo?

- Isabella é doce e bondosa. Uma alma diplomática. Jacob apressou-se em dizer.
- Será nossa responsabilidade cuidar para que ela fortaleça o respeito e a consideração que já estão enraizados em seu código moral. Ela é capaz de dar a vida por qualquer um de nós. Vai ser horrível ter de contar a ela sobre o que houve. Quando souber que algo que ela tem dentro de si e que não pode controlar causou toda aquela destruição... Quando ela entender que causou sofrimento e quase destruiu dois seres de quem aprendeu a gostar muito... Como acha que ela vai se sentir, Noah?

Capítulo VI

- Isabella, fique calma. Já está tudo bem. Foi um acidente.

- Bater na traseira de um carro da polícia é acidente. Isso é uma catástrofe! Quando penso no que podia ter acontecido... no que aconteceu...

- Acontece com todas as criaturas que tem algum poder. Vai aprender a controlar suas habilidades. Foi assim com Noah, com Gideon, comigo, com todos!

- Mas...

- Não há nada de anormal no que aconteceu. Foi inesperado, só isso. Agora relaxe e descanse.

- Oh, Jacob! o que fiz para merecer você?

-Alguma coisa muito ruim, certamente. Já eu... tive muita sorte naquela noite em que você caiu nos meus braços. Só agora percebo que minha vida não tinha sentido antes de você.

- Agora, por outro lado, tem as mãos cheias. Já pensou na extensão da destruição que posso causar por aqui?

- Não. - Ele riu. - Você vai ser treinada. Vamos trabalhar duro, teremos ainda alguns acidentes, mas sei que vai aprender a controlar seus poderes. E só os usará para o bem.

- Como você. Também tinha esses acidentes quando era treinado? E quem o treinou? Seu pai?

- Não. Aqui as crianças são treinadas pelos *siddah*, os padrinhos. Além do mais, meu pai estava ocupado demais na guerra.

- Outra guerra?

- Foram muitas. Essa contra os Licantropos foi horrível porque eles são criaturas muito agressivas. Como tem uma natureza basicamente animalesca, eles defendem o próprio território com ferocidade. Temos tido um conflito constante com eles há trezentos anos.

- Trezentos?

- Sim, uma história longa com um homem doente no centro dela. A filha dele hoje é Rainha dos Licantropos, e há quinze anos vivemos em paz, desde que ela assumiu o trono e propôs o fim do conflito, uma proposta que aceitamos com alegria. Agora estamos em paz, ou, pelo menos, coexistindo pacificamente com todos os Nightwalkers.

- Há uma. E temo por você. Os nigromantes!

- Eles são responsabilidade de Elijah. Como todos os conflitos que temos com outras espécies. Elijah saberá lidar com o problema, como lidou com todos os outros.

- Jacob, não me trate como idiota. Elijah vai encontrar os nigromantes, pedindo para que se apresentem? E como descobriu que havia um nigromante?

Ela tinha razão. Para encontrar um nigromante era necessário seguir um intimado. E esse era seu trabalho. Sendo assim, a batalha com os nigromantes também era sua responsabilidade.

- É nosso trabalho, Jacob. Devemos caçar os transformados e destruí-los, e é nosso dever enfrentar os nigromantes que se colocarem no caminho. E Jacob, se insistir em tentar me proteger de coisas que agora fazem parte da minha vida, só vai conseguir me deixar muito nervosa e quando fico furiosa eu posso...
- Não! - ele gritou horrorizado.
- Então, pare.
- Tudo bem! Eu me desculpo!
- Não se desculpe. Seja mais esperto, só isso. Seja meu parceiro, não só meu protetor. Eu sempre estarei atrás de você, Jacob. Quer que saia por aí despreparada, quando posso ter de enfrentar... qualquer tipo de perigo? Porque não é isso que eu quero. Não quero morrer... e não quero que você morra! E posso ver que estou sugando sua energia, drenando-a...
- Sim, mas isso não é tão ruim.
- Como não?
- Agora podemos fazer amor sem fazer a Inglaterra mergulhar no oceano.
- Ah... Por isso estava evitando o aspecto físico da nossa relação?
- Só para a sua proteção, Isabella. Não queria ter de enfrentar um nigromante cada vez que fizesse amor com você. E eles nos encontrariam, porque meu desejo é tão poderoso que... que...
- A Terra se move? Lamento contrariá-lo, Defensor, mas agora eu posso sacudir a Terra.
- Ah, sim... Eu havia esquecido esse detalhe. Mesmo assim, estou disposto a correr o risco, se você também estiver.
- Adoro correr riscos, Defensor!
- Jacob, por que o nigromante queria saber seu nome?
- Isabella perguntou pouco depois, quando estava deitada nos braços do Defensor.
- Muitas culturas acreditam que revelar seu nome a uma pessoa e dar a ela poder sobre você. Para nós, isso é uma perigosa realidade. O nome de um Demônio é o principal ingrediente de uma intimação. Sem ele, o nigromante não pode controlar e obter poder sobre o Demônio.

- Mas todos sabem seu nome, Jacob! Cada Demônio capturado pode revelar ao nigromante o nome de muitos outros!

- Não. Só eu sei meu nome.

- Como... ?

- Quando um Demônio nasce, há uma cerimônia de nomeação. Apenas quatro pessoas ficam presentes. A mãe, o pai, a criança e o *siddah*. Só essas pessoas conhecem o verdadeiro nome de um Demônio. O nome é uma poderosa ferramenta no treinamento, porque podemos usá-lo para conter o poder, direcioná-lo, acalmar a mente do pequeno e ajudá-lo a conseguir controle sobre si mesmo.

- Então, seu nome não é Jacob?

- É claro que é. Depois de recebermos nossos nomes de força, nossos pais escolhem um nome a ser usado diariamente, como Noah, Jacob e Elijah, e normalmente escolhem os nomes da...

- Bíblia! Sim, Jacó, Noé e Elias!

- Os Demônios tem grande respeito pelas religiões cristãs. Como já sabe, elas nos trouxeram uma paz e uma liberdade que jamais teríamos sem o Cristianismo. Escolher o nome de nossos filhos na Bíblia é um ato de gratidão.

- É maravilhoso!

- Pai e mãe escolhem esse nome sozinhos. Começa com o casal lembrando o primeiro encontro, a história sobre como se apaixonaram, a fundação sobre a qual a criança foi concebida.

- Isso é muito bonito. De acordo com a profecia, nós dois teremos um filho e...

- E?

- Bem, como os Demônios se casam?

- Não temos uma cerimônia, se e o que quer saber. Mas, se esta me pedindo em casamento...

- Você devia estar fazendo isso. Afinal de contas, ainda não fez de mim uma mulher honesta, Defensor!

Ele riu.

- Tem razão. Venha, há algo que precisamos fazer.

- O que?

- Você vai ver.

Assim que se viu diante do Rei dos Demônios, Isabella ajoelhou-se e pediu perdão.

- Não há nada a perdoar, pequena Defensora. Vamos, levante-se. Enquanto estiver fazendo feliz esse Demônio que é como um irmão para mim, eu estarei satisfeito.

- Mesmo assim, quero que saiba que pode contar comigo sempre que precisar. Serei sempre leal.

- Já disse mais do que eu esperava ouvir. Agora chega. Não quero mais que pense nesse acidente.

- Meu rei - Jacob adiantou-se -, viemos pedir sua benção - ele repetia palavras de um antigo ritual. - Dê a seus leais servos permissão para se unirem na noite de lua cheia, como se uniram meus pais, seus pais, para que sejamos um par completo, para que nosso poder e nossa lealdade possam servi-lo e servir toda a nossa raça até o fim de nossa vida.

- Meu rei - Isabella repetiu emocionada -, viemos pedir sua benção. Dê a seus leais servos permissão para se unirem na noite de lua cheia, para que, como um par completo, possamos trazer a raça dos Demônios sua futura geração. Juro que todos serão leais a você como eu sou, como o pai deles é, porque assim os criaremos.

Noah levantou-se tentando conter a emoção. Jacob e a mulher que seria sua parceira na vida estavam diante dele repetindo as palavras do ritual, e Isabella as pronunciara com um fervor impressionante.

- Defensores, eu lhes dou minha benção. Só peço que permitam que seu Rei presida a cerimônia, porque não toleraria ceder essa honra a outro.

Jacob estava perplexo. Noah só presidira outra cerimônia de casamento, a de sua irmã Hannah e seu parceiro. A honra que recebia era imensa.

- Muito obrigado, Noah! Não tem idéia de quanto nos honra com sua atitude.

- A honra será minha, grande amigo. Agora vá. Leve sua druidisa para longe daqui, antes que ela inunde meu salão com tantas lágrimas! Ah, Isabella, você tem dois dias para planejar o casamento.

Ela suspirou.

- Dois dias. Pouco tempo para aprender a não fazer os convidados desmaiarem por privação de poder.

- Bem, parece que o efeito é limitado aqueles que estão muito próximos de você no momento. Sendo assim, imagino que deva se ocupar em manter seu noivo consciente.

- Pelo menos até o "sim" - brincou Jacob. - Venha, minha flor, vamos procurar Elijah. Quero convidá-lo para o casamento.

- Ainda não. - Ela se ergueu na ponta dos pés para beijar o rosto do Defensor. - Há mais alguém com quem quero me desculpar.

Isabella e Jacob passaram pela rua onde se conheceram.

Ela olhou para cima, para a janela de onde havia caído nos braços de seu grande amor.

- Espero que minha irmã esteja em casa. Ela não atendeu ao telefone, mas não costuma ficar fora até tão tarde.

- Talvez ela também tenha conhecido alguém. Venha, vamos logo com esse convite. Quero ficar sozinho com você.

Feliz, Isabella usou a própria chave para entrar no apartamento e foi direto ao quarto de Corrine.

- Ei, Bela Adormecida, acorde! São duas da manhã! Corrine não se mexeu na cama.

- Corr? - Isabella a sacudiu, afastando os cabelos que cobriam seu rosto.

Jacob pulou de susto ao ouvir o grito de Isabella no quarto. - Jacob! - Isabella chorava e apertava a irmã contra o peito. - Ela está doente! Não consigo acordá-la!

O rosto da jovem estava pálido, coberto por um tom acinzentado. Os cabelos não tinham brilho. Os olhos eram cercados por fundas olheiras, e a expressão...

Jacob teve a estranha impressão de já tê-la visto antes.

- Eu... eu...

- Jacob? o que é?

- Acho que a conheço... Não sei como, mas sinto que a vi recentemente...

- Jacob... Jacob, só há uma razão para ter entrado em contato com humanos nessa época do ano!

Ele empalideceu.

- Não! - exclamou atordoado, tomado de assalto por uma lembrança nítida. - Oh, não!

Rápido, ele arrancou Corrine dos braços de Isabella e levou-a para o outro lado do quarto.

- O que está fazendo?

- Você deve ficar longe dela.

- Ela é minha irmã!

- Isabella, concentre-se! Escute, ela está viva. Muito fraca, respirando com dificuldade, mas viva! Agora se acalme e confie em mim. Vou levá-la para o outro quarto. Você fica aqui. Se for atrás dela, só vai atrapalhar.

- Como... ? Esta falando de minha irmã!

- Sim, sua família! E ela teve contato com a minha família! Kane esteve perseguindo sua irmã há uma semana. Meu irmão mais novo. Na noite que conheci você, tive de persegui-lo e contê-lo, porque ele estava perseguindo uma bela humana ruiva. Era sua irmã.

- Minha irmã... Kane... Jacob, ela é minha irmã. É uma druidisa!

- É o que parece. Ele a tocou rapidamente, e aquele breve contato a transformou. Agora, longe de Kane, ela está perdendo a energia vital.

- Ah, então... Não posso me aproximar dela porque vou roubar seu poder! Vou matar minha irmã. Jacob, e se eu...

- Não. Ela está viva. Acalme-se, ou vai transformar Nova York em um oceano! Vamos, concentre-se! Olhe para mim. Preciso dos meus poderes de volta, Isabella, e sei que pode me devolver. Preciso convocar Gideon. Levaria muito tempo para repor as energias e atravessar o oceano para ir buscá-lo. Seria tarde demais para Corrine. Vamos, minha flor, eu sei que você pode!

Isabella fechou os olhos. Cerrou os punhos. No instante seguinte ele foi arremessado contra a parede. O retomo do poder o atingia como o impacto de uma bomba.

- Da próxima vez vou me manter mais atento - ele respondeu zozzo.

Segundos depois, Jacob usava toda a sua força para convocar aqueles que poderiam ajudá-los.

Kane levantou a cabeça, sentindo a presença do irmão em sua mente. Não queria atender a convocações, por isso a ignorava. Estava fugindo de Jacob desde o dia em que ele o surpreendera perseguindo aquela bela ruiva humana. Além do mais, estava em prisão domiciliar, pensou, olhando para o ancião que um dia chamara de *siddah*. Estava furioso e não queria esconder sua ira.

- Parece uma criança mimada - Abram o criticou, virando a página da Cosmopolitan, uma revista muito apreciada pelos humanos. - Responda a convocação.

- Para que? Jacob não precisa de mim. Sou só um contraventor esperando por punição. Ele encontrou sua parceira, foi marcado e vive um momento de glória, enquanto eu... Eu não consigo tirar aquela mulher da cabeça. Posso sentir a pele sob meus dedos, posso ver o sorriso radiante, o...

- Humana - Abram deduziu sereno. - Kane! - Abram largou a revista e ergueu o corpo na cadeira, ouvindo a convocação.

Kane estava caído no chão, segurando a cabeça entre as mãos como se houvesse sido atingido por forte pancada.

- Ei, ele só precisava ter dito que era importante!

- Foi o que ele acabou de fazer. Não sabia que podia manter ligações tão fortes. Parabéns!

- Não fui eu!

- É melhor ir ver o que seu irmão quer.

- Estou indo. Houve uma explosão de fumaça e enxofre que fez o ancião recolher a revista para abanar-se.

Isabella sentiu o cheiro de enxofre cerca de trinta minutos mais tarde. Ela estava na porta do quarto, espiando por uma fresta. Jacob estava lá dentro com Corrine.

Uma violenta explosão de fumaça e enxofre aconteceu atrás dela, sufocando-a e assustando-a. No centro da nuvem havia um rapaz de rara beleza, um jovem cujos traços lembravam muito os de Jacob.

- Isabella, saia de perto dele! - Gideon gritou. - Você é forte demais para Kane. Ele precisa de força para curar sua irmã.

Isabella obedeceu. Pensar que era um obstáculo no caminho da sobrevivência de sua própria irmã a enchia de medo.

- Vou para o meu quarto, então - ela disse.

Jacob esperou que Isabella desaparecesse para levar Corrine para o sofá da sala. Lá teriam mais espaço e ar.

Kane não entendeu o que acontecia ali. Ele viu o irmão saindo com uma mulher desfalecida nos braços, viu a mulher de cabelos escuros de quem não conseguia se aproximar... E, no meio de toda essa confusão, ele se sentiu mais relaxado do que nos últimos dias. Estava na presença do poderoso ancião Gideon, uma figura que impunha medo e de quem nunca se aproximara antes, estava no mesmo ambiente que seu irmão, de quem certamente receberia uma severa punição, e ainda assim...

- O que está acontecendo? - Kane decidiu perguntar.

- Na próxima vez em que for chamado, sugiro que responda com mais presteza - respondeu Gideon.

- Eu estava sob prisão domiciliar, por isso...

Gideon apontou para o sofá. Para a mulher desfalecida. Kane parou de falar. Não conseguia respirar. Ela estava pálida, um pouco cinzenta, sem energia, mas era ela! Reconheceria aqueles cabelos ruivos e cacheados em qualquer lugar. - O que significa isso?

- Essa é Corrine, Kane.

- Sim, eu sei quem é ela, mas...

- Corrine é irmã de Isabella, e um dia ela será membro de sua família. E não porque Isabella e seu irmão vão se casar.

Kane abriu a boca para pedir uma explicação a Gideon, mas de repente soube que não seria necessário. Sabia. Simples mente sabia.

Ele se aproximou do sofá e tocou a mão frágil e inerte.

Sentia uma dor como jamais havia sentido antes.

- Ela ainda terá de fazer uma escolha. Nada está decidido, Kane. Entende o que digo, não é? Essa mulher não vai amá-lo, a menos que a conquiste. E antes que isso possa acontecer, meu jovem amigo, vai ter de trazê-la de volta a vida. Veja, sente-se. Seja paciente. Tudo vai se revelar no devido tempo.

Kane obedeceu e acatou as orientações do venerável ancião sem dizer nada.

Isabella andava de um lado para o outro quando um sopro de vento passou por ela. Houve um baque surdo as suas costas, e ela se virou para dar as boas-vindas a Elijah.

- Jacob me pediu para vir procurá-la. O que aconteceu? Você esta bem?

Isabella correu a abraçar o novo amigo.

- Não se preocupe - ele disse. - Gideon nunca perdeu um paciente.

- Elijah, quantos anos você tem? É muito mais novo que os outros? Não vejo em você a mesma formalidade, a mesma severidade...

- Tenho quinhentos e setenta e seis anos. Gideon, Noah, Jacob e eu somos os Demônios mais velhos entre os vivos. - O que aconteceu com seus pais? Com os pais de Jacob? - ela indagou curiosa.

- O último ataque dos nigromantes foi brutal. Eles causaram muito dano. Meus pais, o pai de Noah e o de Jacob foram intimados em estágios distintos dos últimos séculos. A mãe de Jacob não viveu por muito tempo depois de ter dado a luz Kane. E se não sou como os outros, é porque a morte de meus pais me fez rever alguns conceitos mais antigos da nossa cultura.

- Entendo. Obrigado por ter me contado tudo isso. Não deve ser fácil falar sobre um passado tão amargo.

- Pior é saber que os nigromantes voltaram. Você é nossa maior esperança, Isabella. Talvez agora, com a proteção e a companhia de Druidas de coração generoso como o seu, possamos nos defender.

- É o que eu espero também, Elijah. Mas, conhecendo os humanos como conheço, devo dizer que ser Druida não vai, necessariamente, fazer de alguém uma boa pessoa.

- Isso vale para qualquer raça. Basta olhar para aquela Ruth para saber disso.

Ela riu.

- Você é incorrigível, Elijah! Diga-me, como os nigromantes descobrem seus verdadeiros nomes, se poucas pessoas tem essa informação?

- A culpa é nossa. Antes de tomarmos o ritual secreto, mantínhamos registros de nomes e nascimentos. Em algum momento, os nigromantes encontraram a lista. A devastação que se seguiu jamais será esquecida. Gideon foi o único ancião a sobreviver ao massacre. Jacob, Noah e eu fomos os únicos três sobreviventes de um grupo de três dúzias.

- Sim, mas e agora? Como os nigromantes conseguiram os nomes?

- Não sei. Deve ter sido Lucas, porque ele foi *siddah* de Saul. E há outros desaparecidos. Atormentado, ele revelou os nomes de seus afilhados.

- Lucas tinha filhos cujos nomes pudesse revelar?

- Duas filhas. E muitos afilhados.

- Oh, não! Como eles poderão ser protegidos?

- Não há proteção possível. Todos sabem que eles poderão ser os próximos intimados. Tudo que podemos fazer é começar a caçar os bastardos.

- Elijah, não acha que pode haver por aí uma druidisa com seu nome tatuado nos genes?

Ela riu ao ver a expressão horrorizada no rosto dele.

- Não perca seu tempo, Defensora! Ninguém vai me convencer de que o casamento é melhor do que a liberdade que tenho agora.

Gideon abriu a porta do quarto, interrompendo a conversa.

- E então? Ela está bem?

- Vai estar melhor se passar alguns dias junto a presença de Kane. Não espero que ela desperte antes disso, mas sua irmã está fora de perigo. E ela demonstrou uma força admirável, Defensora. Resistiu por muito mais tempo do que é habitual.

- Esta dizendo que ela é Kane... que eles são... como Jacob e eu?

- Não há nenhuma grande curiosidade nisso, druidisa. Jacob e Kane tem genética semelhante, como você e sua irmã. É razoável que, se Jacob e você são complementares, eles também sejam.

- Corr vai perder meu casamento...

- Mas vai sobreviver para estar presente no dela.

Isabella assentiu. Podia entender a lógica da declaração do médico.

Capítulo VII

Legna ajeitou a fita no cabelo da nova amiga. O vestido prata era lindo. Isabella seria uma noiva esplendorosa.

- Só há duas noites no ano quando os Demônios realizam essa cerimônia de casamento. Samhain e Beltane. Sendo assim, não desmaie, porque vai perder a cerimônia de hoje, e então terá de esperar seis meses pela próxima.

- Não pretendo perder meu casamento, Legna. Estou um pouco nervosa, é verdade, mas não vou desmaiar. A menos que as emoções sejam intensas demais e... Legna, como consegue filtrar tudo isso?

- Acho que já me habituei. Desprezo o que é inútil e bloqueio o que me perturba. Levei alguns anos para aperfeiçoar as barreiras que utilizo agora. Quer que eu me afaste? Acha que vai ajudar em alguma coisa?

- Não, por favor. Você é a única que me mantém em pé no momento.

- É interessante que minha empatia a afete sem nenhum esforço de sua parte, mas quando absorve os poderes de um homem você tenha de se concentrar para usá-los.

- Às vezes fico em pânico, também. Mas acho que é a fonte do poder que determina minha reação. Os homens precisam se concentrar para usar suas habilidades. Você, ao contrario, tem de se concentrar para não usar as suas.

- Não é bem assim. Transportar exige grande concentração.

- Isso explica por que estou aqui, não explodindo no Peru ou em algum outro lugar qualquer.

Legna riu.

- Pronto - disse. - Você está linda.

- Obrigada. Por tudo. Devia ser Corrine ao meu lado, mas ela esta tão doente! E você sempre me tratou com bondade e generosidade. Isso significa muito para mim.

- Para mim também. Fico honrada por saber que me considera digna de ocupar o lugar de sua irmã.

- E eu fico muito feliz por poder contar com sua amizade. Depois do que aconteceu...

- Esqueça. Também cometi erros e gafes quando estava sendo treinada. É normal. Podemos ir?

- Sim, é claro. Só preciso entender por que tenho de congelar o traseiro no meio do bosque!

Legna riu.

- É a tradição. Seu parceiro deve encontrá-la e carregá-la para o altar. Isso simboliza a intenção de nunca permitir que nada os separe. Levá-la ao altar simboliza seu dever de ajudá-la a superar obstáculos para que, juntos, vocês possam viver momentos de intensa felicidade.

- É muito romântico. Mas um pouco machista...

- Não é nada machista. Dividir responsabilidades é um dos pilares da igualdade. A noiva deve amarrar a fita que simboliza o acordo de união no pulso do noivo. A fita branca simboliza honestidade, amor e fidelidade, e deixando-se amarrar, o noivo declara que sempre proverá a sua mulher e a família, como ela o proverá também. O preto é a promessa de que eles farão tudo que puderem para proteger a união, os filhos e a perpetuação da essência de nossa cultura.

- Mas você amarrou uma fita vermelha a ponta da fita preta. O que isso significa?

- Não há uma explicação. Senti que seria justo lembrar que você tem sua própria cultura, e que ela terá o mesmo direito a perpetuação em seus filhos.

- Ah, agora estamos falando como feministas progressistas!

- Ei, eu nunca disse que era antiquada! Agora vá. Vou avisar Jacob que você está pronta e esperando por ele. Boa sorte. Desejo que seja muito feliz!

- Obrigada, Legna.

Isabella ficou sozinha no bosque, sentada sobre uma pedra ao lado de um pinheiro. Depois de ajeitar o vestido e as fitas, ela cruzou os braços para resguardar o calor do corpo. A noite era gelada, e podia sentir cheiro de neve no ar, embora fosse apenas outubro.

- Depressa, Jacob. Estou congelando o traseiro nessa droga de frio!

- Vim o mais depressa que pude, considerando que seria roais sensato percorrer os últimos metros a pé.

Isabella virou-se sorrindo e ficou em pé, saltando para os braços de Jacob.

- Já posso até ver a cena em alguns anos... Papai, como foi o dia de seu casamento? Ah, meu filho, as primeiras palavras que sua mãe disse foram: "pensei que ia ter de casar com o traseiro congelado!".

- Muito romântico. Acha que será um menino?

- Tenho cinquenta por cento de certeza.

- É uma chance considerável. Venha, minha flor, quero me casar com você a tempo de desfrutar da lua cheia. Ele a tomou nos braços para carregá-la. - Infelizmente, vamos ter de ir caminhando.

- De minha parte, não tenho do que reclamar.

- É melhor parar de beijar minha orelha, ou vou acabar tropeçando e caindo. E você não vai gostar do tombo. Vai sujar seu vestido.

- Siga em frente, Defensor. Eu posso esperar mais um pouco... Bem pouco!

- Fique quieta! Quero chegar na cerimônia do meu casamento com um mínimo da minha dignidade intacta. Pelo Destino, em que estou me metendo?

-Agora... em nada. Em uma hora, mais ou menos... Espero que em mim.

- Isabella!

- Por que estão demorando tanto? - Elijah reclamou.

- Seja paciente - Legna o censurou, encolhendo-se ao lado do irmão. Ele a manteria aquecida enquanto os três esperavam pelos noivos.

- Jacob! Ponha-me no chão imediatamente, ou vou acabar me casando com outro!

A voz de Isabella soou estridente na noite gelada, meio aborrecida, meio debochada. Os três convidados respiraram aliviados, mas não por muito tempo. Jacob realmente carregara a noiva desde o bosque, mas sobre um ombro, exibindo o traseiro de Isabella sob o vestido prateado.

Elijah não conteve o riso. Legna emitiu uma exclamação horrorizada. Noah manteve-se imóvel.

- Por que a surpresa? - o Rei perguntou. - o que esperava desses dois?

- Você merecia o castigo, sua provocadora!

- Jacob, por favor, está me embaraçando!

- E sair do bosque com uma ereção visível num raio de quilômetros não teria sido embaraçoso?

- Eu já pedi desculpas!

Jacob deixou a noiva no chão diante do altar. Isabella encarou o trio que os esperava, ajeitando os cabelos que haviam caído sobre seu rosto. Ela agia como se estivesse chegando em uma limusine.

- Isabella, Jacob, coloquem-se diante do altar - Noah os instruiu sério, apesar do brilho em seus olhos. - Isabella, segure a mão direita de Jacob na sua mão direita.

Ela estendeu o braço onde levava amarradas as fitas, segurando a mão do noivo.

- Agora, amarre as fitas em torno do pulso de Jacob. Enquanto cumpria as orientações de Noah, Isabella sentiu Legna se colocar atrás dela e segurar seus ombros. Elijah fazia o mesmo por Jacob.

- Os dois Demônios que agora guardam suas costas ai estão para demonstrar que apóiam sua união. Eles não vão soltá-los até que a união se complete, e depois disso vocês se sustentarão, apoiarão e protegerão até o fim de seus dias. Jacob, o Defensor, amado por essa mulher, pai dos filhos que ela terá, guardião do coração, da alma e da vida de sua amada, ajoelhe-se diante dela para expressar reconhecimento pela benção de tê-la como parceira de vida, de tê-la como sua alegria e o centro de seu destino.

Jacob ajoelhou-se e cravou os olhos nos dela.

- Isabella, você é meu destino - disse, levando a mão dela aos lábios.

- Levante-se, Jacob. Isabella, a Defensora, amada por esse homem, mãe dos filhos que ele terá, guardiã do coração, da alma e da vida de seu amado, ajoelhe-se diante dele para expressar reconhecimento pela benção de tê-lo como parceiro de vida, de tê-lo como sua alegria e...

Nesse momento, Legna gritou, chamando a atenção dos presentes.

- Legna, esta me machucando! - Isabella protestou ao sentir os dedos da amiga cravados em seus ombros.

Assim dizendo, Isabella virou-se para ver o que perturbava Legna e identificou o terror nos olhos dela. Outro grito soou na escuridão. Um som horrível.

- Legna! - Isabella segurou-a pelos braços. Noah também gritou. Havia pavor em sua voz.

Os pés e as pernas de Legna desapareciam. Ela gritava desesperada, tomada por uma horrível agonia, e agarrava-se à amiga. Jacob tentava separá-las.

Isabella compreendeu o que estava acontecendo. Havia um nome para o que testemunhava ali, e o evento tinha ramificações terríveis.

- Não! Não! - gritou, tentando manter ali o que restava de Legna, agarrando-se a ela com desespero. - Isabella! Solte-a! - Jacob gritou.

- Não! Legna, lute! Não se entregue!

De repente, uma dor intensa a tomou de assalto. Uma intensa agonia.

Uma explosão cor de laranja a atingiu como uma onda atômica, fragmentando seu corpo até a última molécula.

Jacob gritou ao sentir que a mão de Isabella escapava da dele. As fitas se partiram. Ela e Legna haviam desaparecido por completo.

- Isabella! Isabella!

- Jacob, acalme-se!

- Elijah, como pode ser? Ela não é Demônio! Não pode ser intimada! Quem saberia fazer tal coisa, quem teria noção de sua importância?

Ninguém sabia responder. O chão tremeu. Lava incandescente jorrava das frestas abertas no solo. Noah extravasa sua ira.

Elijah tentou conter a deflagração reunindo rapidamente nuvens carregadas de chuva. Depois, segurando o Rei pelos braços, ele o sacudiu para chamar sua atenção.

- Jacob! Noah! Não podemos perder tempo! Só nós podemos corrigir o que acaba de acontecer aqui. Temos de combinar nossas forças, e temos de começar agora! Nós três!

Jacob sabia que a situação era crítica. Nenhum Demônio jamais havia escapado ileso de uma intimação. Mas Isabella não era Demônio, e Legna... Lutariam por ela. Nem que fosse sua última missão como Defensor, Jacob jurou recuperar as duas e destruir aqueles que as haviam intimado.

Noah respirou fundo, recuperando a calma e reunindo forças. Não mediria esforços para trazer de volta as duas mulheres que haviam sido levadas.

- Quatro, Elijah. Somos quatro - disse Noah. - Vá buscar Gideon. E quando as encontrarmos... - o Rei olhou nos olhos de Jacob. - É melhor lembrar quem você é e qual é seu dever. Se ela sofrer, mesmo que só por um segundo...

- Ela não vai sofrer. Jamais desapontarei a confiança que meu Rei depositou em mim. Eu juro! Elijah! Você é o capitão guerreiro! Ordeno que vá buscar Gideon agora!

Elijah partiu num funil de vento.

- Confie em mim, Noah - Jacob pediu mais uma vez. - E confie em Isabella. Ela saberá o que fazer. Ela vai proteger Legna.

- Confio em vocês, Defensor. Noah arrancou as fitas que ainda pendiam do braço de Jacob. - Espero poder terminar em breve o que começamos aqui esta noite.

- Duas pelo preço de uma! - Ouviu-se uma voz masculina.

- Impossível! - exclamou outro homem.

- Não está vendo? Temos duas. Não é impossível.

- Você! Demônio! Qual é o significado disso?

Houve um assobio sinistro, longo, e em seguida Isabella ouviu uma voz horrível que só escutara uma vez antes.

- É... inédito, meu amo. Duas. Duas. Não mereço uma recompensa? Liberte-me, meu amo.

- Não, Demônio. Ainda não estou satisfeito. O homem assumiu uma voz mais suave, hipnótica. - Mas, prometo, assim que meus experimentos chegarem a uma conclusão satisfatória, você terá sua liberdade.

Isabella abriu um olho, tentando resistir a intensa iluminação. O lugar estava inundado por aquela misteriosa luz azul que vira no galpão na noite em que conhecera Jacob.

Estava sentada no centro de um grande pentagrama riscado com carvão sobre o piso de madeira. A luz azul desaparecia, a visão melhorava, e ela viu Legna caída alguns passos à sua esquerda.

Como havia acontecido? O que fazia ali? Não era um Demônio! Pelo que estudara, a intimação de um Demônio nunca afetava quem estivesse perto dele; a intimação era específica e limitada à fonte de poder conectado ao nome utilizado para o ato de aprisionamento. Então, como havia sido levada também? As respostas teriam de esperar. Precisava ajudar Legna enquanto a transformação não ocorria. Apoiada sobre as mãos e os joelhos, ela se aproximou da amiga e tocou-a no rosto. Legna ardia em febre.

- Ei, aquela está acordada!

- São fêmeas. Não pensei que houvesse fêmeas.

- Essas criaturas do inferno são a tentação em forma de gente! Nunca ouviu falar nisso? Veja como se fazem lindas!

Isabella olhou para os nigromantes que estavam falando.

Havia dois feiticeiros em pé perto do pentagrama e um casal sentado diante de uma mesa não muito afastada. Só então ela percebeu o cheiro. Insuportável! Como pêlo queimado, ovos podres e gasolina misturados. Ela cobriu a boca e o nariz tentando conter a náusea.

- Aquela é pequena. Riu a feiticeira. - Acho que deviam jogar de volta, como fazem os pescadores.

Os feiticeiros riram da piada. Um deles aproximou-se do pentagrama e se abaixou para encarar Isabella.

- O que acha, manjuba? Devemos jogar você de volta? Ou prefere ficar e esperar até sua beleza se transformar em horror, como acontece com todos? Vai babar, gritar palavrões e dizer todos os nomes que sabe para salvar a própria pele. Vocês nunca ouviram falar em lealdade? Eu disse, Ingrid. - Ele olhou para a feiticeira. - São todos iguais. Como aquele ali.

Isabella olhou na direção apontada pelo nigromante. Havia um segundo pentagrama riscado no chão, e dentro dele estava um Demônio transformado. Sua aparência era a mesma de Saul antes de morrer.

- Sabe, Kyle, tenho a impressão de que a pequenina é mais forte do que parece. O macho levou horas para acordar. A outra fêmea esta desacordada, mas ela já está consciente.

- Tem razão. E então, vadia demoníaca? Não vai falar nada? Não quer ir embora? Se cooperar, logo terá sua liberdade. Sei que quer dizer alguma coisa.

Isabella sabia que não corria perigo imediato, mas a vida de Legna dependia do que ela fizesse nos próximos minutos. Tinha de manter a calma, descobrir onde estava e convocar quem pudesse ajudá-las.

Sabia que podia neutralizar poderes. Devia funcionar com magia negra, também. E o pentagrama? Continha Demônios, mas aprisionariam também uma druidisa? Ou ela havia anulado os poderes do desenho com sua presença?

Precisava agir. Tinha de salvar Legna e destruir todos que conheciam seu nome, pois só assim ela estaria livre de novas ameaças. Para isso tinha de destruir os nigromantes e o Demônio pervertido que a sacrificara na esperança de obter a liberdade.

Fisicamente, nenhum deles representaria grande desafio. O grupo tinha um excesso de confiança que poderia funcionar a seu favor. Sabia que eram poderosos, inteligentes e capazes de grandes realizações, mas também sabia que eram repudiados pela própria raça pela falta de ética e moral. Eram rejeitados.

Kyle se cansou de observá-la e voltou para perto dos outros. Ele usava um manto azul e dourado que parecia ter sido copiado de um conto de fadas. Merlin. Os outros também estavam fantasiados. Seria ridículo, se tudo aquilo não ameaçasse pessoas que amava profundamente.

- Por que acham que conseguimos trazer duas? - questionou um feiticeiro gordo e ofegante.

- Talvez tenham o mesmo nome. Não sei, Rick. Mas já que temos duas... Santo vai ficar muito impressionado. Quanto mais dessas coisas pegarmos, mais magia ele dividirá conosco. Mal posso esperar para aprender aquele encantamento com fogo!

- E eu quero saber mais sobre o encantamento do glamour - declarou a feiticeira.

- Venderia a alma para ter uma aparência de top model e ir dar umas aulinhas de humildade a um ou dois sujeitos que conheço.

- Você não precisa disso. Já tem a mim, princesa - disse Rick, aproximando-se para tocá-la no rosto.

Isabella olhou para Legna. Ela estava pálida, ainda muito quente, mas não parecia sofrer nenhuma outra alteração. Ela a abraçou. Estava aliviada, mas confusa, também. De algum lugar tirara a impressão de que a transformação começava logo depois da intimação. Por outro lado, era impossível saber se mudanças internas já não estavam em andamento. Fechando os olhos, Isabella tentou alcançar Jacob em pensamento.

Jacob estava encolhido sobre uma das inúmeras gárgulas que decoravam o velho edifício de tijolos aparentes. Todos os sentidos estavam aguçados, e ele olhava para a rua onde Noah esperava apoiado contra a fachada do prédio, aparentemente ocioso. Na verdade, Noah monitorava o fluxo de energia no local. Cada ser vivo no universo tinha uma assinatura energética única.

O que os nigromantes não sabiam era que uma intimação não fazia um Demônio simplesmente desaparecer de um lugar e aparecer em outro. A intimação convertia a vítima para uma forma de energia pura e única, e depois essa energia era arrastada por uma rota absolutamente física desde o ponto de partida até o ponto de chegada. Havia um rastro que podia ser seguido com facilidade por aqueles com habilidade para isso.

O problema vinha no final do rastro. Quanto mais perto do esconderijo de um nigromante, mais confusa ficava a busca. Os feiticeiros se disfarçavam usando encantamentos e truques que os faziam invisíveis até ao mais poderoso Demônio caçador.

Era nesse ponto que Jacob tinha de abandonar o instinto e usar a lógica. Áreas de elevada densidade populacional, como era o caso do Bronx, dificultavam ainda mais a tarefa. Havia dúzias de galpões e depósitos no bairro onde ficava o

apartamento de Isabella. Não fosse por sua premonição, jamais teriam encontrado o local exato.

Mas as atividades de um nigromante chamavam muita atenção, e as vezes um punhado de perguntas simples resolvia esse problema de localização. Além do mais, havia o cheiro. Se houvessem percorrido uma rua recentemente, Jacob os seguia com facilidade.

Jacob saltou da gárgula e aterrissou com suavidade ao lado do Rei.

- Rastro frio. Teve mais sorte?

- Não - Noah suspirou.

- Não podem estar muito longe daqui.

- Já consegue sentir Isabella?

-Não.

De repente Jacob sentiu um cheiro conhecido no ar.

- Elijah - os dois Demônios disseram em uníssono. O capitão guerreiro se materializou diante deles.

- Alguma notícia?

- Gideon acha que pode encontrá-los - Elijah anunciou com entusiasmo. - Ele está varrendo a área em sua forma astral. Disse alguma coisa sobre o código genético de Isabella ser como um anúncio luminoso. Não sei o que isso significa, mas tenho um bom pressentimento.

Isabella se afastou de Legna. Talvez assim a amiga recuperasse a consciência.

Dois nigromantes haviam deixado o lugar. O terceiro estava ocupado em uma cozinha improvisada no extremo oposto do cômodo. A feiticeira continuava sentada a mesa, fazendo bolas com goma de mascar e lendo um livro quase tão antigo quanto os que encontrara na biblioteca dos Demônios. Sua atenção estava dividida entre o texto e os movimentos de Isabella.

Depois de alguns instantes, ela fechou o livro, levantou-se e caminhou até a beirada do pentagrama. Isabella andava de um lado para o outro ao lado do pentagrama riscado no chão.

- Ei, você! Que roupa é essa! Por que usa esse vestido e essas fitas no pulso?

- Estava em um casamento.

Surpresa com a resposta, Ingrid arregalou os olhos.

- Um casamento? Vocês têm casamentos?
- Sim, temos. Casamentos, maridos, esposas, filhos, artistas, poetas, médicos e ministros, exatamente como vocês.
- Ah! - A feiticeira riu.
- Por que eu mentiria?
- Porque vai fazer qualquer coisa para salvar seu pescoço.
- E você não tentaria se proteger, se estivéssemos em posições trocadas?

A pergunta causou um certo desconforto na feiticeira.

- Se estivéssemos em posições trocadas, eu jamais teria aquela aparência - ela disse, apontando para o Demônio transformado no outro pentagrama.
- Tem certeza? Sua magia é cheia de veneno e mal. Talvez consiga dar essa aparência a qualquer ser vivo. Até mesmo para um humano.
- A magia só despe a capa de glamour que vocês criam para esconder suas monstruosidades. Todo Demônio que intimamos é sempre lindo. Não é natural. Aquela é a aparência natural para um monstro.
- Monstros? O que nos faz mais monstros que vocês? Escravizam seres vivos, criaturas que respiram, e as usam para o mal sem misericórdia ou compaixão!
- Você não é uma pessoa, é um Demônio do inferno! Li muito sobre vocês. São sedutores, cheios de lascívia, ambiciosos...
- Parece muito segura do que diz.
- Porque sei que estou certa.
- Como se sentiria se alguém acreditasse nas mesmas coisas a seu respeito? Afinal, também usa a magia! As pessoas teriam medo de você por isso.
- Não seja estúpida! Não é a mesma coisa. E não pense que vai me envolver com suas palavras impressionantes. Conheço todos os seus truques.
- Você não conhece nem a metade deles.
- Vá em frente! Tente usar seus truques. Vai ser divertido ver você se contorcendo no chão quando o pentagrama refletir a energia para o seu interior. Seria um bom castigo por tentar me desafiar.

- Você primeiro - Isabella provocou. - Vamos ver se tem mesmo todo esse poder que apregoa. Certamente consegue atravessar a barreira? Vamos lá, use aquela descarga elétrica para fritar minhas entranhas! Isso... - Isabella sorriu ao ver a feiticeira arregalar os olhos. - Já vi sua gente em ação antes. E sabe de uma coisa? Estou viva! E bem! Pode imaginar?

- Mentirosa! Demônio, meretriz mentirosa!

- Ah, você o conhece! Ele me contou sobre uma certa sociedade... Não deve ser muito grande. Um cara alto, magro, de cabelos escuros... Um cruzamento esquisito de *nerd* e atleta. Conhece?

- Cale a boca! - A feiticeira se irritou. Uma energia azul começou a percorrer sua aura. - É melhor calar a boca, ou vai descobrir bem depressa como minha magia atravessa o pentagrama.

Isabella deu um passo na direção da feiticeira e sorriu.

- Ingrid, saia daí - Kyle a agarrou pelo braço e puxou para longe do pentagrama. - Por acaso é idiota?

- Solte-me! Aquela coisa não pode atravessar o pentagrama. Não há perigo.

Kyle olhou para Isabella.

Ela sorriu, provocando um arrepio e um desconforto evidentes no nigromante. - Então você fala, afinal...

- E tenho boa dicção, como pode perceber.

- Kyle, ela não é como os outros - Ingrid comentou. - Todos tem aquele sotaque esquisito, mas ela fala... não sei... Como se fosse do Brooklyn, talvez.

- Que diferença isso faz? - quis saber Kyle. - Por mim ela pode falar como Scarlett O'Hara! Ainda será um Demônio. Todos são mentirosos e dissimulados. Atores tentando nos enganar. Deixe de ser ingênua, Ingrid.

- Não sou ingênua! Estou dizendo, tenho um mau pressentimento com relação a... essa aí. Todos os outros ficaram apavorados dentro do pentagrama.

Kyle parou para pensar. Desconfiado, ele olhou para o outro pentagrama e se aproximou dele.

- Você! Conhece aquela ali? - Ele apontou para Isabella.

- Aquela... - o Demônio babava de satisfação, as unhas compridas arranhando o piso de madeira.

Legna gemeu atrás de Isabella. Nada era mais importante que proteger a amiga. Não sabia se o transformado a conhecia, mas sabia que ele diria o que bem entendesse. Nada poderia impedi-lo.

Ela se abaixou ao lado de Legna.

- *Aine ya hulli caun* - disse, usando instintivamente o novo conhecimento sobre idiomas antigos para alguma coisa além de interpretar a profecia.

Legna virou a cabeça em sua direção, os olhos expressando choque e medo.

- Língua de Demônio - disse o transformado rindo. Aquela... Demônio sim...

- O que ela disse? Droga!

- Língua de Demônio. Sim... - o transformado arrancou um pedaço de madeira do chão. - Tenha medo... não. Ela diz Legna não tenha medo... Indirianna... linda... succulenta Indirianna.

Isabella engoliu em seco. Sabia que o Demônio havia revelado o nome de força de Legna. Podia ver o horror nos olhos da amiga.

- Lucas - ela chamou com voz rouca.

- Indirianna! - Lucas repetiu, saltando dentro do pentagrama como um chimpanzé excitado e trancafiado em uma jaula. - *Rentinon siddah to Indirianna!*

- Lucas! - Legna soluçou, aproximando-se do limite do pentagrama e do Demônio transformado.

- Legna - Isabella a chamou, segurando-a pelo braço.

- Ele não é o Lucas que você conheceu. Não o provoque. Suas reações só vão feri-la ainda mais.

- Quanto tempo... - Legna perguntou com a voz embargada.

- Pouco mais de uma hora. Quanto tempo ainda temos?

- Não sei. Nenhum de nós sabe. Só conseguimos salvar um Demônio da intimação em todos esses séculos.

- Só um? - Isabella repetiu chocada.

- Sim, e ele nunca mais foi o mesmo. Era como se vivesse dividido entre civilização e animal selvagem. Jacob o matou, no final. Foi necessário. Ele começou a atacar nossas fêmeas. Quando Jacob o pegou, houve um confronto horrível e ele teve de matá-lo para defender a própria vida. Oh, Isabella! Estou com tanto medo! O que Jacob fará quando me encontrar?

- Ele não vai matar você.

- Jacob, o Defensor! O Defensor vem! Vem me matar! Vem me matar, Defensor!

- o animal na jaula riscada começou a rir, pulando de um lado para o outro.

Legna assustou-se. Isabella empalideceu.

- Sabe qual é o nome de Jacob? - Legna sussurrou.

- Não.

- Melhor assim. Lucas é um Demônio da mente. Um telepata. Poderia roubar seus pensamentos.

- Sou imune a telepatia. Ninguém pode ler meus pensamentos. Só Jacob.

- Sim, mas eu estou sem os meus poderes. Ele poderia roubar meus pensamentos.

- Afaste-se de mim, Legna. Talvez isso ajude.

- Não! Por favor, fique comigo... - Legna suplicou.

- Shhh... Está bem, estou aqui. Vamos pensar em alguma coisa. Sabe quanto tempo Jacob levou para encontrar o Demônio que conseguiu salvar?

- Não. Mas ele me disse que demorou quatro horas para encontrar Saul.

- Tudo bem. Não tenha medo. Não vou deixar que nada lhe aconteça.

- Ei, manjubinha, cale a boca! Se esta planejando fugir, pode esquecer - Kyle gritou. - Se nem os machos conseguiram...

- Que ótimo! Um nigromante chauvinista! Era tudo que o mundo precisava! - Isabella exclamou com tom seco.

- Já mandei ficar quieta.

- E melhor não provocá-lo - disse Legna.

- Não vou fazer nada. Acalme-se, esta bem? - Isabella murmurou.

Kyle olhou para Ingrid.

- Viu? Ela ficou quieta. É tão medrosa quanto os outros. Só está tentando disfarçar.

- Melhor assim. Quando faremos o primeiro experimento? Quero ver de que tipo são essas. Especialmente a pequenina.

- Vamos esperar pelos outros. Acho que em meia hora.

- Elefantes cor-de-rosa - Legna murmurou. - Elefantes cor-de-rosa.

Isabella riu.

- Elefantes cor-de-rosa com vestidos de bolinhas. acrescentou.

- Elefantes cor-de-rosa com vestidos de bolinhas e sombrinhas vermelhas.

- Elefantes cor-de-rosa! Elefantes cor-de-rosa! Bolinhas!

Muitas bolinhas! - Lucas gritava.

Legna e Isabella trocaram um olhar vitorioso. Enquanto Legna preservasse a imagem absurda na mente, a identidade de Isabella e seus poderes estariam protegidos do Demônio pervertido e dos nigromantes.

Era isso. Estavam sozinhas com dois feiticeiros. Podia tentar a fuga, mas então restariam outros dois que conheciam o nome de força de Legna. Não podia ficar ali esperando por Jacob, porque não sabia se ele chegaria em tempo.

Isabella aproveitou que ninguém as observava e sentou-se no chão, deslizando uma das mãos para o desenho. Os dedos passaram por cima da linha. Ótimo! Sabia que podia atravessar o pentagrama.

Um teste completo e bem-sucedido!

De repente, Legna sofreu uma violenta convulsão que se estendeu por alguns segundos. Depois seu corpo ficou inerte, sem vida. Uma brisa suave e sinistra agitava seus cabelos e o vestido. No momento seguinte, seus olhos se abriram e ela se sentou. E olhou diretamente para Isabella.

- Saudações, pequena Defensora - disse, os olhos prateados refletindo a sabedoria de um milênio de vida.

- Gideon? - Isabella sussurrou chocada.

- Eu mesmo. Conte-me tudo que sabe. Depressa.

- Quatro nigromantes, três machos, uma fêmea e, como pode ver, Lucas. O que estou fazendo aqui?

- Não sei. Tenho algumas hipóteses, mas prefiro concluir minha pesquisa antes de dizer alguma coisa.

-Gideon!

- Tudo bem... o nome de um Demônio está ligado a essência do poder desse Demônio. Um poder que você estava absorvendo no momento em que Legna foi intimada. Por isso, acho que foi confundida com o alvo original do chamado e trazida com ela para o pentagrama.

- Entendo.

- Um ato da providência, Defensora. Legna ainda não foi afetada. Você está anulando a energia que causaria a transformação.

- Ei! Não mandei vocês ficarem quietas? - Kyle gritou.

Gideon olhou para o nigromante como se estudasse um verme nojento.

Isabella se inclinou para sussurrar: - Onde está Legna?

- Dormindo em segurança no próprio subconsciente.

- Não sabia que isso era possível!

- Nunca ouviu falar em possessão demoníaca?

Gideon fazendo piadas?

- Agora chega. Vai ter uma lição, manjubinha! - Kyle explodiu furioso.

- Que importância tem se conversamos, nigromante? Tem medo de perder o controle sobre nós? - Isabella disparou, tentando usar a psicologia para impedi-lo de fazer qualquer coisa que pudesse revelar a verdade da situação.

- Medo? Eu? Não. Só quero que aprenda a me obedecer, cadela!

O corpo de Legna caiu no chão. Seus olhos estavam fechados.

- Ei! Você fez aquela desmaiar de medo! - Riu Ingrid.

- Que divertido! Vamos lá, dê uma boa lição na outra, Kyle! Ela merece!

Isabella levantou-se. Não ficaria sentada no chão enquanto aquele ser estúpido a ameaçava.

- Kyle, o que esta acontecendo?

O nigromante se virou para a porta ao ouvir a voz de um dos companheiros que voltava.

- Ah, ai estão vocês! Vamos começar a sessão. Estou ansioso para ouvir essas duas gritando!

Isabella aproximou-se do risco do pentagrama mais próximo dos nigromantes. Eles a ignoravam, dando as mãos e formando um círculo. Legna se mexeu atrás dela. Lucas começou a guinchar. Era evidente que ele conhecia o ritual e estava apavorado.

- Isabella? - Legna chamou.

- Fique atrás de mim. Reúna suas forças!

Centelhas de luz azul começaram a espocar como minúsculos fogos de artifício em torno dos nigromantes. Eles cantavam e giravam de mãos dadas.

Depressa, Gideon! Depressa!

Estamos chegando, minha flor.

A voz poderosa ecoando em sua mente causou um alívio tão grande que Isabella sentiu vontade de chorar.

Rapidamente, Jacob transmitiu todo o seu apoio e sua confiança, obtendo as informações de que necessitava para agir de maneira rápida e eficiente.

Concluído o intercâmbio, ele decidiu:

- Agora, Isabella. Faça o que tem de ser feito!

Ela se aproximou do círculo tossindo.

A primeira a olhar em sua direção foi Ingrid.

- Kyle! Ela está fora do pentagrama!

Kyle virou-se. A energia azul se retorceu em espirais desgovernadas, seu fluxo interrompido.

- Onde se pode conseguir alguma comida por aqui? Isabella perguntou.

- Como conseguiu sair do pentagrama?

- Sai porque não sou um Demônio! Como podem ser tão estúpidos?

A declaração foi decisiva. A concentração acabou, pondo fim também a magia. Uma forte explosão os tirou do chão. Isabella foi arremessada contra uma

parede e teve todo o ar expelido dos pulmões. O som de um osso se partindo reverberou em sua cabeça. Ela caiu como uma pedra, emitindo um gemido fraco. Tentou se locomover, apoiando-se sobre mãos e joelhos, mas gritou de dor e caiu novamente quando alguma coisa a atingiu no lado direito do corpo.

Lutaria contra a dor. Reagiria. Jacob e os outros precisavam dela. Ela era a Defensora, nascida para caçar os transformados, e tinha de cumprir sua missão. Isabella se levantou, respirou fundo...

E então ela viu Jacob.

Ele surgiu numa explosão de poeira escura e ameaçadora, assumindo sua poderosa forma física em menos de um segundo.

Vê-lo a encheu de força e determinação. Tomada por um repentino orgulho pelo parceiro, ela esqueceu a dor. Ainda estava tentando endireitar a coluna, quando uma rajada de vento passou por ela. Elijah solidificou-se. Isabella voltou a atenção para o segundo pentagrama.

Lucas saltou para o alto, livre para escapar e voar com suas novas asas. Ele tentava alcançar uma janela sem se importar com a vidraça que a mantinha fechada.

Isabella o seguiu. Se pudesse enfrentá-lo lá fora, não teria de se preocupar com a possibilidade de interferir nos poderes dos Demônios que a cercavam.

Elijah se aproximou do segundo nigromante. O gorducho parecia prestes a molhar a calça de medo, mas a feiticeira que o protegia era muito mais corajosa. E muito mais forte, também.

Contudo, Legna ainda era mais rápida. Com um salto magistral, ela derrubou a feiticeira e a agarrou pelo pescoço. - Demônio do inferno, não é?

Ela usava seus poderes para plantar na mente da humana cenas aterrorizantes.

Ingrid gritava. Era horrível ser lançada ao inferno como o imaginava desde os seis anos de idade. As chamas queimavam sua carne e gritavam seu nome. Todas as pessoas que enganara e submetera a crueldades ao longo da vida, abriam os braços para recebê-la no poço sem fundo, rastejando e clamando por vingança.

Ela ainda estava bem viva quando seus inimigos começaram a arrancar pedaços de seu corpo. Morreu entre as mãos de Legna antes de o último pedaço ser dilacerado.

- O inferno é sua mente, nigromante - Legna sussurrou. - Como é a morte a partir do momento em que você acredita nela.

Enquanto isso, a forma astral de Gideon pairava sobre o terceiro feiticeiro, que usava seus poderes para conjurar uma nuvem tóxica com a qual pretendia vencer o Demônio. Gideon ria enquanto a névoa escura passava através dele.

- É uma tragédia que um ser tão frágil e patético tenha causado tanto sofrimento aos de minha raça - Gideon comentou, cravando no feiticeiro os olhos prateados. Com a velocidade do pensamento, ele adquiriu forma física e agarrou o nigromante pelo pescoço, girando-o no ar e arremessando-o contra uma parede. Com ou sem magia, ele não passava de um frágil mortal. E a morte ainda era uma punição suave demais para ele.

Legna estava salva. Gideon olhou na direção dela e a viu em pé, forte, satisfeita por ter eliminado a criatura que a ameaçara. Era o orgulho de um caçador. Nesse momento vitorioso, ela era ainda mais bela que nunca. Gideon sentiu uma resposta selvagem, uma urgência tão vital que só com todo o seu poder de controle, ele conseguiu sufocar os pensamentos antes de Legna tomar conhecimento deles.

Jacob e Noah cuidaram de Kyle. De longe o mais poderoso do quarteto, ele emitia ondas elétricas que brotavam da ponta de seus dedos. Noah levantou uma das mãos, atraindo todos os raios como um ímã.

O nigromante deu início a um segundo ataque, dessa vez promovendo uma rajada de tiros de pregos que voavam como se tivessem vida própria.

Jacob sentiu os objetos atingindo seu corpo antes mesmo de vê-los e identificá-los. Outros acertaram Noah, desequilibrando-o. Cada prego era como uma brasa perfurando a carne dos Demônios. Usando toda a concentração que tinha, Jacob segurou o braço de Noah e os transportou numa espiral de poeira. Os pregos caíram no piso de madeira.

Os Demônios se materializaram, dando início ao contra-ataque.

Noah lançou uma bola de fogo, o nigromante se valeu de um encantamento, e a bola de fogo se chocou contra um escudo invisível antes de atingir o alvo. Noah

praguejou, enquanto Jacob concentrava toda a energia que tinha em seus pensamentos.

Noah sentiu a atmosfera mudar. O nigromante estremeceu. Jacob continuou manipulando a gravidade até fazê-lo cair de joelhos sob o próprio peso.

Legna decidiu que era hora de deixar Jacob e Noah sozinhos. Enquanto houvesse mais Demônios no lugar, eles não poderiam fazer pleno uso de seus poderes. Rapidamente Elijah e Legna saíram.

- Onde esta Isabella? - Legna perguntou ao chegar na rua.

Isabella enfrentava o Demônio transformado. Ele babava e repetia obscenidades, relatando o que faria quando a pegasse.

- Isso, venha me pegar, bonitão - Isabella provocava o Demônio que saltou em sua direção, mas só encontrou o vazio. A druidisa era rápida demais para ele. Ele se apoiou como um animal quadrúpede, grunhindo e se sacudindo como um cachorro saindo da água, olhando em volta para tentar encontrá-la. Legna estava exatamente no mesmo lugar de antes, quando o ataque começara. O transformado a olhou confuso por um instante. Depois, furioso, saltou novamente.

E dessa vez ele foi mais rápido.

- Isabella!

O grito de Jacob atraiu a atenção de Noah. O Defensor estava dividido entre duas batalhas, e o Rei precisava dele ali, focado e concentrado. Agarrando-o pela manga, Noah o tirou do caminho do ataque do nigromante, jogando-o contra a parede para chamar sua atenção.

- Preste atenção! - Noah grunhiu.

Enquanto isso, Isabella reagia de acordo com o treinamento que recebera. Enojada com a criatura que tocava seu corpo como se quisesse devorá-la, ela enterrou as unhas nos olhos do transformado, que recuou imediatamente uivando de dor. Isabella girou sobre o próprio corpo, e quando se levantou já tinha um dos pés preparados para acertar a cabeça da criatura. O som do choque a encheu de satisfação.

O transformado caiu, e a pequena Defensora o atacou com toda a força e habilidade recém-descobertas. Cada golpe atingia um órgão vital. O Demônio

transformado se contorcia e rugia, até que, fechando um punho, ela desferiu um golpe certo e violento contra seu coração.

O último urro de Lucas jamais se apagaria da memória de Isabella.

- Como vamos nos aproximar dele? - Noah perguntou furioso. - o nigromante está cercado por um escudo de magia!

- Todos já deixaram o prédio - disse Jacob. - Não precisamos mais nos aproximar dele. - Ele abriu os braços e sacudiu o edifício.

O nigromante, pego de surpresa pelo terremoto, foi dominado pela reação humana instintiva do medo. A concentração foi rompida, e Noah tirou proveito desse instante de fraqueza lançando contra o feiticeiro uma enorme bola de fogo que fez arder tudo o que fosse volátil que havia ali. Todo o prédio explodiu em chamas, menos o local onde estava Jacob. O nigromante gritou quando seu ridículo manto e o restante de suas roupas viraram cinzas, o cheiro de carne queimada se espalhou por todo o quarteirão.

E assim, num instante, a batalha chegou ao fim.

Jacob encontrou Isabella sentada na calçada. Chorando.

Suja, machucada, com os cabelos chamuscados pelo fogo.

- Isabella?

Ao ouvir a voz dele, ela levantou a cabeça para fitá-lo e rompeu num pranto convulsivo.

- Shhh... - Jacob abraçou-a. - Acabou. Vai ficar tudo bem.

- Eu... eu...

- Você o que?

- Esqueci... Esqueci que quando você matou aquela coisa, ela explodiu em chamas! Oh, Jacob... Jacob, queimei todo o meu cabelo!

Jacob fazia um esforço enorme para não rir. Se ela percebesse o menor sinal de humor, não o deixaria sair dali com vida. Mas era difícil, porque alívio e cansaço se misturavam, desfazendo suas defesas.

Noah e os outros chegaram em seguida. O Rei nem tentou conter o riso, apesar do olhar de censura da irmã.

- Desculpe, Isabella, mas é mais forte do que eu - ele disse.

- Tudo bem, pode rir. Eu mereço. Isabella soluçou, deixando o temperamento explosivo vir a tona. - Eu também ri quando queimei sua sala e o deixei careca. E você ficou muito mais ridículo do que eu estou agora!

- Isabella! - Legna exclamou.

Foi a vez dela rir, enquanto o Rei recuperava a sobriedade e tinha o rosto tingido por um vermelho intenso.

- Podemos ir para casa? Preciso de um banho...

- Obrigada, Isabella. Por tudo - Legna murmurou. E não se preocupe com o cabelo. Gideon pode dar um jeito nisso. Não é, Gideon?

- Se você quiser...

Legna fitou os olhos prateados do Demônio, estranhando a resposta. Seria sua imaginação, ou ele falava com ela, não com Isabella?

- E não esqueçam - ela voltou a falar com a amiga. - Esta ainda é sua noite de núpcias.

- Se conseguirmos terminar a cerimônia antes de a lua baixar... - apontou Noah.

- Duvido que ela agüente mais alguma coisa esta noite, Gideon interferiu. - Isabella fraturou três costelas e tem profundas lacerações por todo o corpo. Ela está perdendo sangue. Não posso curá-la em meu corpo astral, então... Vou indo na frente. Espero por vocês na casa de Noah.

O Demônio sumiu numa espiral prateada.

Legna decidiu:

- Jacob, Isabella também irá na frente. Vou transportá-la agora. Vocês podem ir depois.

Antes que alguém pudesse protestar, ela despachou a amiga numa nuvem de fumaça. E a seguiu numa segunda nuvem.

- A noite está terminando - Jacob disse ao ver Isabella se aproximar do altar. Ele havia ido se sentar sobre a pedra fria para esperar pela conclusão do processo de cura. - Não temos tempo para concluir a cerimônia.

- Então devemos marcar uma nova data - ela murmurou.

- Sinto muito, Isabella. Queria que esse dia fosse especial para você. Esperava até que fosse normal... quase humano!

- Tudo que pode dar errado, costuma dar errado para uma noiva no dia do casamento, Jacob. Não pode ser mais normal ou humano.
- Ah, é? Quantas noivas viram torrada depois de vencer uma batalha contra um monstro?
- Só as que esquecem de correr antes da explosão.
- É uma agonia vê-la caminhar ao encontro do perigo. Vai ter de perdoar essa porção chauvinista do meu amor, Isabella, mas nunca estarei inteiramente confortável vendo você arriscar a vida.
- E acha que é mais fácil para mim, Defensor? Ver você se expor, matar... É sempre tão difícil?
- Sempre. E se algum dia deixar de ser, comece a se preocupar. Oh, Isabella... Será que algum dia vai se arrepender por ter me conhecido?
- Aposto que sim!
- O quê?
- E acho que tenho até uma data.
- Está brincando, não é?
- Oito de setembro. Segundo Gideon, essa é a data provável do parto. E "provável" é uma palavra muito vaga para esse caso, porque, combinados todos os fatores e traços de humanos, Druidas e Demônios... Bem, é só um cálculo aproximado. Mas é certo que toda mulher se arrepende de ter conhecido o amor de sua vida quando vai dar a luz ao primeiro filho dele.
- Isabella... Está dizendo que... está grávida?
- Acha que eu poderia ter feito o anúncio com mais clareza? Não consigo imaginar como!
- Há quanto tempo sabe? Enfrentou uma batalha feroz com aquele transformado esperando meu filho?
- Nosso filho, e eu só fiquei sabendo há pouco, quando Gideon me examinou. Você está pálido, Defensor? Está tremendo!
- Não tem graça nenhuma.
- Do meu ponto de vista a imagem é bem engraçada!

Jacquelyn Frank - [Nightwalkers 01] – Jacob
(Bianca Místico 863)

- Não se atreva a rir de mim, ou vou colocá-la sobre meus joelhos e...
 - Promessas, promessas!
- Jacob riu. E se levantou para abraçar sua parceira na vida. A mãe de seu filho.
- Gideon disse se é um menino?
 - Eu não quis saber. E não se atreva a perguntar, porque vai estragar a surpresa, e então terei de espancá-lo!
 - Ah! Ela mata um ou dois Demônios e já acha que pode sair por aí dando ordens!
 - Eu ainda nem comecei! Espere só até chegarmos na etapa das fraldas e do leite azedo nas roupas!
 - Está brincando? Essa vai ser a melhor parte!
 - Tem certeza, Jacob? Depois de séculos de solidão, acha mesmo que está pronto para ter uma família?
 - Estou pronto para você e uma casa cheia de filhos! Nada me faria mais feliz.
 - Oh, Jacob! Nunca imaginei que pudesse ter tanta sorte.
 - Sorte? Se bem me lembro, você teve o azar de cair da janela!
 - Ah, mas aquilo foi o começo da sorte, porque você estava bem no meu caminho. E me pegou!
 - Não, minha flor. Você me pegou. E espero que nunca mais me solte!

FIM